



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Sílvia Alves Lemos

**A Banda Filarmónica como Associação
e meio de Animação Sociocultural:
Estudo de caso da Banda de Amares**

outubro de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Ana Sílvia Alves Lemos

**A Banda Filarmónica como Associação
e meio de Animação Sociocultural:
Estudo de caso da Banda de Amares**

Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança
Área de Especialização em Associativismo
e Animação Sócio-Cultural

Trabalho realizado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Helena Gonçalves
Leal Vieira**

outubro de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: Ana Sílvia Alves Lemos

Endereço electrónico: anasilvia_le88@hotmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 13380755

Título dissertação: **A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural: Estudo de Caso da Banda de Amares.**

Orientador(es): Professora Doutora Maria Helena Gonçalves Leal Vieira Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural.

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Expresso os meus sinceros agradecimentos a todos que, de uma ou outra forma, contribuíram para a realização e conclusão deste trabalho.

Agradeço em particular à Professora Doutora Maria Helena Vieira, orientadora deste trabalho, pelo incentivo, confiança, disponibilidade, rigor e dedicação depositados.

O meu muito obrigada à Banda Filarmónica de Amares, desde a Direção, ao Maestro Vítor Matos e aos Músicos, pela amabilidade com que me receberam e a prontidão em participar no meu estudo.

Aos meus pais e à minha irmã pelo apoio incondicional e incentivo demonstrados durante a realização deste projeto.

A todos os meus amigos pela confiança demonstrada no meu trabalho.

A todos muito obrigada!

RESUMO

A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural:

Estudo de caso da Banda de Amares.

A presente tese apresenta um trabalho de investigação relativo à Banda Filarmónica de Amares no que respeita à sua existência como Associação e como forma de Animação Sociocultural.

Na primeira parte do trabalho analisa-se os princípios básicos do associativismo, da animação sociocultural e da importância da música na animação. A dinâmica associativa fomenta o movimento social, a participação e a cidadania, refletindo-se numa organização humana. Por sua vez, a animação sociocultural é caracterizada pelo conjunto de práticas sociais que proporcionam a comunicação, a socialização e a criatividade entre as pessoas de uma determinada comunidade e que, ao atingirem os seus objetivos, podem melhorar a qualidade de vida.

Na segunda parte do trabalho descreve-se o método escolhido para a realização do estudo – Estudo de caso. Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram a entrevista, a análise documental, a observação, o inquérito por questionário e o diário de campo.

Com o cruzamento dos vários dados da investigação pode-se concluir que o associativismo não tem que significar amadorismo. Assim, a excelente formação musical dos instrumentistas torna-se numa mais-valia para o reconhecimento de que esta associação, apesar de ser “musical, artística, cultural e recreativa” oferece aos seus membros muito mais do que a simples ocupação de tempos livres e recreação. Não falhando esses objetivos a Banda de Amares, enquanto associação, abre também caminhos profissionalizantes aos seus membros, quer a nível nacional, quer internacional.

ABSTRACT

The Philharmonic Band as an Association and as a means of Social and Cultural Animation: Case Study of Amares Philharmonic Band.

This thesis presents a research on the Amares Philharmonic Band with regard to its existence as an Association and as a way of Social and Cultural Animation.

In the first section of the work, there is an analysis of the basic principles of associations, of social and cultural animation and of importance of music in animation. The dynamics of associations promote social movement, participation and citizenship, reflected in a human organization. In turn, the Social and Cultural Animation is featured by a set of social practices that provides communication, socialization and creativity among people of a particular community. When they achieve their targets, they can improve quality of life.

The second part, describes the method selected for the study - Case Study. The instruments used for collecting data were interviews, document analysis, observation, questionnaire survey and a field journal.

With the cross-checking of several research results it can be concluded that association does not have to mean amateurism. Therefore, the excellent musical education of the instrumentalists becomes an asset for the recognition that this particular association, although “musical, artistic, cultural and recreational” in its foundation documents, offers a lot more to its members than the mere occupation of free time. Despite the fulfillment of the recreational and leisure goals the Amares Philharmonic Band, as an association, also provides new professional possibilities to its members, both at a national and an international level.

ÍNDICE GERAL

	..Página
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
 Introdução	 1
Temática e Motivação	3

Primeira Parte – Enquadramento Teórico

1. Capítulo I – Origem e Formas do Associativismo e da Animação Sociocultural	
1.1. O Associativismo	9
1.1.1. Breves apontamentos sobre o associativismo em Portugal	10
1.1.2. O sentido das Associações	12
1.1.2.1. Normas para a constituição de uma associação	14
1.1.2.2. Normas básicas do associativismo	16
1.1.2.3. Tipos de associações	18
1.2. A Animação Sociocultural	20
1.2.1. A Animação Sociocultural em Portugal	21
1.2.2. Fundamentos e características da Animação Sociocultural	23
1.2.3. Relações intergeracionais	24
1.2.4. A educação formal, não-formal e informal e a Animação Sociocultural	27
1.3. O papel do animador sociocultural e do animador musical	30
1.4. Relação entre o associativismo e a Animação Sociocultural	33
 2. Capítulo II – A Música no contexto da Animação Sociocultural	
2.1. A Música como forma de animação	37
2.2. A Aprendizagem musical nas Bandas Filarmónicas	38
2.2.1. Metodologia de ensino da música nas Bandas Filarmónicas	40

3. Capítulo III – Banda Filarmónica de Amares	
3.1. História das Bandas Filarmónicas	45
3.2. Origem das Bandas Filarmónicas em Portugal	48
3.3. História da Banda Filarmónica de Amares	
3.3.1. Origem e fundação da Banda Filarmónica de Amares	50
3.3.2. A Banda Filarmónica de Amares enquanto associação	52
3.3.3. A Banda Filarmónica de Amares enquanto polo de Animação Sociocultural	54

Segunda Parte – Metodologia de Investigação

4. Capítulo IV – Metodologia de Investigação	
4.1. Objetivos do estudo	61
4.2. Fundamentação teórica da metodologia de investigação utilizada	61
4.2.1. Investigação qualitativa: Estudo de Caso	62
4.3. Desenho/Estratégia de investigação e da escolha de dados	
4.3.1. Instrumentos da recolha de dados	64
4.3.1.1. Observação direta	65
4.3.1.2. Análise de documentos	65
4.3.1.3. Inquérito por questionário	66
4.3.1.4. Entrevista	66
4.3.1.5. Análise de conteúdo	66
4.3.1.6. Diário de campo	67

Terceira Parte – Apresentação, análise e interpretação dos resultados

5. Capítulo V - Apresentação, análise e interpretação dos resultados	
5.1. Nota introdutória	71
5.2. Apresentação e análise dos resultados obtidos nos inquéritos por questionário realizados aos músicos	72
5.3. Interpretação dos dados obtidos nos questionários realizados aos músicos	88
5.4. Análise e interpretação dos dados obtidos na entrevista à direção da Banda	90
5.5. Análise e interpretação dos dados obtidos na entrevista ao Maestro da Banda	93

CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	101
ANEXOS	107

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição por sexo	72
Gráfico 2: Distribuição por faixa etária	72
Gráfico 3: Distribuição por habilitações literárias	73
Gráfico 4: Influência da Banda no ingresso no ensino universitário	73
Gráfico 5: Distribuição por profissão	74
Gráfico 6: Tempo de atividade musical	75
Gráfico 7: Formação a nível musical	75
Gráfico 8: Duração da formação	75
Gráfico 9: Idade que tinha quando entrou na Banda	76
Gráfico 10: Anos de frequência na Banda	76
Gráfico 11: Frequência em outras Bandas	77
Gráfico 12: Motivo de ingresso na Banda	78
Gráfico 13: Músicos que trouxeram elementos novos para a Banda	79
Gráfico 14: Instrumentos tocados na Banda	79
Gráfico 15: Nível da Banda	80
Gráfico 16: Grau de satisfação	80
Gráfico 17: Impacto da Banda no dia a dia a nível pessoal e/ou profissional	80
Gráfico 18: Atividades preferidas dos músicos	82
Gráfico 19: A Banda como forma de Animação Sociocultural	83
Gráfico 20: Convívio entre os elementos da Banda	84
Gráfico 21: Contributo da Banda para a divulgação e promoção de Amares	85
Gráfico 22: Animador sociocultural na Banda	86
Gráfico 23: A Banda como um lugar privilegiado de ocupação dos tempos livres dos jovens	86

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Divisão dos tipos de associações por categorias	19
Tabela 2: Localidades das Bandas pelos quais alguns músicos já passaram	77

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Legislação das Associações	109
Anexo 2 – Estatuto do Animador Sociocultural	117
Anexo 3 – Pedido de colaboração à Banda Filarmónica de Amares	125
Anexo 4 – Estatutos da Banda Filarmónica de Amares	127
Anexo 5 – Guião e transcrição da entrevista ao Maestro Vítor Matos	133
Anexo 6 – Inquérito por questionário aos elementos da Banda Filarmónica de Amares	155
Anexo 7 – Guião e transcrição da entrevista à Direção da Banda Filarmónica de Amares	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASC	Animação Sociocultural
BFA	Banda Filarmónica de Amares

INTRODUÇÃO

Esta tese de Dissertação do Mestrado em Estudos da Criança - Especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural, intitulada “A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural: Estudo de caso da Banda de Amares” tem como objetivos perceber de que forma se processa o associativismo na Banda, compreender o tipo de relações entre os elementos da Banda e de que forma é que a Banda contribui para a Animação Sociocultural da região.

Este estudo está dividido em três partes. A primeira parte refere-se ao enquadramento teórico e compreende os capítulos I, II e III: nestes, procura-se conhecer a evolução do associativismo ao longo dos tempos, tentando compreender a sua importância para a vida das pessoas em comunidade. Torna-se importante, ainda, conhecer os passos necessários para a constituição de uma associação, bem como os tipos de associações existentes e as suas finalidades, de forma a enquadrar as associações culturais e a associação analisada no presente estudo. Assim, visa-se a uma melhor compreensão e enquadramento das bandas filarmónicas enquanto associações juridicamente instituídas. No que se refere à Animação Sociocultural pretende-se analisar o conceito, a sua origem em Portugal e os seus fundamentos e características. Nesse sentido, estuda-se a interligação da ASC com a educação não-formal e informal (Capítulo I - “Origem e Formas do Associativismo e da Animação Sociocultural”).

No segundo capítulo, “A Música no contexto da Animação Sociocultural”, aborda-se a música, tentando perceber o papel que desempenha na animação e estudar a metodologia de ensino da música nas Bandas Filarmónicas.

No terceiro capítulo, designado por “Banda Filarmónica de Amares”, procura-se estudar e perceber a origem e história da Banda, quais os estatutos e legislação que a regem, bem como conhecer a Escola de Música da Banda.

A segunda parte refere-se à “Metodologia de Investigação”, que é descrita no Capítulo IV; procura-se clarificar o interesse científico que esta nos pode proporcionar para o presente

estudo. Apresenta-se ainda os objetivos gerais e específicos, as principais características da metodologia adotada, bem como os instrumentos de recolha de dados.

Na terceira parte consta a “Apresentação, análise e interpretação dos resultados” (capítulo V) que permite descrever, interpretar e compreender a realidade que se vive no objeto de estudo que se escolheu para a investigação. No capítulo insere-se todo o trabalho de apresentação, análise e interpretação dos resultados dos questionários e entrevistas realizadas.

No final, apresenta-se uma síntese conclusiva do estudo apresentado, cruzando a informação do enquadramento teórico com a análise da interpretação dos dados recolhidos.

TEMÁTICA E MOTIVAÇÃO

Apesar de a minha licenciatura ser em Educação de Infância e trabalhar na Creche de uma IPSS, como educadora de infância, com crianças de 1 e 2 anos, a música é, desde sempre, uma paixão que me acompanha e uma motivação para os vários projetos dos quais faço parte como elemento ativo e promotor de várias atividades. A frequência no Mestrado em Estudos da Criança, Especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural, do Instituto de Estudos (Universidade do Minho), contribui também para um crescimento pessoal e profissional, promotor de um maior leque de perspetivas de intervenção numa comunidade, na medida em que permite aprofundar variadas temáticas/conhecimentos, com rigor académico e científico.

No momento da definição da problemática a ser investigada na Tese de Mestrado várias foram as hipóteses; no entanto a que mais me motivou foi a música, como tema. O interesse de aliar a música ao associativismo e à ASC resulta neste trabalho - o estudo da Banda Filarmónica de Amares. A escolha da Banda foi uma sugestão da Dra. Helena Vieira, por ser uma Banda com um enorme prestígio no nosso país e também reconhecida internacionalmente através da participação em vários concursos. Para além disso, o maestro da Banda, Vítor Matos, exerce funções de professor na Universidade do Minho e assim perspetivou-se um mais fácil contacto e, posteriormente, a colaboração e cedência de informação sobre elementos da Banda e da direção.

Como se percebe, este tema de estudo é promotor de várias reflexões. Por detrás de um simples concerto da BFA há uma série de aprendizagens que são feitas; sem a ajuda e interação de todos os membros, desde a direção, professores, maestro e músicos, não é possível a apresentação de grandes espetáculos, como se pode assistir nas festas populares e romarias.

Considero este trabalho relevante uma vez que os estudos realizados neste âmbito são escassos e, do meu ponto de vista, é uma temática deveras interessante. Com a recolha da mais variada informação é possível realizar um trabalho interessante, que contribui, assim, para a divulgação do trabalho que é executado no seio das Bandas Filarmónicas, e para uma melhor compreensão do seu perfil associativo.

Primeira Parte

Enquadramento Teórico

Capítulo I

Origem e Formas do Associativismo e da Animação Sociocultural

1.1 O Associativismo

O Homem é um ser naturalmente social, solidário e dependente, que vive em grupo, inserido na sociedade. Esta sociedade, quando organizada, traça um conjunto de objetivos com vista a colmatar e/ou superar as suas insuficiências, necessidades, dificuldades, ambições, aspirações. Esta organização ou movimento social – associativismo –, através da participação ativa das pessoas fomenta a ação coletiva, a organização humana, “compartilham a crença nas virtudes cívicas e democráticas” (Viegas, 2004: 33), criando associações em que trabalham com o objetivo de ultrapassar as necessidades cada vez mais difíceis de satisfazer individualmente, numa determinada comunidade.

Desde sempre, o Homem, enquanto ser social, sentiu necessidade de se associar e a evolução do movimento associativo está diretamente relacionada com a existência, ou não, de liberdade. Os estudos acerca da evolução do associativismo são escassos. Alguns autores defendem a existência de manifestações associativas na pré-história, como é exemplo a caça coletiva, que era considerada como um ritual de sobrevivência, que passou de geração em geração, com objetivos bem delineados – cooperação. Este facto prova que a associação humana é tão antiga quanto a humanidade. Percebe-se, assim, que o homem sempre se juntou/reuniu em grupo/comunidade; no entanto isso era feito de forma pouco consciente. No entanto, só no século XIX é que o associativismo se constituiu como um fenómeno social, como corrobora Lima (2009: 37), uma vez que o associativismo, propriamente dito, foi adquirindo novas formas, passando a ser exercido num espaço físico próprio e com objetivos de intervenção diferentes, valorizando a educação e a formação/informação.

Hoje em dia as associações assumem um grande papel na sociedade, uma vez que substituem, em muitas áreas, a intervenção do próprio Estado. Monteiro (2002: 7) defende que as associações identificam-se hoje como “um conjunto de organizações que, na sua orientação, assumem objetivos de luta contra a pobreza, a exclusão social e a fragilização dos laços sociais”. São, assim, iniciativas voluntárias de promoção do desenvolvimento e valorização das comunidades locais; a sua ação permite a exploração das oportunidades, a mobilização de recursos e a intermediação entre as comunidades locais, o Estado e o Mercado.

1.1.1. Breves apontamentos sobre o Associativismo em Portugal

A informação existente acerca do nascimento concreto do associativismo português é parca e com pouca precisão. No entanto, Artur Martins descreve no texto *O Movimento Associativo Popular e a Democracia*, que o associativismo, tal como o conhecemos hoje, surge no século XVIII sob a forte influência da Revolução Industrial (1780), em Inglaterra e, também, da Revolução Francesa, entre 1789 e 1793, com as palavras de ordem: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Este pensamento aliado à ação revolucionou Portugal, levando à Revolução Liberal em 1820. A população associa-se para tentar minimizar as dificuldades por que passavam, dando respostas às suas necessidades e lutando pelos seus direitos.

A evolução do associativismo em Portugal aconteceu de uma forma vertiginosa. A necessidade que as pessoas tinham em se reunir para conseguir aceder à informação incentivou à criação de associações para os mais diversos fins, dois fortes exemplos da história portuguesa são as associações de cariz religioso, prolongando-se ao longo de toda a história e hoje em dia são conhecidas por Misericórdias. Um outro tipo de associação pioneira em Portugal foi o Grémio Literário (<http://www.gremioliterario.pt/historia.php>, acedido a 4 de janeiro de 2013), criado por D. Maria II, em 1846, por Carta Régia. O Grémio Literário surge como uma associação criada e dirigida por artistas, apresentando como objetivos combater o desinteresse da sociedade e do estado da arte e promover a cultura organizando exposições, tertúlias, cenáculos, certames artísticos.

Os fundadores do Grémio eram grandes figuras do Romantismo nacional, o historiador Alexandre Herculano (sócio nº 1), o poeta e dramaturgo Almeida Garrett, o romancista Rebelo da Silva, o dramaturgo Mendes Leal e grandes personalidades da vida política do Liberalismo, da ciência, da economia e da velha e da nova aristocracia.

Os estatutos (<http://www.gremioliterario.pt/estatutos.php>, acedido a 4 de janeiro de 2013) redigidos por Rodrigo da Fonseca citam no Artigo 1º do Capítulo I:

“Que o Grémio Literário (...) é a reunião de todos os indivíduos de conhecido mérito em qualquer ramo da ciência, literatura ou belas artes,

bem como todos aqueles que, tendo na sociedade reconhecida consideração, forem admitidos pela forma estabelecida nos presentes Estatutos”.

O Grémio Literário é uma associação que, apesar de ter objetivos muitos específicos, é constituído por um corpo associativo bastante exigente e estatutos redigidos, começa a adquirir os contornos da formação/constituição das associações dos dias de hoje, como se poderá ler mais à frente.

Uma outra visão da evolução do associativismo português está relacionada com o direito das pessoas se poderem associar. A história do associativismo português (http://www.geocities.ws/animate032000/associativismo2.htm#HISTORIA_DO_DIREITO_DE_Associativo_em_P, acedido a 4 de janeiro de 2013) pode ser dividida em quatro momentos distintos diretamente relacionados com vários marcos da história de Portugal, referentes à liberdade de associação:

- 1º Momento: Antes de 1910

O direito de associação foi reconhecido pela Constituição Portuguesa em 1822, sendo extinto pela Monarquia Absoluta dois anos depois. Entre 1838 e 1910 há uma constante alteração do direito de associação pelo Código Civil, condicionando, assim, o exercício das associações, limitando o número de associados, o âmbito das associações e os assuntos tratados nas reuniões.

- 2º Momento: de 1910 a 1926

Com a Implantação da República, em 1911 a Constituição Republicana consagrou a liberdade de associação. Nesta fase começam a surgir associações com o objetivo de lutar pelos direitos dos trabalhadores e por melhores condições de vida.

- 3º Momento: Estado Novo (de 1926 a 1974)

Este período é marcado pela forte restrição de liberdade, bem como do direito de associação, que estava dependente da autorização do Estado. Em 1940 o Estado e a Santa Sé estabelecem um acordo, autorizando a constituição e funcionamento de associações de cariz religioso. Mais

tarde, é admitida a constituição de associações que não fossem secretas e que os seus objetivos não ofendessem os direitos das outras pessoas e o bem público.

- 4º Momento: Após 1974

Com a revolução do 25 de Abril de 1974, há a restauração da liberdade de associação e de reunião, bem como a revogação dos decretos do direito de associação. Todos os tipos de associação censurados pela Ditadura voltam à atividade.

É nesta fase que grande parte das associações que conhecemos hoje foram criadas, como é o caso das associações de educação popular, as culturais e as recreativas.

A constituição de associações está diretamente relacionada com a liberdade de associação. A Democracia promove a constituição de associações e a existência de uma grande massa associativa. Por sua vez, a Ditadura inibe (em alguns casos chega mesmo a proibir) a participação das pessoas nas associações, levando à sua extinção, quer por falta de sócios, quer por imposição do Estado Governante. A liberdade de expressão e participação incentiva o funcionamento das associações.

1.1.2 O sentido das Associações

A organização social, política e económica de um país poder-se-á, de uma forma simples, considerar como resultado da actividade de três sectores: o sector público, o sector privado empresarial e o terceiro sector. (Andrade e Franco, 2007: 7)

Terceiro setor ou setor das organizações sem fins lucrativos são denominações utilizadas normalmente de forma indistinta para designar o mesmo grupo de organizações. Organizações, estas, mais conhecidas como associações.

O termo associação surge do latim *associare*, no sentido de juntar ou agrupar, tendo como raiz *socius* – companheiro. A associação é definida como um grupo organizado e democrático que resulta da (re)união geral de “uma pessoa colectiva composta de pessoas singulares e/ou

colectivas” (Mendes, 2001: 11). Com objetivos delineados e o espírito comum de trabalho, não necessita de capital monetário para a sua constituição e não apresenta interesse na divisão dos lucros. Assim, defende o Artigo 157º do Código Civil que as associações “não tenham por fim o lucro económico dos associados (...)”.

Na mesma linha de pensamento, baseado em Meister citado por Viegas (2004: 34) define associação como “o grupo de indivíduos que decidem, voluntariamente, pôr em comum os seus conhecimentos ou atividades de forma continuada”. São regidas por estatutos definidos, havendo cooperação dos elementos a fim de defender interesses sociais.

O trabalho realizado pelas associações pode ser analisado sob dois pontos de vista: (1) como um conjunto de pessoas que se reúnem e organizam para atingir um objetivo específico ou (2) para realizar uma tarefa comum ou como uma entidade, ou seja, como o conjunto de pessoas associadas numa organização, e que se mantêm unidas para a construção de algum fim ou interesse compartilhado, mediante um conjunto reconhecido e aceite de regras que regem o funcionamento da mesma.

Dependendo da finalidade de cada associação todas elas desempenham várias funções na comunidade onde se inserem. Promovem a intervenção individual e ou em grupo de forma livre e democrática, tendo em vista o exercício e alcance da cidadania; facilitam o convívio e a participação social, progredindo na reestruturação das redes de sociabilidade já existentes e na promoção de novas, de acordo com as necessidades e anseios das comunidades; permitem a ocupação dos tempos livres, difusão da cultura e do desporto e preservam a identidade, raízes e tradições locais, regionais ou nacionais.

A adesão das pessoas às associações é feita de uma forma voluntária. Ninguém é obrigado a participar e, quando participam, a sua gestão toma um rumo democrático, onde todos têm uma voz ativa. As associações assumem e orientam-se pelos princípios do associativismo, tendo em pensamento a máxima: *a união faz a força*. Todos juntos podem encontrar (boas) soluções para os vários desafios que a vida em sociedade pode apresentar.

As associações são parte integrante de uma comunidade. A inserção das associações no seio de uma comunidade está diretamente relacionada com as carências que a população apresenta. A constituição das associações é um processo que tem sido constantemente estruturado, desde que nascem até serem reconhecidas legalmente.

As primeiras associações que se formaram eram caracterizadas por não terem uma organização estruturada. Com o passar dos anos, as associações passam a ter uma existência legal de carácter jurídico e uma estrutura organizada: ficam dotadas de personalidade jurídica própria e, sendo uma entidade de direito privado, criam os estatutos, regulamentos internos e os diversos órgãos de trabalho, permitindo adquirir uma estrutura sólida de trabalho direccionado à realização dos interesses dos seus associados ou de uma finalidade de interesse social.

1.1.2.1 Normas para a constituição de associações

Segundo Mendes (2001: 11-13), as associações são compostas por cinco elementos:

1. União de pessoas físicas (no mínimo três), sendo o fator mais importante para a sua existência, permitindo criar a Direção, o Conselho Fiscal e a Mesa da Assembleia Geral;
2. A Organização Pessoal leva à existência dos órgãos adequados ao tipo de associação – a estrutura interna da associação, com objetivos estratégicos bem delineados;
3. O Objeto Comum é formulado desde o início da constituição da associação, caracterizado como sendo legal (pelas normas da justiça), possível de concretizar e com a duração temporal determinada;
4. O Fim Não Lucrativo, ou seja, nenhum dos associados tem proveito monetário dos lucros da associação;
5. Através da escritura pública e da publicação dos estatutos no *Diário da República* a associação adquire Personalidade Jurídica, podendo instaurar direitos e deveres para aplicar a terceiros. Sem este estatuto a associação não pode existir. Segundo Mendes, “a personalidade jurídica está para a associação como a vida está para a pessoa humana” (2001: 13).

Na constituição e legislação de uma associação, o mesmo autor (2001: 29-37) refere ser necessária a aquisição de personalidade jurídica, constituindo formalmente uma pessoa coletiva. A existência de vários tipos de associações leva a que a aquisição de personalidade jurídica possa ser efetuada por dois processos distintos. Um executado por via notarial, através de um instrumento público – escritura pública, constituindo o regime normal e geral; o outro processo, o administrativo é utilizado para a aquisição de personalidade jurídica das Associações de Estudantes, de Pais, Patronais e Sindicais e Religiosas, uma vez que é através de depósito dos estatutos aprovados em Assembleia Geral, com o Ministério competente.

Assim, o processo de constituição de associações é composto por seis momentos. Os primeiros dois são a Reunião de Fundação e Aprovação dos Estatutos que iniciam o momento de constituição da organização. Os fundadores da associação, ou seja, o substrato pessoal (conjunto de pessoas) une esforços e faz “nascer uma entidade supra individual, independente juridicamente dos que a compõem” (Mendes, 2001:30), agendam uma reunião de caráter informal com o objetivo de definirem o objeto social a adotar, determinam os bens, serviços e atividades que a associação vai prestar, bem como todos os seus objetivos. Escolhem o nome para a associação, a sede e outros aspetos: nome dos órgãos e tipos de sócios, joia de admissão e quota de periodicidade. Por fim, é escrita e aprovada a primeira ata (de caráter contratual) que permite vinculá-los como sócios fundadores.

Os estatutos (ato de constituição) passam a ser a “Carta Magna de Funcionamento da Associação” (Mendes, 2001: 30), “especificando ainda os direitos e obrigações dos associados, as condições da sua admissão, saída e exclusão, bem como os termos da extinção da pessoa coletiva e consequente devolução do seu património” (alínea 2. do Artigo 167 do Decreto-Lei n.º 47344/66). Há, ainda, um regulamento interno constituído por normas hierarquizadas, aprovado em Assembleia Geral, respeitando os Estatutos e as Leis do Associativismo.

O terceiro momento é a obtenção do Certificado de Admissibilidade e o Cartão Provisório que consiste na atribuição de um número nacional para as pessoas coletivas e uma exclusividade do nome da associação. Este processo está consagrado no Decreto-Lei nº 129/98, de 13 de maio.

A Escritura Pública da Associação, quarto momento, permite a obtenção do reconhecimento normativo, podendo ser feita em qualquer Cartório Notarial. A Constituição da Associação é comunicada ao Governo e ao Ministério Público e os estatutos saem em *Diário da República*.

No quinto momento, Publicações e Registos Definitivos, a associação obtém o Cartão Definitivo de Pessoa Coletiva e, em Assembleia Geral convocada para o efeito, ocorre a eleição dos Corpos Gerentes, de acordo com os Estatutos, sendo lavrada e aprovada a ata. Por fim, há as Obrigações Legais, em particular o dever fiscal: a declaração de início de atividade, feita na Repartição das Finanças.

1.1.2.2 Normas básicas do associativismo

As normas básicas do associativismo são caracterizadas por toda legislação existente. Com a instauração da democracia criou-se um ambiente propício à prática do associativismo. A legislação existente, quer nacional, quer internacional, garante o livre exercício do direito de associação como, ainda, simplifica o processo da aquisição, pelas associações, da personalidade jurídica.

No Direito Internacional a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (<http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>, acedido a 5 de novembro de 2012), aprovada a 10 de dezembro de 1948, refere no Artigo 20.º que:

1. Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas.
2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Em Portugal, o Código Civil Português, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de novembro, protege a constituição das associações e na alínea 1. do Artigo 167.º referido que:

O acto de constituição da associação especificará os bens ou serviços com os que os associados concorrem para o património social, a denominação, fim e sede da pessoa colectiva, a forma do seu

funcionamento, assim como a sua duração, quando a associação se não constitua por tempo indeterminado.

A fim de regar o direito à associação, a Legislação das Associações¹ foi aprovada através do Decreto-Lei n.º 594/74, de 7 de novembro, explicitando no prólogo as normas básicas do associativismo:

O direito à livre associação constitui uma garantia básica de realização pessoal dos indivíduos na vida em sociedade. O Estado de Direito, respeitador da pessoa, não pode impor limites à livre constituição de associações, senão os que forem directa e necessariamente exigidos pela salvaguarda de interesses superiores e gerais da comunidade política. No processo democrático em curso, há que suprimir a exigência de autorizações administrativas que condicionavam a livre constituição de associações e o seu normal desenvolvimento.

O direito à constituição de associações passa a ser livre e a personalidade jurídica adquire-se por mero acto de depósito dos estatutos. Exige-se das associações que se subordinem ao princípio da especificidade dos fins e ao respeito pelos valores normativos que são a base e garantia da liberdade de todos os cidadãos. Revogam-se, assim, expressamente os Decretos-Leis n.ºs 39660, de 20 de Maio de 1954, sobre “controle” administrativo das associações, e 520/71, de 24 de Novembro, que sujeitou as cooperativas, em certos casos, ao regime das associações.

Em outubro de 1976, a *Constituição da República Portuguesa*, faz referência à “Liberdade de associação” no Artigo 46.º:

1. Os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal.
2. As associações prosseguem livremente os seus fins sem interferência das autoridades públicas e não podem ser dissolvidas pelo

¹ Ver anexo 1

Estado ou suspensas as suas actividades senão nos casos previstos na lei e mediante decisão judicial.

3. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação nem coagido por qualquer meio a permanecer nela.

4. Não são consentidas associações armadas nem de tipo militar, militarizadas ou paramilitares, nem organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.

Por último, a *Convenção Europeia dos Direitos do Homem* (<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhregionais/conv-tratados04-11-950-ets5.html>, acedido a 5 de novembro de 2012), aprovada para ratificação, pela Lei n.º 65/78, de 13 de outubro, no que respeita à “Liberdade de reunião e de associação”, Artigo 11.º esclarece:

1. Qualquer pessoa tem direito à liberdade de reunião pacífica e à liberdade de associação, incluindo o direito de, com outrem, fundar e filiar-se em sindicatos para a defesa dos seus interesses.

2. O exercício deste direito só pode ser objecto de restrições que, sendo previstas na lei, constituírem disposições necessárias, numa sociedade democrática, para a segurança nacional, a segurança pública, a defesa da ordem e a prevenção do crime, a protecção da saúde ou da moral, ou a protecção dos direitos e das liberdades de terceiros. O presente artigo não proíbe que sejam impostas restrições legítimas ao exercício destes direitos aos membros das forças armadas, da polícia ou da administração do Estado.

Torna-se claro, através da legislação, que qualquer pessoa pode pertencer a uma associação, tendo de aceitar e respeitar os estatutos pelas quais são regidas.

1.1.2.3 Tipos de associações

Como foi dito anteriormente, as associações são criadas com o fim de promover a intervenção individual ou em grupo de uma forma livre e democrática, preservar a identidade das raízes e tradições e fomentar o convívio e participação social, bem como defender os interesses ou as

fragilidades de um determinado grupo de pessoas. Como é do conhecimento geral, em Portugal existe um grande número de associações criadas. João Marrana (2011: 8-9) baseado em Victor Mendes e na sua separação conforme o objeto social, apresenta uma divisão dos vários tipos de associações existentes consoante categorias.

Tabela 1: Divisão dos tipos de associações por categorias

Categorias	Exemplos
Culturais, recreativas, tempos livres	Música em geral, bandas filarmónicas, teatro, artes, grupos corais, cineclubes, folclore
Desporto	Clubes desportivos ecléticos ou de uma única modalidade, associações regionais, federações
Ação Social	IPSS, mutualistas, misericórdias, família, deficientes, proteção da infância, 3ª idade
Humanitárias, Religiosas, Caridade	Bombeiros, caritas, cruz vermelha
Políticas, Intervenção e Reivindicação	Políticas, desenvolvimento local, mulheres, cívicas e direitos humanos
Representação de interesses	Sindicais, empregadores
Emigrantes e imigrantes	Comunidades portuguesas
Educação e Formação	Pais, estudantes, ex-alunos, escuteiros, educação popular, alfabetização, escolas profissionais, ensino especial, ciências, bibliotecas, informação
Saúde	Doentes e familiares, dadores de sangue, liga de amigos de hospitais, luta contra adições, ajuda médica ao domicílio, investigação médica
Ambiente e património	ONGA, defesa do património
Prestação de Serviços aos associados e de interesse económico	Empresariais, agricultores, caçadores, pescadores, confrarias, clubes de emprego, distribuição e comercialização de produtos de associados – artesãos
Consumidores e utentes	Consumidores, utentes de serviços públicos ou privados
Solidariedade, Cooperação e	Atividades internacionais, missões e ONGD

Desenvolvimento	
Proximidade e Vizinhança	Condomínio, moradores, gestão equipamentos, prestação de serviços ao domicílio

Com o passar do tempo, o movimento associativo ganha expansão, sendo considerado o ponto de partida para o desenvolvimento da sociedade. O facto de haver uma junção de interesses comuns reflete-se no comportamento social dominante. Os vários tipos de associações espelham a organização da sociedade e apelam à responsabilidade e intervenção das pessoas nas diversas vertentes da vida social, exercendo a cidadania.

É em sociedade e através de modelos e dinamismos culturais que favorecem a participação, aumentam a solidariedade e permitem novas formas de comunicação, através dos sentidos, da intuição, dos sentimentos, onde a iniciativa pessoal ou em grupo é considerada como a base da cultura mais popular e democrática.

A par das atividades em associações surgem também as atividades lúdicas, recreativas e culturais, entre outras, como forma de ocupação dos tempos livres. Esta alternativa cultural incentiva a participação de todos e acaba por inspirar a ASC, que aparece como resposta face à sociedade em crise.

1.2 A Animação Sociocultural

Antes de se fazer qualquer estudo acerca da Animação Sociocultural (ASC) é necessário analisar o conceito e todas as palavras constituintes: “Animação”, “Sócio” e “Cultural”. *Animação* é a ação ou o efeito de animar as pessoas ou de tornar agradável qualquer espaço através de atividades.

Por sua vez, *Sócio* refere-se à *comunidade* onde se faz animação. Este termo designa o âmbito, o tipo de intervenção e até a finalidade, próprios da ASC, uma vez que esta não se dirige à sociedade em geral, mas a coletivos concretos – comunidades.

O conceito de *Cultura* é o centro de muitos estudos realizados na ASC. Este conceito é considerado dos “mais ricos e cheios de matizes e de acepções” e atravessa múltiplas disciplinas e ciências, tais como: antropologia cultural, biologia, etnologia, sociologia, pedagogia (Monterín, citado por Trilla, 1997: 20). Por sua vez, Taylor, citado por Trilla (1997: 20) enuncia que cultura “é o modo complexo que inclui conhecimentos, convicções, arte, leis, moral, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem na qualidade de membro de uma sociedade”. De acordo com o mesmo autor, de uma forma mais simples, cultura são todos os conhecimentos, valores, tradições, costumes, formas de relacionamento que se transmitem de geração em geração, na vida social, sendo adquiridos através de aprendizagens.

A expressão *Animação Sociocultural* encerra em si um enorme leque de definições, tornando-a unívoca. Define-se, então, como o conjunto de atividades realizadas por uma comunidade que promove aos seus membros uma “atitude de participação activa”, permitindo o desenvolvimento social e cultural do grupo (Trilla, 1997: 26).

A ASC é caracterizada por promover ações e atividades do tipo cultural, social, educativo, lúdico e recreativo que, através de uma prática educativa, planificada e orientada pelos animadores, se transformam em ações sociais. A participação ativa das pessoas nas atividades planeadas (numa pedagogia participativa) promovidas no seio da comunidade, permitem uma melhor qualidade de vida.

1.2.1 A Animação Sociocultural em Portugal

É difícil identificar uma data concreta para determinar a origem da ASC em Portugal. É certo que sempre houve diferentes espaços e tempos para a “festa” ou para o recreio: o que denominamos por Animação. A origem da Animação é imprecisa, “é considerada como sendo temporalmente indeterminada se a considerarmos como uma manifestação difusa de criatividade e de integração social”. No entanto, torna-se mais precisa se a considerarmos como uma metodologia ligada à intervenção nos campos social, político, educativo e cultural (Garcia citado por Lopes, 2006: 135).

Tendo por base este último sentido, a ASC surge com uma forte expressão na segunda metade dos anos 70, depois do 25 de Abril de 1974. No entanto, alguns estudos revelam antecedentes na Primeira República, entre 1910 e 1926, prolongando-se pela Ditadura Militar e pelo Estado Novo, de 1926 até 1974, tendo como objetivo responder a “problemas derivados da identidade cultural, integração, participação, comunicação, socialização, relação, educação” (Lopes, 2006: 135). Por estas datas é possível fazer uma comparação com a história do associativismo e perceber a evolução conjunta que houve. A ASC alicerça-se numa intervenção centrada no processo, em que o envolvimento das pessoas e da população no seu quotidiano leva a resoluções e reflexões sociopolíticas que interferem diretamente na sua vida pessoal e comunitária.

Na Implantação da República, o combate ao analfabetismo incentivava várias iniciativas de educação e cultura popular (educação não-formal) fazendo de uma pequena atividade um “convívio participado e partilhado por pais, alunos e professores” (Lopes, 2006: 96). Assim, formava-se um sistema de ensino progressista e vanguardista permitindo alterar o quadro de sistema educativo, que possibilitava que a ASC reconhecesse novos avanços significativos. Com a queda do Regime Salazarista, a ASC ganha um ânimo novo, sendo visível nos movimentos juvenis e populares, nas organizações ligadas à Igreja Católica, implementando-se na vida social e cultura do nosso país que se expressou e continua a expressar-se “com a finalidade de promover a melhoria das condições de vida através do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos mesmos” (Lima, 2009).

Lopes citado por Costa (2008: 24-25) apresenta a evolução da ASC através de uma divisão por diferentes fases a partir do 25 de Abril de 1974 (com uma política democrática):

1. A fase revolucionária da Animação Sociocultural - período compreendido entre 1974 a 1976;
2. A fase constitucional na Animação Sociocultural em Portugal – entre 1977 e 1980;
3. A fase patrimonial da Animação Sociocultural – entre 1981 e 1985;
4. A fase de transferência da Animação Sociocultural do poder central para o poder local – entre 1986 e 1990;
5. A fase multicultural e intercultural da Animação Sociocultural – entre 1991 e 1995;

6. A fase da Animação Sociocultural no contexto da globalização – com início em 1996 até ao presente.

Com o fim da Ditadura Militar, pós 25 de Abril de 1974, a ASC começa por sofrer uma revolução nos seus fundamentos, evoluindo no sentido de se instituir como parte fundamental da comunidade, promovendo a cultura, a liberdade de expressão e a vida social.

1.2.2 Fundamentos e características da Animação Sociocultural

A ASC pode ser caracterizada por distintas formas. Trilla (1997: 25-26) apresenta sete formas de a caracterizar, no entanto estas podem ser reunidas em apenas três:

- A ASC como ação, atividade ou prática social – refere-se ao que animador promove, desde atividades ou práticas sociais desenvolvidas em comunidade;
- A ASC como metodologia ou processo – salienta o aspeto elaborado/planificado, metódico da intervenção e a sucessão evolutiva e progressiva de acontecimentos;
- A ASC como fator e função social – qualquer atividade realizada pela comunidade gera um produto/resultado que irá motivar para novos resultados ou processos. Com o trabalho em comunidade, a ASC une as pessoas que participam nas atividades, fortalecendo laços;

As atividades realizadas na ASC surgem, maioritariamente, no campo da educação não-formal, uma vez que dão atenção às necessidades e aos interesses da comunidade alvo, utilizam metodologias ativas e participativas, sem grandes exigências académicas e administrativas para a realização das atividades. Com estas atividades é possível abranger várias dimensões – cultural, social, participação e associativismo e aspetos pessoais e educativos. Neste momento interessa para o estudo as duas primeiras, ficando as restantes para estudar mais para o final. A dimensão cultural, como o próprio nome indica, favorece o desenvolvimento cultural, permite a procura da identidade cultural e a democracia, reforça a igualdade de oportunidades entre as culturas. A dimensão social luta pelo desenvolvimento social, comunitário e pela igualdade social, podendo levar a uma melhor qualidade de vida.

Através destas dimensões, a ASC tem finalidades bastante genéricas, como a transformação da sociedade, a formação das pessoas intervenientes nas atividades, a autogestão social – o que é social e culturalmente desejável. Na ASC torna-se importante salvaguardar a identidade de cada um. Ao desenvolver ações culturais e sociais é o ponto de partida para o respeito da diferença, permitindo a igualdade entre todos. Este trabalho de encontro, convívio e participação em comunidade estimula e permite as relações intergeracionais.

1.2.3 Relações intergeracionais

Define-se relações intergeracionais como a convivência entre duas (ou mais pessoas) que se encontram em diferentes fases da vida, implicando o seu reconhecimento e identificação, de modo a entenderem a plenitude e especificidade de cada um (Oliveira, 2011: 4). Neste sentido, as relações intergeracionais são vínculos que se criam entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, o que possibilita a partilha e o cruzamento de experiências e contribui para a multiplicidade.

Com esta definição é fácil constatar que as relações intergeracionais começam logo em casa de cada indivíduo, no seio da sua família. A relação existente entre os pais e filhos, avós e netos é um exemplo concreto das relações entre pessoas de gerações diferentes. É um vínculo que ocorre em qualquer local, sem qualquer tipo de formalidade; apenas deve basear-se na partilha de episódios ou experiências de vida para que o mais novo aprenda com o mais velho e o mais velho cultive/preserve as suas capacidades com os mais novos.

O estudo das relações intergeracionais têm feito crescer um interesse e uma preocupação geral em torno do conceito, contribuindo para um aumento de estudos e pesquisas na área. A importância dada aos estudos relativos às relações intergeracionais impulsiona a existência e o desenvolvimento do maior número de estudos e pesquisas realizadas nos últimos 60 anos. Em Portugal, o processo de evolução está a decorrer de forma lenta; no entanto, são de louvar os últimos investimentos na área.

Com o surgimento dos primeiros estudos sobre relações intergeracionais é que, realmente, se começou a dar mais importância à temática. No entanto, como é fácil de perceber, este tipo de relações sempre existiu. A família é o núcleo onde as relações intergeracionais se processam de forma natural.

Os estudos existentes relatam a forma como se processam as relações intergeracionais ao longo de determinadas fases da história. Oliveira (2011: 5) enuncia cinco fases distintas, que se encontram relacionadas com as alterações de que a sociedade tem sido alvo, bem como com as mudanças que vão surgindo no seio da família:

- Entre os anos 40 e 60, no período da II Grande Guerra Mundial, houve grandes alterações de estrutura e funcionamento familiar. Os avós passaram a ter um lugar de destaque, substituindo os pais;
- Nos anos 60 há uma generalização do modelo de núcleo da família, graças ao aumento da taxa de natalidade e do número de casamentos, e anula a posição dos avós, afastando-os para segundo plano;
- Na década de 70, o papel dos avós volta a ter destaque, uma vez que o número de divórcios, as grávidas adolescentes, as famílias monoparentais e a entrada da mulher para o mundo de trabalho aumentou, dando ênfase à ideia de que os avós são a base do equilíbrio familiar;
- Nos anos 80, a imagem da pessoa e ser humano dos mais velhos destaca-se como peça fundamental para a sobrevivência da instituição da família;
- Na década de 90, a vantagem do convívio entre avós e netos é enfatizado graças à existência de um modelo familiar alargado.

Hoje em dia, as relações intergeracionais que ocorrem não têm apenas como personagens os avós e os netos, mas qualquer pessoa que não pertença ao seio familiar. As escolas/jardins de infância promovem várias atividades com lares e centros de dia. O convívio entre estes dois grupos de idades distintas promove várias atividades e momentos de partilha, quer de histórias, experiências ou saberes. Importa, assim, conhecer a forma como estas relações são estabelecidas num grupo que exista há vários anos e que se encontrem sistematicamente.

O envelhecimento populacional é um fenómeno universal e uma realidade cada vez mais presente. Para o indivíduo é uma experiência individual que faz parte do percurso de vida e que ocorre no contexto de um grupo social, cultural e afetivo.

O envelhecimento é uma etapa da vida de cada ser, durante a qual acontecem modificações que afetam a relação do indivíduo com o meio. É notório o processo de perdas e ausências de papéis sociais, independentemente da classe social a que se pertença, e no seu núcleo familiar. O isolamento é um fator de envelhecimento que leva a que os idosos se sintam sós, sem autoestima, com um sentimento de não-valor e não-identidade. A participação do idoso numa atividade ajuda a combater a solidão e o pensamento de incapacidade e promove as relações sociais entre gerações. Neste contexto, a vida em comunidade surge como o “tratamento eficaz na resolução de conflitos e emoções, podendo ser expressos e reactivados por meio da música”, ou outras atividades, proporcionando momentos num espaço e tempo, aumentando as possibilidades de educação permanente. (Reis, 2010: 34).

Neste caso, as atividades práticas são utilizadas como um ativador da memória e a fase de envelhecimento que o idoso possa estar a passar faz com que o tempo de interação com os outros seja encarado com um outro olhar, possibilitando a reconstrução de passagens dos seus tempos de juventude e a recuperação da sua identidade. Esta consciência partilhada da forma de vida que acontece no seio das relações proporciona uma sensação de estimulação e acolhimento.

Com recurso a atividades das mais variadas formas e temáticas, a comunidade, ou seja, o grupo social, que partilha características e interesses comuns, desenvolve um processo interativo de formação/educação. Esta educação é a base do trabalho desenvolvido na ASC, não se pode separar a ASC da sua vertente educativa.

1.2.4 A educação formal, não-formal e informal e a Animação Sociocultural

Assumindo, então, que a animação sociocultural adota uma vertente educativa quando desenvolve atividades numa determinada comunidade, falta caracterizar o tipo de educação – formal, não-formal, informal - que tem por base.

Quando se desenvolve alguma atividade, independentemente do meio, tem-se como objetivo a transmissão ou troca de saberes entre os vários intervenientes, tendo sempre em atenção os interesses e necessidades de cada um. Assentando na definição de Lopes (2006: 395), a educação é como “algo mais do que proporcionar conhecimentos. Educar é ter em atenção os ritmos, a diversidade. A ligação do indivíduo à comunidade e, por isso, o ato de educar não deve estar confinado à oferta das instituições educativas formais”.

A educação é um processo que ocorre durante toda a vida do ser humano, comprometendo o seu desenvolvimento global e que está diretamente relacionada com os seus diferentes ciclos de crescimento. No entanto, é de salientar que não se pode confundir educação com escolaridade. A educação adquire uma personalidade ontogénica e filogénica, uma vez que surge antes da Escola (instituição), ou seja, antes de existir a Escola já havia práticas educativas; e antes de qualquer pessoa ingressar na vida escolar, desde que nasce, cresce envolto em métodos educativos. De forma a equilibrar/valorizar a ligação do ensino à vida o sistema educativo apresenta uma conceção triádica: educação formal, não-formal e informal.

A **educação formal** está diretamente ligada ao sistema educativo do país, apresenta um currículo definido com objetivos estruturados, conteúdos, requisitos e atribuição de títulos e diplomas. É exercida com intencionalidade e com um cenário formal: a sala de aula, apresenta, ainda, regularidade e sequencialidade na sua execução.

Por oposição, a educação **não-formal** é caracterizada por ser sistemática e estruturada, no entanto, não está inserida no sistema educativo, ficando à margem do reconhecimento e regulação oficial. Valoriza-se a relação interpessoal, a sua tendência educativa pende para o pluralismo e para a partilha vivencial, proporcionando relações e aprendizagens intergeracionais. Um exemplo claro desta vertente educacional é a educação do tempo livre. Na perspetiva de

Lopes (2006: 406) a “educação formal e a educação não-formal estão interrelacionadas”, de uma forma convencional, pelo espaço físico, neste caso a escola ou fora da escola, assumindo uma “evolução paralela na formação humana”.

Por fim, a **educação informal** é referente a todos os processos que em intencionalidade educativa explícita influenciam as condutas, os valores e reconhecimentos de uma forma não sistemática. Como se percebe, é um processo que ocorre ao longo da vida onde os indivíduos adquirem atitudes, valores a partir de experiências diárias e influências do seu meio (família, vizinhos, meios de comunicação). Neste contexto a ASC potencia as relações entre os vários elementos da comunidade, fortalecendo os laços comunitários e familiares, através de jogos, festas, convívios e enquadra a informação que é transmitida pelos meios de comunicação.

Quer a educação formal quer a educação não-formal apresentam em comum a particularidade de desenvolverem atividades organizadas e sistematizadas, de cariz intencional, (características contrárias à educação informal). De qualquer forma, a partilha de saberes e experiências que ocorre em qualquer dos três âmbitos da educação, deve ser “valorizada de igual forma, na medida em que exerce a sua influência da mesma maneira, no ser humano que dela usufrui, num processo interactivo com a comunidade”, como defende Gomes (2002: 49).

No caso da música, o desenvolvimento informal de competências e conhecimentos musicais por parte das crianças auxilia a instrução nas escolas de música ou academias (ensino formal). Assim, as práticas formais e informais complementam-se. Ferreira e Vieira (2013: 95) defendem que o que “distingue as práticas formais das informais são os processos de ensino e aprendizagem valorizados” e não tanto os locais tradicionalmente associados ao ensino formal (espaço escola) e informal (espaço extraescolar).

As mesmas autoras (idem, ibidem) citam os estudos levados a cabo por Lucy Green e Edwin Gordon e defendem que as mesmas metodologias podem ser usadas em diferentes contextos “através de dinâmicas de imitação, repetição e incentivo constante (...), em casa, grupos associativos ou outros espaços”.

Assumindo como ponto de referência a divisão em três áreas do universo educativo: educação formal, não-formal e informal, a ASC adquire características das três áreas. No entanto, a educação não-formal potencia o incentivo e a motivação da educação formal por meio de atividades que proporcionam “sentido, partilha, interacção e envolvimento ao acto de educar” (Lopes, 2006: 406), fomentando o interesse dos conteúdos em favor das áreas do saber formal. Trilla (1997: 406-407) cita Ventosa afirmando que a

Animação Sociocultural constitui um novo paradigma educativo susceptível de se converter numa alternativa capaz de dinamizar e mediar a educação formal e a não-formal, a escola e o meio, a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades e valores.

Por outro lado, as características da ASC relacionam-se diretamente com as características que os processos educativos não formais costumam ter:

Dar atenção às necessidades e aos interesses concretos das populações receptoras, utilização de metodologias activas e participantes, escassas ou nulas exigências académicas e administrativas para a inclusão nas actividades, conteúdos geralmente muito contextualizados, pouca uniformidade quanto a espaços e tempos. (Trilla, 1997:33)

Nos dias que correm, há cada vez mais meios e formas para aprender. Este processo torna-se num exercício feito através da reciclagem e da atualização de conhecimentos e da sua assimilação. A sociedade onde estamos inseridos apresenta múltiplas oportunidades de aprendizagem. A instituição Escola, o professor e a Educação começam a sofrer as consequências. Como afirma Reis (2010: 20) torna-se imprescindível “saber comunicar, saber pesquisar (...) saber articular os conhecimentos com a prática e ser aprendiz autónomo e à distância”.

Nesta linha de pensamento, o professor torna-se mediador do conhecimento e organizador da aprendizagem. Os alunos (re) constroem o conhecimento a partir da prática, são sujeitos ativos, autodisciplinados e motivados. Percebe-se, pois, que a motivação e a satisfação pelo processo

são o motor de arranque para que o aprendente possua autonomia e total controlo sobre a sua aprendizagem.

No contexto da ASC este processo de transmissão de conhecimentos ou organização e planificação de atividades é levada a cabo pelo animador sociocultural.

1.3 O papel do animador sociocultural e do animador musical

A ASC considerada, não como uma atividade, mas como uma metodologia de intervenção, recorre a técnicos. Como foi dito anteriormente, **animação** é o *acto de animar/comunicar*. Seguindo este pensamento, **animador**² é o sujeito que orienta a animação, que intervém junto de uma comunidade ou grupo, recorrendo à utilização de várias técnicas de animação visando a integração através da atividade social e cultural.

Baseado em Ander-Egg (2000: 396) o animador sociocultural deve ser uma pessoa com temperamento e carácter, com atitudes especiais e um comportamento que respeite os valores que configuram o seu estilo de vida. Trabalha predominantemente com os jovens e com a população adulta e utiliza ferramentas de índole cultural já existentes ou enraizadas na comunidade. Apresenta como objetivo a alcançar a participação consciencializada da população da comunidade, estimulando-a a desenvolver a imaginação, a criatividade a fim de resolver os problemas individuais e coletivos.

Como se compreende, não é qualquer pessoa que pode ser animador. João Marrana (s.d.: 7) destaca várias normas para se ser animador:

- Não pode “animar” quem não está animado;
- Não pode “animar” quem é incapaz de infundir “animação”;
- Não pode “animar” quem não acredita que os outros podem “animar-se”;
- Não pode “animar” quem não é capaz de estabelecer relações interpessoais produtivas e gratificantes.

² Ver Estatuto do Animador Sociocultural - anexo 2

Segundo Marcelino Lopes (2006: 172), para desenvolver uma correta ação de animação, deverá o animador ter ou adquirir algumas características. Destaca-se a importância de estar inserido no meio onde irá desenvolver as atividades e de ser capaz de conquistar a confiança e o apoio da população com que trabalha, sem, no entanto, passar a imagem de líder de grupo. Deve ser capaz de se adaptar às características do grupo, ter uma visão progressista, consciencializando-se da importância da participação e da criação das comunidades. O animador adquire a consciência de que o seu trabalho não é compatível com horários rígidos, nem com uma mentalidade demasiadamente burocrática. A sua linguagem deve ser clara e adaptar-se às formas de comunicação da comunidade. É de realçar que o animador “procura não dar receitas, nem respostas, estimulando o grupo a agir”.

Tendo em conta que a ASC e em particular a Animação Musical, esta é uma forma de intervenção social, cultural e educativa. E tal como Reis (2010: 38) a firma: “deve ser entendida de uma forma global, possibilitando o desenvolvimento de estratégias concertadas como respostas aos novos desafios e realidades da sociedade”. Assim, o animador musical, como animador social, deve ocupar o lugar do mediador e do potenciador de autonomia, tomar consciência da sua realidade e encontrar formas de resolver e transformar as condições da sua existência.

Reis (2010:38-39) aponta como objetivos do animador musical:

- Descobrir e aprofundar as atitudes e possibilidades do tempo livre como espaço educativo e lúdico;
- Dominar ferramentas e estratégias essenciais no desenvolvimento da animação de crianças, jovens, adultos e terceira idade;
- Desenvolver competências parentais através da educação, dinamização e treino de estratégias de controlo comportamental, visando a melhoria das diferentes interações;
- Favorecer e facilitar o desenvolvimento social, cultural e físico através da elaboração de exercícios e jogos musicais;
- Permitir a descoberta das capacidades expressivas, favorecendo a imaginação criativa e comunicativa, através da interpretação musical;
- Possibilitar a aprendizagem de noções e conhecimentos da linguagem musical, da voz e do movimento, como meio de expressão e comunicação;

- Desenvolver o potencial intuitivo;
- Estimular a disciplina, desenvolver a participação ativa e trabalho em grupo, organizando o modo de trabalhar a música;
- Desenvolver competências de conceção, dinamização e avaliação de sessões em formato de formação não formal e informal;
- Desenvolver a observação e análise crítica da realidade quotidiana tendo em conta a igualdade de oportunidades;
- Relacionar a música com outras áreas de expressão;
- Avaliar a utilização do tempo livre por ambos os sexos e os fatores que contribuem para o sexismo na prática da educação não formal;
- Conhecer e utilizar recursos adequados para a sensibilização desta problemática, eliminando a discriminação e desigualdade em função do sexo;
- Reconhecer a importância do património cultural quer em termos de preservação da identidade cultural de um povo, no âmbito das práticas da animação musical.

O animador promove o desenvolvimento das vertentes pessoal, social e profissional de cada recetor, adequando, sempre, as estratégias e a animação ao seu binómio de “educação/animação”. Os animadores recorrem cada vez mais à música para desenvolver a espontaneidade, a curiosidade, a comunicação, a capacidade motivadora e provocadora e a interdisciplinaridade que pode assumir com outras formas de animação. O facto de a música ser uma linguagem universal, a sua potencialidade lúdica e as inúmeras possibilidades de expressão eleva a música ao topo dos recursos da animação.

O animador sociocultural transporta consigo uma alegria e o prazer da diversão/ animação, podendo contagiar e conduzir à satisfação da comunidade, melhorando a sua qualidade de vida. A relação que existe no seio da comunidade é parte fundamental para a partilha de emoções, de experiências e vivências. Estes pequenos momentos num ambiente de partilha não-formal geram e promovem a educação e a formação de indivíduos.

1.4 Relação entre o Associativismo e a Animação Sociocultural

A história do associativismo e da ASC andam a par uma da outra, como se pode concluir pelo estudado anteriormente. A evolução histórica do associativismo e da ASC em Portugal foi fortemente marcada pelas políticas governantes que exerciam funções. A ASC é uma estratégia de intervenção que tem como objetivo promover a participação e dinamização social. A utilização de processos de responsabilização dos indivíduos na gestão e direção dos seus próprios recursos é uma característica do associativismo.

O associativismo e a ASC desenvolvem um trabalho em conjunto. O primeiro toma consciência das carências e necessidades de um determinado grupo e o segundo recorre à motivação para procurar as respostas necessárias às carências manifestadas. Associar-se é uma mais-valia para levar a cabo as mudanças e transformações da sociedade.

Se os indivíduos participantes forem os protagonistas do desenvolvimento irão fortalecer a sociedade civil, tendo em vista o desenvolvimento comunitário. Através da participação há uma tomada de consciência em relação à mudança pessoal e estrutural dos indivíduos participantes.

Trilla (1997:27) relaciona a ASC com o associativismo através da participação que os vários intervenientes assumem numa determinada comunidade. Esta participação favorece e fortalece a construção do tecido social e contribui para a estruturação da sociedade, impulsionando o conjunto de relações comunitárias. Estimula novas formas de relacionamento social e da comunicação através da participação social e cultural. Todos estes elementos facultam a auto-organização da sociedade, a democracia e constroem uma sociedade aberta, permitindo o desenvolvimento do associativismo.

Capítulo II

A Música no contexto da Animação Sociocultural

2.1 A Música como forma de animação

Passando agora para uma outra temática do estudo, no entanto relacionada com a anterior, a Animação Musical é caracterizada por ser uma vertente da ASC, com vários objetivos, destacando a intervenção social, cultural, recreativa e educativa.

A música existe desde sempre, é uma expressão espontânea de vida, um meio de comunicação que sofreu transformações pelo ser humano, até se tornar numa arte. É considerada uma prática cultural e humana, que assumiu um importante papel na animação, nos tempos livres ou de lazer e ainda como forma de agradecimento ou incentivo em acontecimentos históricos.

Considerando, assim, que a ASC se insere no campo da educação não-formal, a música é vista numa perspetiva de convívio, partilha e socialização, tornando-se num veículo de união da comunidade, proporcionando uma sensação de bem-estar, realização e educação dessa mesma comunidade. Ventosa, citado por Reis (2010: 22) refere que a música é parte integrante da ASC, é “uma fonte inesgotável de prazer e diversão”. O objetivo pedagógico, a cooperação e a troca de saberes possibilitam, às diferentes faixas etárias existentes na comunidade, o enriquecimento, a facilidade de integração e a partilha intergeracional. Gomes (2002: 78) acrescenta, ainda, que “o relacionamento com outras comunidades, gerado a partir da componente divulgação cultural, proporciona momentos excelentes de educação intra e inter grupal”, uma vez que todos aprendem e todos ensinam.

Desta forma, as bandas filarmónicas apresentam diferentes faixas etárias, essencialmente juvenil e adulta, com um espaço de intervenção rural e/ou urbano e como a sua pluralidade de âmbitos passam pela educação musical, pela ocupação dos tempos livres, pela comunidade e pela conservação do património português, assim, as bandas com a sua metodologia, dimensão e interação contribuem para o associativismo e voluntariado, para a preservação do património cultural, promoção da localidade onde se insere, na valorização e formação dos jovens e na ocupação dos tempos livres.

2.2 A Aprendizagem musical nas Bandas Filarmónicas

Sendo a música uma arte, com a sua evolução torna-se num excelente recurso educativo, uma fonte de expressão, estímulos e diversão, e os seus benefícios, comumente aceites, são inúmeros:

- A musicalidade aumenta o poder de concentração e a disciplina;
- Estimula a sensibilidade e a expressão;
- Potencia o desenvolvimento do raciocínio lógico, a memória, a comunicação e a criatividade;
- Favorece o desenvolvimento integral da personalidade;
- Fortalece o equilíbrio emocional, social e os movimentos motores.

A música é considerada como uma das mais poderosas formas de comunicação, sendo a animação musical um forte exemplo no contexto da ASC, um importante elemento no desenvolvimento individual ou coletivo do ser humano. Boal citado por Serapicos (2011: 28) afirma que “a maioria de nós participa em actividades musicais – ouvir, cantar, tocar ou dirigir – porque a música tem a capacidade de suscitar emoções profundas e significativas”.

Os processos de ensino associados aos novos métodos pedagógicos inseridos nas novas técnicas de aprendizagem da música para as crianças e jovens são um estímulo para o desenvolvimento social e cultural, produzindo resultados exemplares na formação dos jovens. Este processo de ensino da música, no caso das associações, é caracterizado pela sua não-formalidade, uma vez que o animador musical/professor incentiva/motiva o gosto pela música e a sua aprendizagem é feita através da criatividade e sensibilidade na forma como lida com os mais novos.

Como sabemos, os mais jovens estão mais predispostos a mudanças e os primeiros sinais de afirmação e identidade surgem nesta fase. Segundo Lopes (2006: 318), há a tentativa de “libertação da tutela e do controlo familiar. O sentimento de pertença a um grupo, normalmente regido por normas como as de noção de marca, a cultura de imagem, as tendências musicais e estéticas” proporcionam aos jovens uma sensação de liberdade, procura do desconhecido e mobilidade constante; a promoção do associativismo incentiva à socialização, motivando

aprendizagens na área da democracia, da cultura, do recreio e do ócio; a participação em programas de animação faz com que os jovens se sintam protagonistas e não elementos passivos.

O incentivo na aprendizagem de um instrumento musical na adolescência favorece diversas habilidades motoras e auditivas e abre caminhos a uma carreira profissional ligada à música. No livro *Crescer nas Bandas Filarmónicas*, Graça Mota (2008: 80) transcreve de uma das entrevistas:

Eu gostei muito da experiência de ser monitora na escola de música... e depois como realmente tive oportunidade de ir para a Banda... e tive aquela oportunidade de trabalhar com crianças. Eu acho que se não tivesse sido a Banda realmente não tinha tomado estas opções. Porque nunca me imaginaria a dar aulas.

Estudos comprovam que os aspetos intelectuais, emocionais, sociais e motores “são mais desenvolvidos quanto mais ricos forem os estímulos”. Estes estímulos – a aprendizagem musical – aumenta, ainda, “outras dimensões cognitivas como habilidades espaciais, a matemática, a linguagem verbal” (Reis, 2010: 33). Na aprendizagem musical objetiva-se que o jovem sinta o ambiente musical, que crie novos sons e instrumentos, que seja capaz de compor e coordenar ritmos, fazendo-o crescer em harmonia com o mundo e com os outros.

Analisando a capacidade que as várias faixas etárias têm de aprender, facilmente percebemos que os mais velhos se sentem com menos capacidades e menos disponíveis para aprender corretamente algumas práticas fundamentais do desenvolvimento artístico. Comparando a situação emocional e física de um jovem com a um adulto de idade avançada é evidente que este sente mais dificuldade em desenvolver conhecimentos musicais, que seriam rapidamente desenvolvidos noutras fases de crescimento. Reis (2010: 33) refere que “o potencial de aprendizagem musical vai gradualmente diminuindo, com o passar do tempo”.

A aprendizagem de música nas Bandas Filarmónicas é um processo que depende de vários fatores, salientando o recrutamento dos aprendizes, a mobilização dos músicos, a assiduidade

dos participantes e o papel social da Banda. Favorece, também, a convivência e a partilha nas relações humanas, pois há uma compreensão do papel que cada um desempenha e a importância de todos para o seu bom funcionamento.

A par da formação musical que os elementos adquirem nas Bandas de Música, há alguns que saem para estudar fora, em academias ou conservatórios, para melhorar as suas qualificações, obtendo uma graduação mais elevada e, assim, contribuir para o crescimento artístico da Banda. A procura de formação complementar à formação recebida na “escola” da Banda é incentivada, em grande parte dos casos, pelo professor da Banda. Nas Bandas Filarmónicas (apesar de não serem conservatórios ou academias de música) também se descobrem talentos na música.

“A música tem origem no coração e nos sentimentos do homem” (Reis, 2010: 36) assim, o músico deve ser sensível, alegre e criativo para ser capaz de dar vida à música que interpreta e a Banda Filarmónica é, para além de uma escola para desenvolver a cultura também uma escola para a vida.

2.2.1 Metodologia de ensino da música nas Bandas Filarmónicas

Parte das Bandas Filarmónicas têm como base de sustentação uma escola de música que permite a formação dos elementos participantes no que respeita à formação musical, mas também ao nível da prática instrumental. “Actualmente, no universo das bandas filarmónicas, coexistem várias formas organizacionais de escolas de música, desde o modelo tradicional de ensino até outros mais modernos” (Gomes citado por Reis, 2010: 37).

As Escolas de Música criadas no seio das Bandas Filarmónicas utilizavam uma metodologia de ensino tradicional (considerado o método mais proveitoso), ou seja, as aulas eram dadas pelo maestro, que ensinava a leitura de partituras, o solfejo e todos os instrumentos. O objetivo principal era sempre o mesmo: preparar músicos, o mais rapidamente possível, para que se juntassem à banda como elementos ativos. As escolas de música das bandas filarmónicas eram

consideradas os «conservatórios do povo», possibilitando a todas as classes o acesso ao ensino da música.

Com o passar do tempo, aperceberam-se de que a especialização dos professores dos vários instrumentos permitia uma formação mais rápida e uma maior qualidade dos músicos. Para além de formarem músicos amadores, estas desempenharam um papel fundamental na formação profissional de muitos jovens.

Segundo Gomes (2002: 69), as bandas filarmónicas e as escolas de música sem paralelismo pedagógico (frequentemente inseridas nas bandas filarmónicas) são contextos onde se pratica a educação musical não-formal; no entanto, o facto de as escolas não serem certificadas, não impede que as competências adquiridas sejam reconhecidas pelo seu valor educativo. Assim, as bandas filarmónicas, através das suas escolas de música, revelam um forte contributo para a formação de músicos amadores, possibilitando também a formação de muitos músicos profissionais.

A formação dos jovens nestas escolas de música é feita, quase sempre, de forma gratuita, possibilitando o acesso a quem quiser, de uma formação musical digna, capaz de responder aos seus anseios e servir de ponte para um patamar mais elevado a nível musical. Variando o modelo de ensino utilizado na escola de música das bandas filarmónicas é visível a importância que estas tiveram na formação de grande parte dos músicos profissionais do nosso país, uma vez que grande parte iniciaram a sua aprendizagem musical nas bandas, vindo a afirmar-se, mais tarde, no panorama musical português como intérpretes, maestros, professores e compositores.

Para além da aprendizagem da música, Graça Mota defende que as Bandas Filarmónicas parecem ter sido fundadas com o intuito de serem um veículo de difusão da cultura musical e um centro da educação cívica (2009: 22). O ensino nas Bandas Filarmónicas não se centra apenas na aprendizagem da música, valoriza-se a transmissão de saberes sociais, da lealdade, do respeito pelas tradições históricas da terra e da responsabilidade perante a coletividade e a comunidade em que a Banda está inserida.

Capítulo III

Banda Filarmónica de Amares

3.1 História das Bandas Filarmónicas

A enciclopédia *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* define o conceito de *banda* como uma combinação de instrumentos de sopro e percussão, ou sopro, metais e percussão. “*La Grande Bande*”: assim eram conhecidos os *24 Violinos* de Louis XIV, um conjunto instrumental, maior do que um conjunto de câmara. Os conceitos *Banda* e *Big Band* são referentes a grupos de cerca de 15 ou mais elementos instrumentistas, sob a direção de um maestro.

A origem das Bandas de Música remonta aos movimentos militares, uma vez que surgiu a necessidade de o homem “poder comunicar, coordenar, educar as suas populações e tornar os seus exércitos mais eficazes nas lutas que travavam contra os seus inimigos” (Clemente, 2009: 11). As bandas militares, cuja expressão data do final do século XVIII, surgem a partir do exército, munidas de instrumentos de sopro de madeira e percussão, que através da música incentivavam e davam força e coragem aos que combatiam e eram consideradas uma forma lúdica e de lazer nos intervalos entre as guerras. No entanto, já existiam agrupamentos de instrumentos de percussão com tambores de vários tamanhos, que eram utilizados na comunicação entre as comunidades.

Não é possível determinar com exatidão a data e o momento em que surgiram as bandas. Na Bíblia faz-se referência à existência de pequenos agrupamentos, quando é relatada a viagem do povo Hebreu pelo deserto ao som de trombetas, instrumento que também anunciava o início das guerras entre povos.

Segundo Clemente (2009: 11) os primeiros agrupamentos de músicos militares têm origem em Roma, com o rei Servio Tulio (578-535 a. C.) e eram compostos por um grande número de homens que, a tocar e a marchar, amedrontavam os exércitos inimigos. Anos depois, os exércitos começaram a utilizar o clarim como meio de comunicação entre os numerosos exércitos, criando um código de chamada militar, códigos esses que foram criados e desenvolvidos, ao longo de décadas, por cada exército.

A enciclopédia *The New Grove Dictionary of Music and Musicians* (1980, vol. 12: 310-311) descreve que desde os primórdios até aos dias de hoje, a evolução das bandas militares foi uma constante. Na Idade Média, os exércitos utilizavam bandas de gaitas de foles, charamelas, trompetes e trombones que recordavam os padrões muçulmanos nas cruzadas, sendo, ainda, levadas em campanhas e empregues em navios de guerra. No Renascimento, as combinações de instrumentos de sopro ao ar livre deixaram de servir as forças armadas, que passaram a utilizar trompetes e tambor para a cavalaria, ou tambor e píforo para o exército a pé. Na Era Moderna, no final da Guerra dos 30 anos, os exércitos utilizavam a música de charamelas com um *dulcian*. Esta combinação caiu em desuso das bandas militares após a guerra. Já em 1663, os *Mousquetaires* de França usavam o píforo, o trompete, o oboé, tambores e fagote. No Século XVIII, sem data precisa, na Inglaterra e na Holanda, surge as bandas militares de oboé com cornetas ou trompetes. Em 1794, as bandas já criadas cresceram, principalmente, através de um aumento no número de clarinetes: foram seis nos *Guardas Grenadier* e nas bandas fornecidas pelo Conservatório para o *Garde Nationale*, em Paris, a partir de 1795. As bandas francesas reuniam-se em ocasiões especiais, com a adição de trombones, para realizar aberturas e sinfonias de compositores como Gossec e Méhul.

Muitas bandas militares da segunda metade do século XVIII foram mantidas, não-oficialmente, às custas dos oficiais, que tiveram de reduzir o número de elementos. Em Inglaterra, o aumento dos regimentos de voluntários no final do século XVIII levou ao aumento do número dessas pequenas bandas, que geralmente consistiam em dois clarinetes (opcionalmente oboés), duas cornetas, dois fagotes, um trompete e, comumente, um serpentão. O seu repertório é composto por marchas e *quicksteps* e variavam por um rondó militar ocasional, muitas vezes controlados por maestros locais.

Ainda no século XVIII, a cavalaria utilizava a banda constituída por instrumentos de sopro e cornetas (trompetes e timbales), em França, Alemanha e Áustria. Progressivamente, na Itália e na Áustria realçaram a importância do trompete, tornando-se em simples bandas de sopro. Já no século XIX, a *música trompete* como era conhecida a anterior, começa a evidenciar-se em *música corneta*. Tão antiga quanto a primeira, sendo caracterizada por uma combinação de sopro.

Estes instrumentos de válvulas são uma mais-valia para as bandas, uma vez que a sua técnica pode ser aprendida facilmente, o mau tempo não interfere com o som produzido e pode ser tocado de luvas (vestuário integrante do fardamento). Em 1830 este tipo de instrumentos sofre uma procura constante e acabam por fazer parte das infantarias já existentes e em outras bandas com instrumentos de sopro.

Na mesma década, as bandas da infantaria francesa revolucionaram a escala em que tocavam e incluíram os instrumentos de sopro de madeira e o sopro clássico, reforçado por cornetas, clarins com chave, *ophicleides* altos e baixos. Estes instrumentos eram construídos pelas principais bandas. Este modelo francês de banda cresceu em grandes proporções, chegando a ser seguido em Itália e Espanha.

Em 1810, as maiores bandas militares europeias atingiam o seu tamanho atual, tendo aumentado ainda mais o número de clarinetes e tendo sido acrescentados clarinetes pequenos. O ponto alto da história das bandas militares é marcado pela «*Banda Municipale*», de uma grande cidade italiana, com o seu tom de cor brilhante, excelentes tocadores e repertório de transcrições orquestrais.

Na Alemanha, os sopros incluíam regularmente trombones, enquanto pares extras de cornetas e trompetes eram feitas de diferentes formatos. Em Inglaterra, o serpentão foi apoiado por clarinete tenor e na Alemanha pelo fagote duplo. Uma boa banda civil desta descrição, *Banda do Príncipe Regent em Brighton* foi desenvolvida a partir da banda dos *Tenth Hussars*; em 1818, tinha 34 elementos, muitos deles alemães, incluindo Christian Kramer, o mestre da banda, que também fez as seleções de ópera e sinfonias transcritas, incluindo a *Quinta* de Beethoven e *Júpiter* de Mozart.

Assim, o ponto alto das bandas militares fica marcado pela *Banda Municipale* de Itália, sendo o seu tom caracterizado como brilhante, os seus tocadores eram de excelência e o repertório de transcrições orquestrais. No que respeita ao repertório, este era composto por marchas, seleções, prelúdios transcritos e obras especialmente compostas.

As Bandas Militares datam do século XVIII, as fanfarras são anteriores (como retrata o exemplo da Bíblia) e as Bandas Filarmónicas começam a surgir no século XIX, dinamizando o turismo cultural ligado às instâncias termais.

3.2 Origem das Bandas Filarmónicas em Portugal

As Bandas Filarmónicas nascem de um impulso de uma festa ou mecenas, de uma ocupação dos tempos livres, dando corpo a encontros informais de músicos. Sofrem uma enorme evolução “com melhorias nos instrumentos, fardas, repertórios, sedes e espaços de ensaio”, refere Maria José d’Alpium (2011: 22).

É extremamente difícil enumerar com exatidão o número das Bandas Filarmónicas existentes em Portugal, uma vez que algumas se dissolvem e outras nascem. João Franco (2011: 24) refere, na sua obra *Bandas Filarmónicas Portuguesas* que, num estudo realizado em 1975 por um jornal, existiam em Portugal cerca de 600 filarmónicas civis (sem contar com as das Ilhas e as militares). Paulo Clemente refere que, em 2009, existem cerca de 789 Bandas Filarmónicas (2009: iii).

É do conhecimento comum que existem no nosso país Bandas Filarmónicas com mais de 200 anos. É o caso da Banda de Golães (de Fafe, Braga), também conhecida por Sociedade Artística Musical Fafense. A sua fundação remonta ao ano de 1770, segundo os seus responsáveis (<http://bandadegolaes.no.sapo.pt/historia.htm>, acedido a 5 de fevereiro de 2013). No entanto, por falta de documentação e registo da fundação das Bandas Filarmónicas no nosso país, torna-se difícil datar com exatidão o seu surgimento. Há referências, sim, ao uso de instrumentos de sopro, desde épocas mais distantes. Durante o reinado de D. Pedro I (1357-1367) já se nomeava os trombeteiros, fazendo parte integrante da banda de música da monarquia portuguesa, como explica Clemente (2009: 14). Esta Banda, na sua composição tinha presente instrumentos de sopro.

Entre 1580 e 1640 (período que decorreu entre 3ª Dinastia Filipina e a Restauração da Independência) implementa-se o gosto pela música em Portugal. Neste período, os melhores

alunos portugueses foram enviados para Itália, a sede da grande escola musical mundial, como refere Franco (2011: 23). É, também, nesta fase que o país atravessa uma época de implantação das normas saídas do Concílio Vaticano I e as cerimónias religiosas contribuíram em muito para a divulgação das filarmónicas. No entanto, o registo da primeira Banda Filarmónica em Portugal (incluindo os Açores e a Madeira) data de 1700, a da Pampilhosa da Serra, no distrito de Coimbra. É uma data que marca, não só a fundação da Banda, mas também porque marca a existência de um movimento associativo de índole cultural, tendo como base a música. A partir desta data começam a surgir, por todo o país, cada vez mais Bandas Filarmónicas com registo da sua fundação.

As invasões francesas abalaram o clima de harmonia e o desenvolvimento populacional que pairava em Portugal. No entanto, os efeitos da derrota de Napoleão Bonaparte impulsionaram o desenvolvimento do gosto pelas filarmónicas. Nesta fase, houve Filarmónicas que se extinguíram e outras que se mantiveram inalteradas.

As Bandas Militares surgem com a reorganização das tropas portuguesas. Depois de 1814 afirma-se a existência de uma lei que incentivava o serviço militar a quem se dedicasse a aprender música, levando a uma enorme adesão, uma vez que o país já estava saturado de tantas guerras. No entanto, há uma constante redução do número de Bandas Militares. Em 1988 passam a existir apenas quatro (em Lisboa, Porto, Évora e Açores).

Clemente defende que as Bandas Filarmónicas “constituem-se como instituições de carácter social e cultural que proporcionam às populações envolventes o contacto com a realidade musical” (2009: iii). Um dos grandes objetivos das Bandas Filarmónicas passa por desenvolver um papel social, cultural e educacional fundamental no seio das populações mais afastadas dos centros urbanos.

3.3 História da Banda de Amares

3.3.1. Origem e fundação da Banda Filarmónica de Amares

A Banda de Amares foi fundada pelo Padre Ricardo Marcelino Martins, Abade de S. Tomé de Prozelo (Amares), que paroquiou a freguesia de 1842 a 1887. Em 1853, o Padre Ricardo criou uma Orquestra de Capela que depois se viria a transformar na Música de Prozelo. Tal tarefa foi concretizada pelo senhor *Ganchinho*, seu sucessor na Direção. Foram ainda regentes em Prozelo um senhor de alcunha *Repiupiu* e o Senhor Costinha. Com este último começa-se a ensaiar na Feira Nova, passando a Banda a ser conhecida como “Música da Feira Nova” e há a adesão de novos músicos da localidade.

João Franco na obra *Bandas Filarmónicas Portuguesas* refere notícias publicadas nos Jornais *Maria da Fonte*, da Póvoa de Lanhoso, e *O Povo da Barca*, de Bravães (Ponte da Barca), referentes à participação da Banda de Música, “designada tanto como de Prozelo como da Feira Nova”, em diversas festas (2011: 100):

- Em 1898 – Sobradelo da Goma (Póvoa de Lanhoso) tocando em despique com a Banda Filarmónica local e a de Serafão (Fafe);
- Em 1899 – tocou em despique com a Banda de Calvos (Póvoa de Lanhoso) e a de Sobradelo da Goma (Póvoa de Lanhoso);
- Em 1902 e 1903 – tocou nas Festas da Senhora da Lapa (Arcos de Valdevez);
- A 15 de agosto de 1923 – tocou nas Festas da Senhora da Abadia (Amares) com a Banda de Monsul (Póvoa de Lanhoso).

Já na Feira Nova, a Banda foi ainda dirigida por António Arantes Russel, Morgado de Romão, em Carrazedo. Sob a regência de José de Abreu Dias, passou a ensaiar na antiga casa dos Bombeiros, junto à Igreja de Ferreiros. Em Assembleia Extraordinária dos Bombeiros Voluntários, como refere Franco, realizada a 18 de janeiro de 1928, o Comandante da Corporação e Maestro da Banda, José de Abreu Dias, propõe a anexação da Filarmónica à Corporação, passando a chamar-se “Banda dos Bombeiros Voluntários da Feira Nova” (2011: 100).

O mesmo autor refere que a 26 de setembro de 1931, *A Folha de Vila Verde* (Franco, 2011: 100) noticiava que a Banda da Feira Nova e a Banda de Música de S. Pedro de Valbom iriam tocar nas comemorações do 5 de Outubro em Vila Verde. O mesmo jornal informou a 11 de novembro que a banda iria tocar nas cerimónias da inauguração do Monumento aos Mortos da Grande Guerra (1914-1918), em Vila Verde, conjuntamente com as Bandas de Música do Regimento da Infantaria n.º 8 (de Braga) e a de S. Martinho da Gandra. Em 1937, com 35 executantes, participou no primeiro Festival de Bandas Cívicas em Braga.

A Banda Filarmónica de Amares teve várias salas de ensaio. Ensaiou na Casa do Povo de Rendufe e, mais tarde, na Garagem da Empresa de Camionagem Campelo, sendo a maioria dos músicos que a integravam das freguesias de Rendufe, Barreiros e Lago. Foram ainda Maestros da Banda Musical de Amares Joaquim Martins Viana, Sr. Ramada, 2.º Sargento Joaquim Lopes, Sargento Gonçalves, António Esperança, João Pires Brás, João Pereira, Armando Meira, Sargento Leonardo, Sousa Baptista, Arnaldo Costa e Gil Pinto Lopes.

Em 2003, a Banda aparece totalmente renovada, com a nova Direção eleita, novo Maestro, Vitor Matos, e com cerca de 60 músicos. Esta instituição apresenta uma jovialidade e uma ambição artística sem igual, sendo bem visível nas diversas iniciativas que promove, destacando-se os inúmeros concertos por todo o país, o intercâmbio artístico com diversas instituições, permitindo a realização de concertos em Gavião (Alentejo), Torres Vedras, Ourense, Rosal (Norte de Espanha), Teatro Sá de Miranda (Viana do Castelo). Estas iniciativas proporcionaram ao concelho de Amares um enorme orgulho e o seu reconhecimento, por parte da Câmara Municipal de Amares do seu valor artístico e social, é o exemplo de todo esse trabalho realizado ao longo de mais de 150 anos e foi marcado pela atribuição da Medalha de Mérito Cultural, prestigiando, ainda mais, o vasto currículo da Banda.

Segundo o *Historial* do *site* da Banda (<http://www.bandadeamares.pt/>, acedido a 12 de novembro de 2012), em outubro de 2006, a Banda foi galardoada com o 2.º prémio em termos coletivos e o prémio para melhor instrumentista no *VII Concurso Internacional de Bandas de Música*, em Melgrat del Mar (Barcelona), tudo graças à evolução da Banda nos últimos anos, tendo por base a formação e qualificação dos seus elementos. Em abril de 2007, participou no conceituado *Concurso Internacional La Bacchatetta d'Oro*, em Roma (Itália) trazendo para casa o

1º prémio na 1ª categoria *Melhor Maestro, Melhor Intérprete da Obra obrigatória do concurso* e, ainda, o *Troféu Unione Musicale Ciociara* prestigiando a Banda com a classificação de 95,07%, ficando registada como a maior classificação alguma vez atribuída numa década de concurso.

Facilmente se percebe que a Banda Filarmónica de Amares atingiu um elevado nível de profissionalismo e exigência, tornando-se um ícone incontornável no panorama filarmónico português, apostando, cada vez mais, na reestruturação da sua escola de música com a contratação de professores habilitados, numa política educativa e de sustentabilidade, formação e qualidade demonstrando a clara vontade de investir cada vez mais na sua formação, possibilitando aos seus elementos (e futuros) um desenvolvimento artístico sólido.

3.3.2. A Banda Filarmónica de Amares enquanto Associação

A Banda Filarmónica de Amares, como hoje é conhecida, não começou o seu percurso com esta denominação. Capela (1999) crê, mediante as informações que lhe foram cedidas, que a Banda tenha sido fundada em 1853, no entanto não há registos concretos. Só a partir de 18 de janeiro de 1928, através da Acta da Assembleia Geral Extraordinária realizada na “Casa da Associação dos Bombeiros Voluntários”, é que se começa a ter registos. Esta Assembleia Geral Extraordinária realizou-se com o objetivo de propor à Corporação a utilização do nome dos Bombeiros Voluntários a favor da Banda de música que tinha sido criada, ficando denominada por *Banda dos Bombeiros Voluntários da Feira Nova de Amares*.

Nesta mesma assembleia ficou definido em ata que todos fossem admitidos como sócios ativos da Corporação, para todos os efeitos legais. Elaboraram ainda o regulamento a que todos os músicos estariam sujeitos, salientando a importância de obedecer às ordens do chefe, o modo de distribuição dos lucros obtidos nos serviços da Banda, a hierarquia dos músicos, a responsabilidade dos músicos na compra de instrumentos e fardamentos e outras normas referentes a estes.

A 31 de março de 1968, os Bombeiros passam a usar o nome de “Bombeiros Voluntários de Amares” e a Banda Filarmónica usa também a nova denominação. São desse mesmo ano os

Estatutos da Associação (cf. anexo 4) que não estabelecem nenhuma dependência entre os Bombeiros e a Banda.

Segundo os *Estatutos da Banda Filarmónica de Amares*, a “Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares é uma associação cultural, musical, artística e recreativa” e “a sua duração é por tempo indeterminado”, assim definem os Artigos 1º e 2º do Capítulo I, respetivamente. E, ainda:

A Banda tem por fim especial a sua exibição em público e a execução de obras musicais de autores portugueses e estrangeiros, podendo integrar-se em federações e confederações para atingir os seus objectivos.
(Capítulo I, Artigo 3)

O Cartão de Pessoa Coletiva nº 501 330 003, tem data de 28 de novembro de 1974. Assim sendo, deverá considerar-se que a Banda, a partir desta data, não tem nenhuma ligação aos Bombeiros, constituindo uma associação independente. Nesta condição participou na fundação da Federação Regional de Bandas Filarmónicas do Minho, a 19 de março de 1999 (<http://www.bacchettadoro.it/ct-vertical-menu-concorso/ct-vertical-menu-bande/ct-vertical-menu2086/ct-vertical-menu1-amares>, acedido a 6 de novembro de 2012).

O Certificado de Admissibilidade da Associação foi “expedido a 1 de setembro de 1999”, pelo Registo Nacional de Pessoas Coletivas, no entanto, só a “8 de novembro de 1999” é feita a Escritura Pública de legalização plena da Banda, constituindo-se uma “associação de fins não lucrativos, da Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares”, no “Cartório de Amares”, apresentando como sócios fundadores “José Fernandes de Araújo, Adelino Manuel Domingues e Adão Gonçalves Sepúlveda de Faria. Tendo sede na Rua Sá de Miranda, freguesia de Ferreiros do concelho de Amares”, assim apresenta o documento comprovativo do Cartório Notarial de Amares. A 22 de dezembro de 1999, sai em Diário da República, IIIª Série a certificação.

Ao começar o ano letivo de 1998/1999, a Direção da Banda decidiu criar a nível da educação a Escola de Música, a Orquestra Juvenil de Amares, orientada por Félix Cabrerizo, coadjuvado por Fernando Pinto, como forma de dinamizar os alunos para mais rápido ingressarem no corpo de executantes. A Banda teve a sua primeira apresentação em público, depois de legalizada, nas

Festas de Santo António de 1999 (<http://www.bacchettadoro.it/ct-vertical-menu-concorso/ct-vertical-menu-bande/ct-vertical-menu2086/ct-vertical-menu1-amares>, acedido a 6 de novembro de 2012).

3.3.3. A Banda Filarmónica de Amares enquanto pólo de Animação Sociocultural

Uma das mais ricas e antigas produções musicais portuguesas são as das coletividades dedicadas às artes dos sons, entre várias podemos nomear as Bandas Filarmónicas. As Bandas Filarmónicas, com o passar dos anos, assumiram funções muito importantes no que respeita às atividades musicais nas diferentes localidades onde foram criadas. As Bandas Filarmónicas surgem, nas diversas localidades, através do desejo de algumas pessoas, neste caso voluntários, em juntar um grupo de músicos, como forma de elevar o nome da localidade, como é o caso da Banda Filarmónica de Amares.

A Banda Filarmónica de Amares é uma associação cultural, musical, artística e recreativa, sem fins lucrativos, que promove a intervenção, geralmente, no seio de grupos de uma forma livre e democrática, incentiva o convívio e a participação social entre as comunidades. Neste estudo em concreto, esse convívio e participação refletem-se nas relações estabelecidas entre a direção, os músicos, professores e colaboradores, de uma maneira mais direta, e com a população em geral em concertos e festividades, de uma forma mais indireta. Foi criada como uma forma de poder juntar um grupo de pessoas com interesses comuns, neste caso o gosto e a vontade em aprender música e em tocar algum instrumento. Na sua sede acontecem encontros, normalmente semanais, onde a direção se reúne e delinea as atividades e ordens de trabalhos para a Banda, os músicos têm ensaios, quer individualmente quer em conjunto, os sócios ou visitantes podem participar nos ensaios e realizam diversos convívios ou jantares.

Com 160 anos de existência, a Banda Filarmónica de Amares é uma forte herdeira e conservadora de grandes tradições musicais bem como transmissora de cultura musical, quer de caráter mais clássico quer mais popular para quem assiste a concertos ou outras manifestações musicais. Com uma vertente não-formal formou e continua a formar muitos jovens, bem como muitos alunos que frequentam conservatórios ou academias de música.

A participação das pessoas nas associações é uma forma de ocupação dos tempos livres, na Banda Filarmónica é valorizada a educação e formação como base nas aulas de música ou aprendizagem do instrumento e dos ensaios em si. Por fim e não menos importante, as associações com esta génese preservam e ampliam aos seus associados e colaboradores as raízes e as tradições do meio onde estão inseridos e o enriquecimento cultural.

É de salientar, ainda, a função social da Banda, para além da aprendizagem musical que os jovens ou adultos podem ter há também a aprendizagem de valores morais e éticos que se tornam cada vez mais importantes para a formação de cada um e para a sociedade de hoje em dia.

Segunda Parte

Metodologia de Investigação:

Estudo de Caso

Capítulo IV

Metodologia de Investigação

4.1 Objetivos do estudo

Esta investigação apresentou, de facto, como grande objetivo estudar a realidade de um contexto – a Banda Filarmónica de Amares – procurando conhecer e interpretá-lo na sua complexidade e nos contextos associativo, educativo (no âmbito da música) e da ASC.

Assim os objetivos gerais são:

- Conhecer a organização associativa da Banda Filarmónica de Amares.
- Analisar o tipo de relações que se criam entre os vários elementos.
- Perceber de que forma é que a Banda Filarmónica de Amares é uma forma de Animação Sociocultural.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Compreender a importância da construção e funcionamento de uma associação de cariz musical.
- Descrever as diretrizes da associação da Banda Filarmónica de Amares.
- Perceber como se processa a aprendizagem da música/instrumento.
- Conhecer a constituição da Banda (número de elementos, género, idade).
- Saber a opinião dos elementos acerca da sua participação na Banda.
- Perceber de que forma a Banda coopera na divulgação da música.

4.2 Fundamentação teórica da metodologia de investigação utilizada

A segunda parte deste trabalho ficou reservada à apresentação e descrição da metodologia que se utilizou para a realização da investigação, bem como do conjunto de métodos e técnicas - os instrumentos de recolha de dados – através dos quais este estudo se orientou para se proceder à sua análise e interpretação.

Este estudo pretendeu compreender os significados da realidade e as interpretações que os atores dão a essas mesmas realidades. A metodologia utilizada para o estudo assentou num conjunto de técnicas, métodos e procedimentos passíveis de analisar e conhecer os factos (ou

fenómenos). Assim, os métodos e as metodologias são conceções essenciais que caracterizam uma das principais preocupações com que o investigador se depara.

A investigação foi desenvolvida para recolher os dados necessários que servem de base para o estudo em causa. Por sua vez, a reflexão crítica das técnicas e métodos utilizados permitiram a delineação e composição do estudo. Assim, a metodologia teve como função encaminhar a pesquisa realizada, refletindo e estimulando um novo olhar perante a temática que foi estudada.

A planificação detalhada e cuidada e as reflexões sobre os conceitos alicerçadas sobre os conhecimentos já existentes, fortaleceram o desenvolvimento da pesquisa; a elaboração e desenvolvimento do projeto propiciaram a obtenção de resultados satisfatórios. No entanto, a pesquisa foi um processo que não é totalmente controlável e/ou previsível. Tornou-se importante, sim, adotar uma metodologia, um caminho que requeresse ser inventado a cada etapa que se alcançava, sendo caracterizado pelas regras, criatividade e imaginação.

A metodologia de investigação reuniu um conjunto de métodos e técnicas que foram utilizados para a realização da pesquisa. O método/caminho a ser seguido nesta pesquisa foi o Estudo de Caso, método de pesquisa social e empírica, que investiga um fenómeno atual dentro do seu contexto. A partir de um único caso é possível conhecer a relação com os outros casos. Assim, Stake (2009: 17) defende que cada caso é, em muitos aspetos, semelhante a outros casos, preservando, contudo, o seu carácter único.

4.2.1 Investigação qualitativa: Estudo de Caso

Esta tese de dissertação nasceu da vontade de querer saber/aprender algo de novo. Assim, a investigação traçou o caminho percorrido a fim de alcançar a satisfação do desejo de conhecer a realidade da BFA e a resolução de problemas surgidos da prática ou da reflexão deste trabalho ao longo da sua elaboração.

A investigação surgiu com o interesse de alcançar o principal objetivo deste trabalho – conhecer a Banda Filarmónica de Amares, em específico: perceber o tipo de associação que a Banda é, as

normas pelas quais se guia e as suas características; estudar a metodologia de ensino da música e do instrumento e o tipo de relação/laços que se criam entre os vários elementos; entender qual o contributo da BFA para a ASC. Assim, a estratégia adotada para esta investigação qualitativa, como pesquisa de facto, num tempo relativamente curto, foi o Estudo de Caso. Yin citado por Camponar (1991: 96) refere que:

O estudo de casos é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenómeno actual dentro do seu contexto de vida real, onde as fronteiras entre o fenómeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidência são usadas.

O estudo de caso é um método de análise intensivo, que permite a descoberta de situações ou relações que de outra forma não seria possível conhece-las, e que envolve um pequeno número de situações por ser realizado num curto espaço de tempo. Neste trabalho, o caso de estudo foi apenas um e tornou-se imperativo dar ênfase à completa descrição e perceber de forma clara todos os fatores de cada situação.

Stake (2009: 11) afirma que o estudo de caso tenta

Captar a complexidade de um caso único (...) uma vez que ele próprio se reveste de um interesse muito especial, e então procuramos o pormenor da interacção com os seus contextos. O estudo de caso é o estudo da peculiaridade e complexidade de um único caso, conseguindo compreender a sua actividade no âmbito de circunstâncias importantes.

Neste estudo utilizou-se esta abordagem metodológica de investigação uma vez que se procurou compreender, explorar, descrever o acontecimento e o contexto, estando envolvidos diversos fatores. Assim, o fenómeno observado no seu ambiente natural, os dados recolhidos através de várias técnicas, a análise do grupo foram a base fundamental do estudo.

O estudo de caso objetiva a descoberta, tornando-se imperativo que o investigador se mantenha atento a novos elementos que podem surgir, facilitando a descoberta de novas pesquisas e de novas respostas no desenrolar do trabalho. Assim retrata a realidade de forma verdadeira e

profunda, uma vez que o investigador enfatiza a complexidade da situação e procura revelar a multiplicidade dos dados recolhidos.

Este estudo adquiriu características muito próprias que ajudaram a definir este tipo de metodologia. Como foi dito anteriormente, a Banda Filarmónica de Amares foi a fonte direta da recolha dos dados para análise.

Como o investigador assume o papel da recolha de toda a informação pertinente ao estudo, neste tipo de investigação tornou-se impossível garantir a neutralidade. Como investigadora tentei representar os diferentes pontos de vista presentes em cada situação, realçando a realidade sob diferentes perspetivas, não havendo uma única que prevaleça. Assim, foi minha intenção procurar realçar essas diferentes visões e opiniões a respeito de cada situação em questão e colocar também a minha posição.

4.3 Desenho/Estratégias de investigação e da recolha de dados

4.3.1. Instrumentos da recolha de dados

O Estudo de Caso é uma metodologia que utiliza várias fontes de informação pelo que o investigador recorre a uma série de dados, obtidos em diferentes momentos e em situações variadas.

Para esta investigação foi necessário traçar os métodos ou técnicas de recolha de informações/dados que a própria investigação proporcionou. Assim, estes métodos ou técnicas são todos e quaisquer instrumentos utilizados com o intuito de recolher informações para o estudo.

4.3.1.1 Observação direta

Esta técnica de recolha de dados acompanhou-me no decorrer da investigação e permitiu descrever os factos, apontar estratégias e encaminhar o grupo para a realização dos objetivos propostos. O processo de investigação conduziu-me a uma maior compreensão das relações que se criam entre os elementos da banda e a metodologia de aprendizagem da música e do instrumento.

Durante todo o processo tornou-se imperativo fazer um registo corrente dos factos observados para “uma descrição relativamente incontestável”, como defende Stake (2009: 78), aquando da análise e transcrição posterior.

As observações foram feitas em contexto de procissão e concerto à tarde, que a BFA realizou com outra banda, e de alguns ensaios individuais que alguns músicos fizeram na sede da Banda.

4.3.1.2. Análise de documentos

Esta técnica de recolha de dados surge na mesma linha que a observação e a entrevista. Ao longo do processo de investigação foi-me cedido alguns documentos referentes à Banda Filarmónica de Amares. É de salientar a Acta de Assembleia geral extraordinária (datada de 3 de dezembro de 1939) que realizaram com o objetivo de pedir autorização aos Bombeiros Voluntários de Amares para que a BFA usasse o seu nome para poder formar a Banda. Foi, ainda, cedido a documentação referente à constituição da associação da “Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares” (a 8 de novembro de 1999), o Suplemento do Diário da República (de 22 de dezembro de 1999) que comunica a constituição da associação da Banda, os Estatutos da Banda e, por fim, alguns artigos que descrevem a história da Banda, estes de autores desconhecidos.

Após a recolha da informação, a análise documental e a sua interpretação foi a fase seguinte do trabalho. A análise documental pretendeu organizar e sumariar a informação permitindo

responder às questões levantadas e a interpretação procurou dar um sentido mais amplo às mesmas.

4.3.1.3. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi aplicado aos elementos da Banda para recolha de informações acerca da sua experiência nos contextos associativo e de formação musical. Este instrumento de recolha de informação foi composto por perguntas fechadas e abertas, o que permitiu a recolha de mais dados/informação quer generalizada, quer mais personalizada.

4.3.1.4. Entrevista

A entrevista é uma técnica característica dos investigadores qualitativos porque permite obter descrições e interpretações de outros, apresentando “múltiplas perspetivas sobre o caso”, como refere Stake (2009: 81).

A técnica de entrevista revelou-se particularmente importante na recolha de dados a partir da pessoa do maestro, Vítor Matos, e da direção da Banda. Aqui foi necessário ter um plano de ação consistente, assim refere Stake (2009: 81), para despertar o interesse do entrevistado, o que permitiu uma maior abertura do decorrer do diálogo.

O guião das entrevistas e as transcrições das mesmas ao maestro e à direção da Banda encontram-se nos Anexos 5 e 7, respetivamente.

4.3.1.5. Análise de conteúdo

A análise de conteúdo possibilitou o tratamento, de forma metódica, das informações e testemunhos que apresentavam um certo grau de profundidade e de complexidade. Houve também interpretação dos dados a qual proporcionou a recolha de novas informações ou então

o reforço das informações já recolhidas. Nesta investigação recorreu-se à análise de conteúdo após a transcrição e interpretação das entrevistas procedendo-se à categorização dos elementos mais relevantes.

4.3.1.6. Diário de campo

Este método de recolha de dados teve como objetivo ser um instrumento de registo das notas retiradas das minhas observações de campo. Estas notas são o relato escrito de tudo aquilo que eu, como investigadora, ouvi, vi e experienciei, bem como todos os pensamentos e reflexões que ocorreram no decurso da recolha dos dados do estudo qualitativo.

Terceira Parte

Apresentação, análise e interpretação dos
resultados

5.1 Nota introdutória

A associação da Banda Filarmónica de Amares recorre à música como forma de desenvolvimento pessoal e social dos seus músicos. É considerada um meio fundamental e fulcral para a realização pessoal a nível musical e ainda dá um grande contributo à Animação Sociocultural no que respeita à preservação do património musical e cultural do nosso país.

É com base nestes pressupostos que se pretende dar a conhecer um pouco mais da BFA enquanto associação e como forma de ASC. Os principais instrumentos de investigação aplicados a este estudo foram essencialmente o inquérito por questionário e a entrevista, como forma de sistematização das hipóteses apresentadas. Assim, a amostra para a realização dos inquéritos por questionário são os músicos da BFA e as entrevistas são dirigidas ao Maestro e à Direção da Banda.

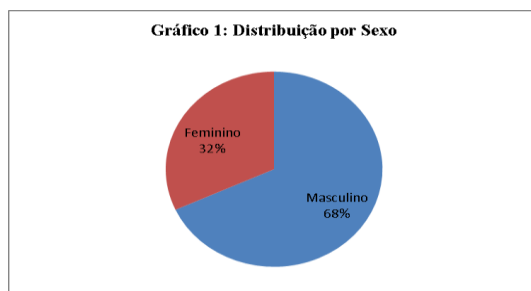
Para o estudo em causa recorreu-se ao inquérito por questionário, quer com questões fechadas, quer com questões abertas, de forma a garantir uma análise não só estatística como uma perceção mais real dos ideais e pensamentos de cada inquerido. O questionário foi aplicado numa Festa em Figueiró, Amarante, em que a Banda participou, onde foi explicado o propósito do mesmo. Neste concerto estavam presentes quarenta e quatro músicos dos sessenta elementos constituintes da BFA e todos responderam ao questionário. Assim, o universo corresponde a sessenta elementos e a amostra a quarenta e quatro, correspondendo a 73,3%.

A análise de conteúdo terá o tratamento habitual em termos de elaboração de categorias de resposta, permitindo a exposição das mesmas de forma simples e humilde. No entanto, sempre que se considerar importante as respostas abertas serão transcritas na íntegra para o trabalho, para melhor se entender as condições, características e preocupações dos elementos, retratando os resultados do mais fidedigno possível.

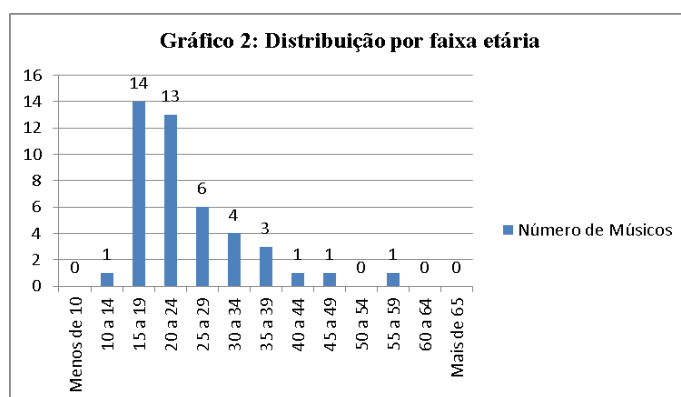
5.2 Apresentação e análise dos resultados obtidos nos inquéritos por questionário realizados aos músicos

No momento de aplicação dos inquéritos por questionário (cf. anexo 6) foram distribuídos quarenta e quatro questionários e todos foram preenchidos e devolvidos, correspondendo a 100% da amostra.

É com base nesse questionário que se passa a apresentar o resultado da sua aplicação. A primeira parte do questionário refere-se à caracterização dos músicos da Banda Filarmónica de Amares e a sua distribuição por sexo e idade.

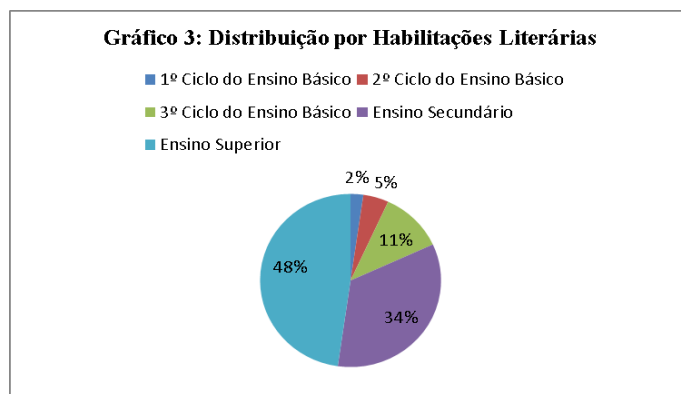


Pela análise do Gráfico 1, verificamos que, no que diz respeito ao género, predomina o sexo masculino com 68% de elementos, 32% são do sexo feminino.

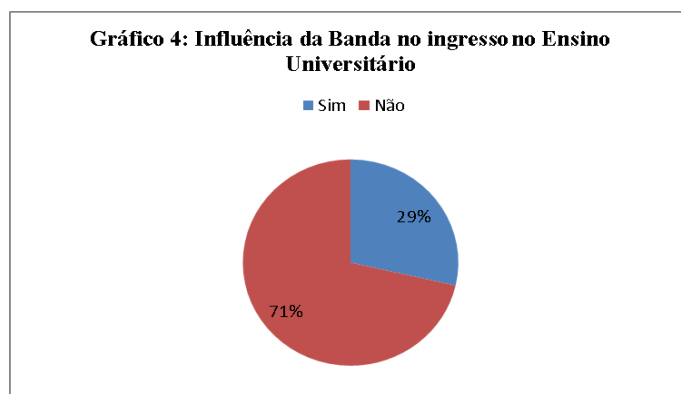


Quanto à faixa etária, a BFA conta com elementos que variam entre os dez anos até aos cinquenta e nove anos de idade. Pela análise do Gráfico 2, podemos concluir que 14 músicos têm idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos de idade e 13 estão na faixa etária dos 20 aos 24 anos de idade.

A segunda parte do questionário refere-se ao percurso académico dos músicos, no que respeita às habilitações literárias, à influência da Banda no ingresso no ensino superior e a profissão que exercem.



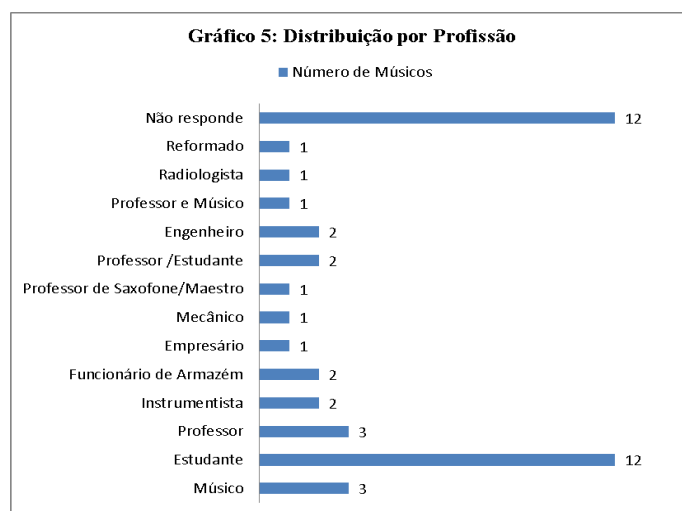
Pela análise do Gráfico 3, verificamos que 48% dos elementos constituintes da BFA possuem habilitações literárias correspondentes ao Ensino Superior e 34% possuem o Ensino Secundário. Apenas 2% têm como escolaridade o 1º Ciclo do Ensino Básico.



O Gráfico 4 refere que dos 21 músicos que responderam “Ensino Superior”, 6 (29%) afirmam que o facto de fazer parte da Banda teve influência no momento da escolha no ingresso no ensino universitário.

Dos 6 músicos inquiridos que afirmam que a Banda teve influência no ingresso no Ensino Superior explicam os seus motivos:

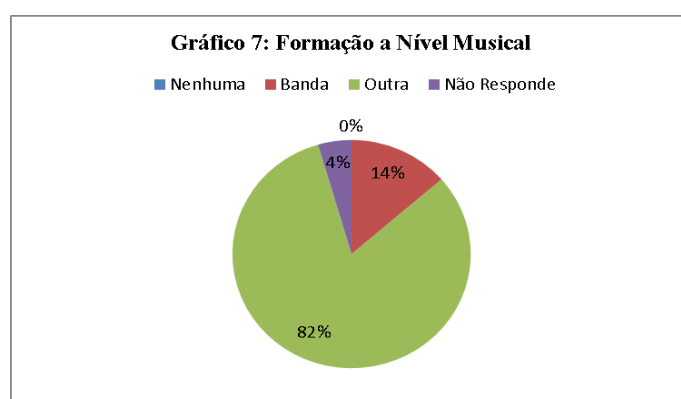
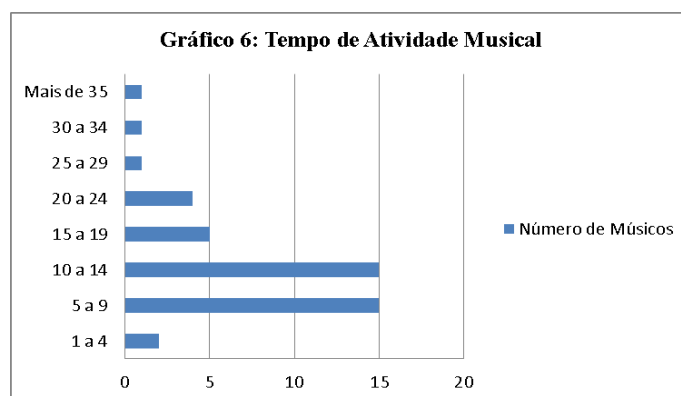
- *“Desde muito nova que o ambiente filarmónico é vivido com grande intensidade, pois o meu avô era presidente de uma associação cultural e musical. Desta forma, o meu percurso académico conta, desde o 1º ciclo com o ensino artístico especializado de música.”*
- *“Escolhi um curso de artes.”*
- *“Incentiva a evolução na área.”*
- *“Foi através da Banda que comecei a estudar música, o que fez com que continuasse os estudos até ao ensino superior.”*
- *“Teve semi-influência visto que o curso superior onde me encontro é o curso de música.”*
- *“Visto que gostava de música e andava na Filarmónica, decidi seguir o caminho.”*



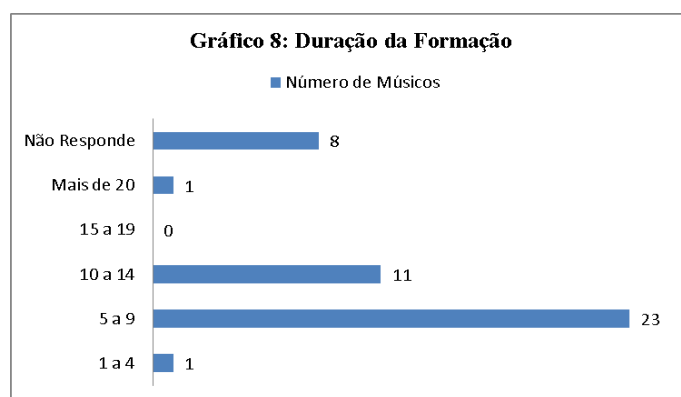
No que respeita à profissão, pela análise do Gráfico 5 podemos concluir que 12 músicos são estudantes, 1 músico é reformado, os restantes que responderam à questão têm profissões como professor, engenheiro, mecânico, empresário, entre outras.

De seguida são apresentados os resultados à terceira parte do questionário, dirigida diretamente para a componente musical dos músicos da BFA.

O seguinte Gráfico esclarece-nos quanto ao tempo de atividade musical que os elementos da BFA possuem. Dos 44 músicos inquiridos, 15 iniciaram a sua atividade musical há mais de 5 anos (no intervalo de 5 a 9 anos) e outros 15 músicos há mais de 10 anos (no intervalo de 10 a 14 anos). Há apenas um músico com mais de 35 anos de atividade musical.

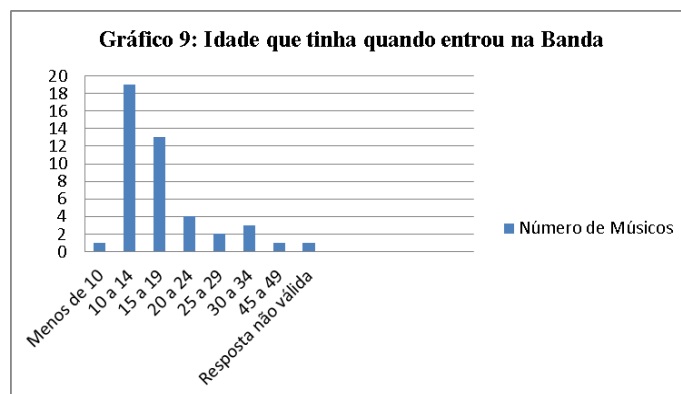


O Gráfico 7 elucida-nos quando à formação a nível musical dos elementos constituintes da BFA. Verificamos que 82% dos músicos admitem que têm outro tipo de formação musical para além da Banda, maioritariamente em academias de música, conservatórios ou das habilitações académicas (licenciatura).

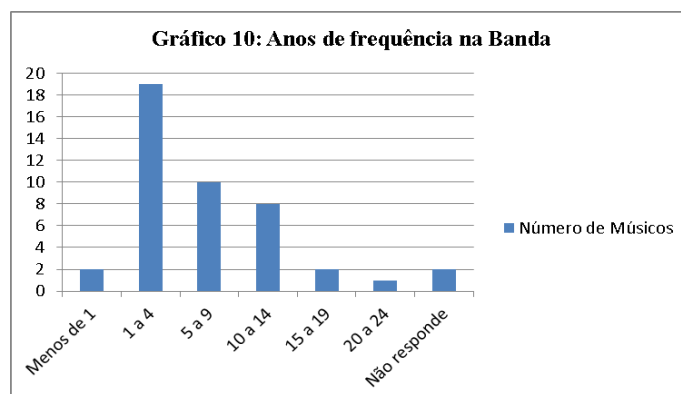


No Gráfico 8, a maioria dos músicos admite que a duração da sua formação varia entre 5 a 9 anos. Apenas 1 dos inqueridos diz ter mais de 20 anos de formação, 8 não respondem.

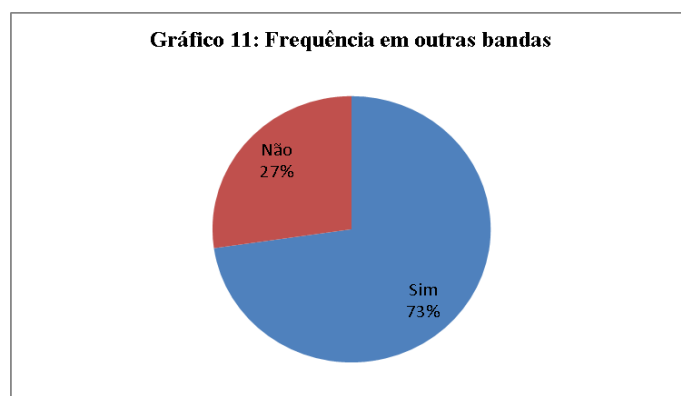
A quarta parte do questionário está dirigida às informações relativas à Banda Filarmónica de Amares, no que respeita à frequência desta Banda, como de outras, o motivo de ingresso na Banda, o nível da Banda, o grau de satisfação por pertencer à Banda, o instrumento tocado e o impacto da Banda no dia a dia.



Da análise do Gráfico 19 conclui-se que 19 músicos assumem que tinham entre 10 e 14 anos quando entraram para a Banda, apenas 1 entrou com menos de 10 anos.



No Gráfico 10 é possível avaliar há quantos anos é que os músicos pertencem à Banda. Assim, 19 músicos estão na Banda há menos de 5 anos.



No Gráfico 11 é possível analisar que 73% dos músicos já fez parte de outra Banda.

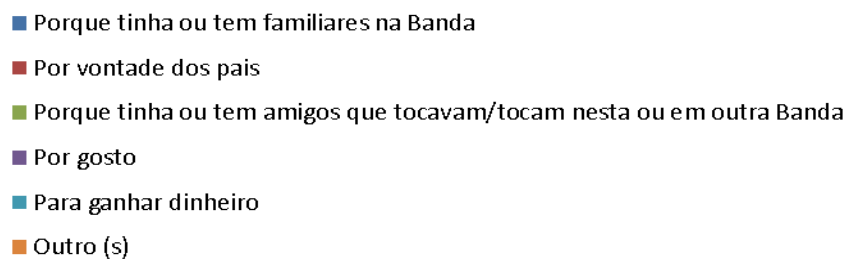
A Tabela 2 apresenta as localidades das outras bandas pelas quais alguns músicos já passaram:

Tabela 2: Localidades das Bandas pelas quais alguns músicos já passaram

Localidade da Banda Filarmónica	Número de Músicos
Vilarchão	3
Póvoa de Lanhoso	2
Santa Maria de Bouro	1
Vieira do Minho, Couto, Golães, Póvoa de Lanhoso	1
Vila Verde, Póvoa de Varzim	1
Pevidém	3
Trofa, Famalicão	1
Felgueiras, Amarante, Vila Verde	1
Trofa	1
Pevidém, Vila Verde, Arnoso	1
Vilela	1
Oliveira	1
Arnoso	1
Vieira da Minho	1
Cabreiros	1
Cabreiros. Arcos de Valdevez	1
Arcos de Valdevez	1
Espinho, Vieira do Minho	1
Pevidém, Vieira do Minho, Vila Chão	1
Riba D'Áve	1
Taipas, Revelhe	1

Rio Mau	1
Gueifães	1
Não responde	2
Não válida	2

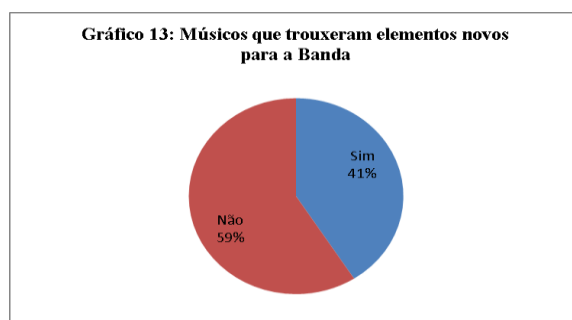
Gráfico 12: Motivo de ingresso na Banda



Pela análise do Gráfico 12 verificamos que 31% dos músicos admite que entrou para a Banda por gosto e 24% porque tinha ou tem amigos que tocavam/tocam nesta ou em outra Banda e 17% admite que foi para ganhar dinheiro.

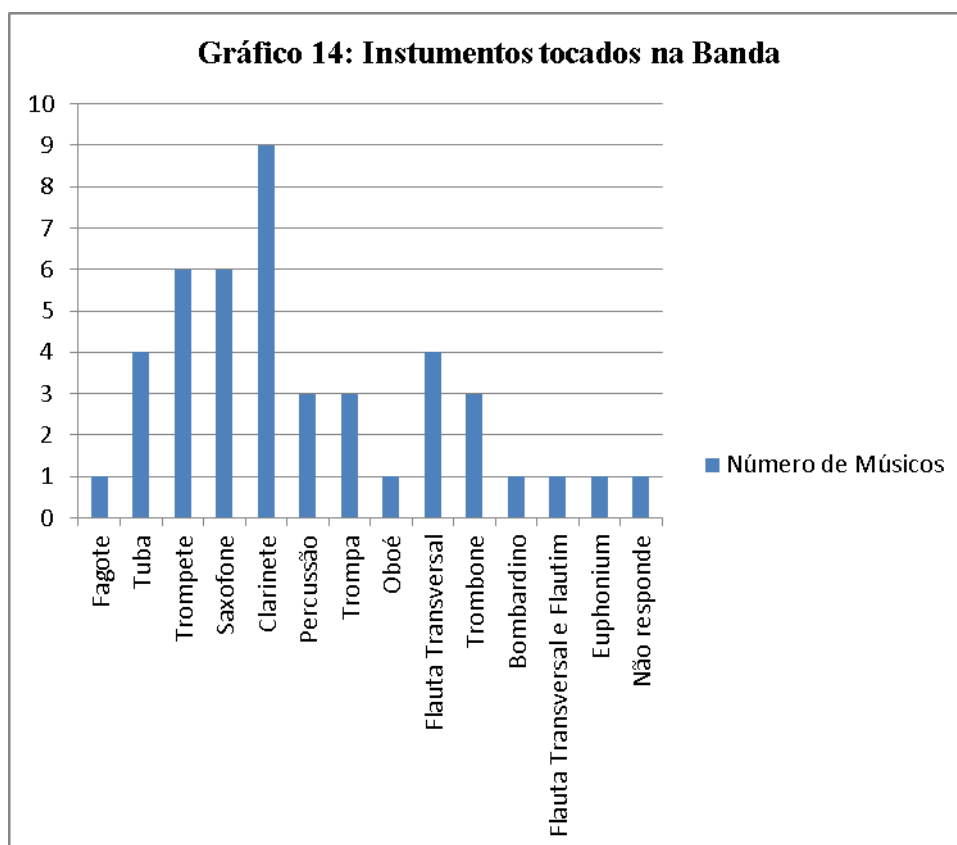
Dos músicos que referiram “outros motivos” para o ingresso na Banda, salientam os seguintes:

- “Razões pessoais.”
- “Nível musical superior da associação.”
- “Progressão do nível musical.”
- “Porque tinha um projeto mais ambicioso.”



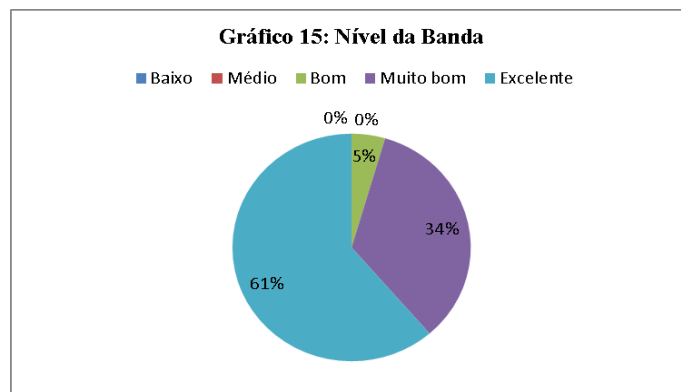
No Gráfico 13 podemos concluir que 41% dos músicos levou pelo menos um elemento novo para a Banda. Esses 41%, 3 músicos levaram 1 amigo cada; 2 músicos trouxeram 2 amigos cada; 1 músico trouxe 3 amigos; 2 músicos trouxeram 4 amigos cada e 1 músico trouxe 6 amigos.

No que respeita aos familiares, 3 músicos trouxeram 1 familiar cada e 2 trouxeram 2 familiares cada.

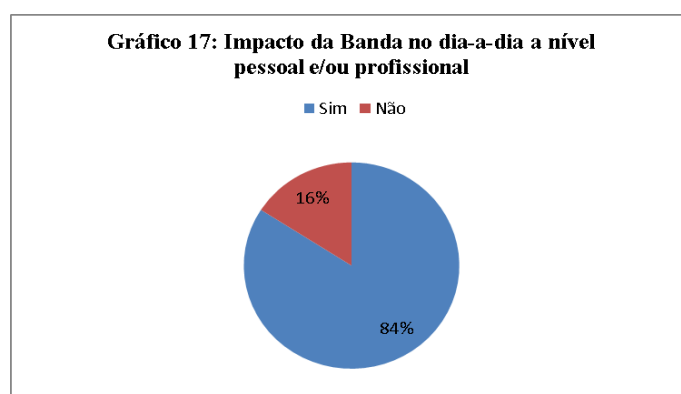
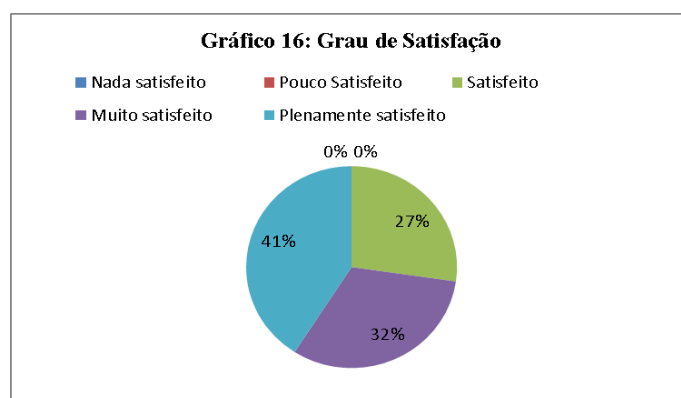


Como apresenta o Gráfico 14, na Banda há 9 músicos a tocar clarinete, 6 a tocar trompete e saxofone e apenas 1 a tocar fagote, oboé, bombardino, flauta transversal e flautim e *euphonium*.

Pela análise do Gráfico 15, 61% dos músicos avalia a Banda Filarmónica de Amares como uma excelente banda, apenas 5% considera o nível da banda “bom”.



No que respeita ao grau de satisfação, o Gráfico 16 mostra que 41% dos músicos está plenamente satisfeito na Banda, 32% diz-me muito satisfeito e 27% satisfeito.



A análise do Gráfico 17 permite-nos concluir que 84% dos músicos afirmaram o facto de ser músico e fazer parte da Banda se reflete no seu dia a dia, a nível pessoal e/ou profissional.

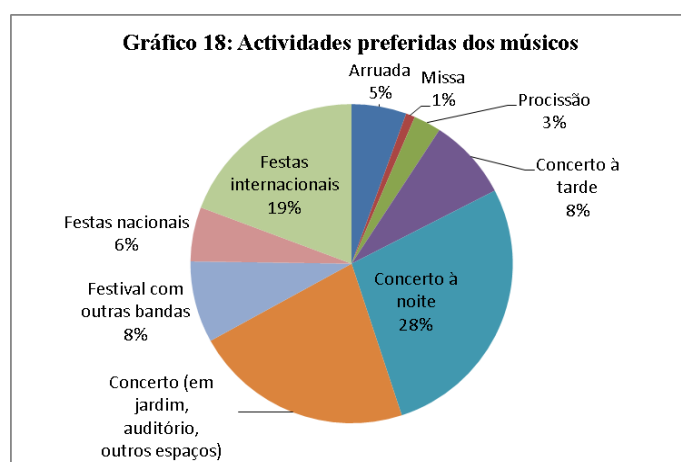
Os músicos que consideram que o facto de participar na BFA influencia no dia a dia justificam explicando que a Banda é uma forma de escapar ao *stress* da semana, é uma atividade paralela à atividade profissional, permite o desenvolvimento de técnicas musicais, contribui para o crescimento pessoal, artístico e cultural.

- *“A Banda permite-me ao fim de semana desopilar das questões profissionais.”*
- *“Como atividade profissional paralela serve como escape ao stress diário. A convivência com amigos diferentes dos habituais.”*
- *“Como elemento diretivo implica um trabalho paralelo à minha atividade profissional contínua.”*
- *“Como em qualquer curso que frequentamos, ele faz parte de nós, logo o que somos como pessoa tem por influência aquilo que estudamos. Eu fazendo parte do mundo da música não era racional se me comportasse como alguém que estuda arqueologia...”*
- *“Basicamente a nível pessoal, dado ser uma grande experiência que nos torna mais vividas e contribui de alguma forma para a nossa cultura pessoal. Além de facilitar vivamente o convívio entre os diferentes músicos.”*
- *“Contribui para o meu desenvolvimento artístico e sociocultural.”*
- *“Ajuda na interação com novas pessoas e conhecemos muitas idades diferentes.”*
- *“Como a minha área é Ciências Musicais (vertente técnica) não tenho grande oportunidade de execução do meu instrumento e a Banda dá essa oportunidade de eu manter a minha performance e além disso o tipo de repertório que a banda toca ajuda a nível profissional.”*
- *“Fazer música em conjunto obriga-nos a trabalhar com todo o tipo de pessoas: tanto as pessoas com quem nos damos bem, como as outras; entreajuda.”*
- *“Porque na banda também passamos por dificuldades e no dia a dia também cada vez mais conseguimos enfrentá-los.”*
- *“Na minha profissão, estudo na área musical, adquiri ao longo dos anos informações relevantes que utilizo frequentemente e transmito aos meus alunos; a nível pessoal, o convívio com os amigos da banda é bastante, sendo, grande parte do tempo, assunto das nossas conversas.”*

Quando questionados acerca do que mudariam na Banda relativamente ao ensino da música, ensaios, convívio, vários músicos afirmam que não mudariam nada, outros referem alterações

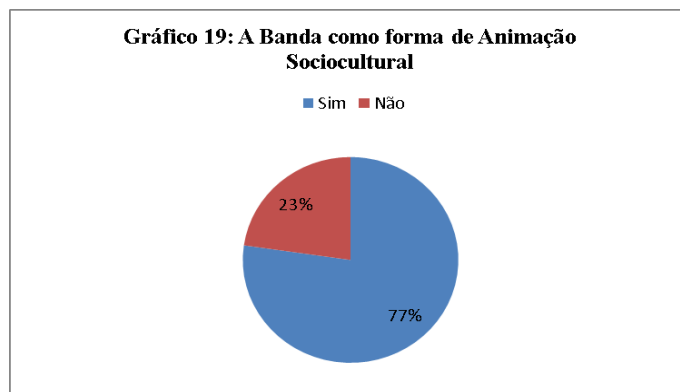
na organização da Banda, dos ensaios e instrumentos novos. Salientam, ainda, a importância de uma escola de música própria, influenciando na aquisição de novos elementos, a participação em concertos internacionais e mais momentos de convívio.

- *“Se tivesse muito dinheiro daria instrumentos novos à banda.”*
- *“Aumentaria a realização de mais eventos onde fosse possível aumentar o convívio entre os músicos sem a pressão de ensaios e concertos.”*
- *“Penso que podíamos ser mais metódicos a nível de ensaios.”*
- *“Concertos internacionais.”*
- *A pontualidade e sobretudo a assiduidade nos ensaios.”*
- *“Alguns aspetos relacionados com a organização da mesma.”*
- *“Mudaria o ensino da música, no sentido em que a banda não tem escola de música, reabriria o ensino da música.”*
- *“Considero que a banda não possui uma escola de música própria, o que influencia o cativar de alunos potenciais membros da banda. Relativamente os ensaios, penso que poderia ser mais produtivo se existisse trabalho prévio de todos os membros.”*
- *“Formação ou divulgação da instituição por outras escolas para aumentar o número de pessoas de Amares.”*
- *“Procuraria inovar um pouco mais o repertório.”*



O Gráfico 18 faz referência às atividades que os músicos mais gostam de realizar. 28% dos músicos preferem realizar “Concerto à noite” e apenas 5% preferem a “Arruada”. A “Missa” é a atividade que menos gostam de realizar.

A quinta parte do questionário está dirigida à percepção que os músicos têm da Banda como uma forma de Animação Sociocultural.



O Gráfico 19 apresenta a opinião que os músicos têm acerca da Banda ser ou não uma forma de Animação Sociocultural. 77% dos elementos consideram que sim.

Os músicos inquiridos que assumem que a Banda é uma forma de Animação Sociocultural destacam a afirmação através do ambiente que se vive na Banda, às atividades realizadas e o convívio, a educação musical que a Banda proporciona aos mais novos, a transmissão da cultura musical do país e de valores do trabalho em grupo

-“O ambiente da Banda.”

-“Na educação dos elementos mais novos, numa vertente cultural (música) e ensinando valores do trabalho em grupo, organização e conhecimento sobre festividades ou a cultura do país.”

-“Permite exploração e divulgação de repertório pouco explorado nas rádios e outros meios de divulgação.”

- “Porque a música é uma cultura e podemos mostrar às outras pessoas que isto também dá para aprender.”

-“Pela integração heterogenia de idades no mesmo espaço lúdico.”

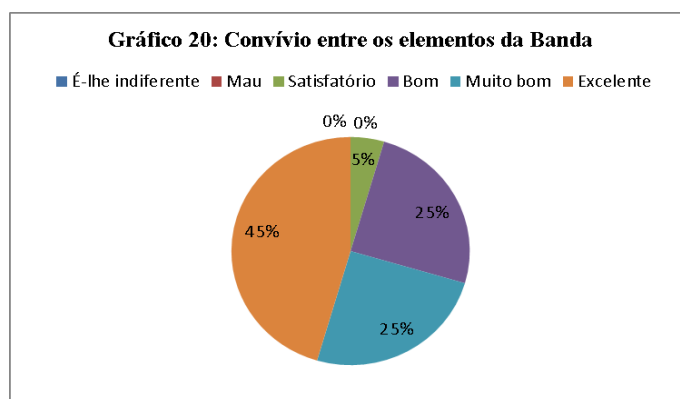
-“Penso que a Banda é acima de tudo uma tradição da qual as pessoas de afeiçoam muito.”

-“Para além do bom ambiente fomentado na banda e que passa para quem nos ouve, o próprio trabalho/espetáculo que a banda apresenta é claramente de animação e entretenimento.”

Quando questionados relativamente às reações que o público costuma ter em relação à Banda os músicos classificam-nas como muito positivas:

-“Entusiasmo, satisfação, surpresa.”

- "Muito bom. Calorosos aplausos, bom ambiente e convivência e respeito acima de tudo."*
- "O público em geral gosta da banda porque para além de tudo, é uma banda muito divertida e animadora."*
- "Reações muito boas por se tratar de uma banda de alto nível."*
- "Penso que têm gostado muito, avaliando pelos comentários, aplausos, pessoas em pé, etc."*
- "Temos sempre grande sucesso nas romarias e concertos começando-se a formar uma claqué de elementos mais jovens."*



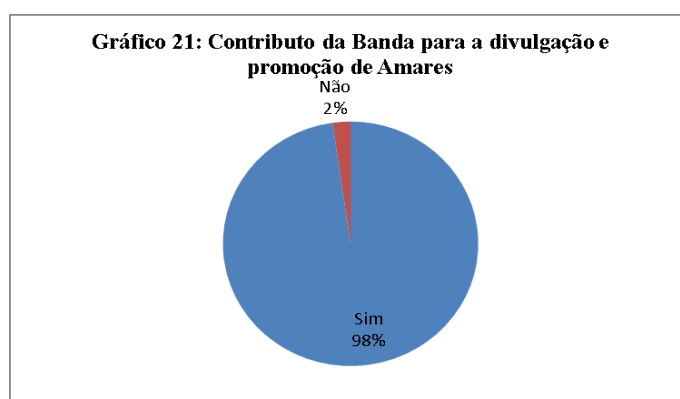
No que respeita ao convívio entre os vários elementos da Banda, no Gráfico 20 é possível concluir que 45% considera esse convívio como “Excelente”, apenas 5% considera “Satisfatório”.

Na opinião dos músicos, o convívio acontece devido:

- "As pessoas comunicam bastante e podem, eventualmente, ser criadas amizades."*
- "De forma espontânea."*
- "Falas e boa disposição."*
- "Os músicos ajudam a direção a processar o convívio, mas há grupos e isso nota-se no dia dos convívios."*
- "Companheirismo entre músicos."*
- "É um convívio normal. Trata-se de amizades que são construídas na banda."*
- "Só convivendo se percebe."*
- "O convívio muitas das vezes é feito nos intervalos de almoço/jantar entre os músicos e é algo fantástico, há alegria e animação sempre, somos muito unidos."*

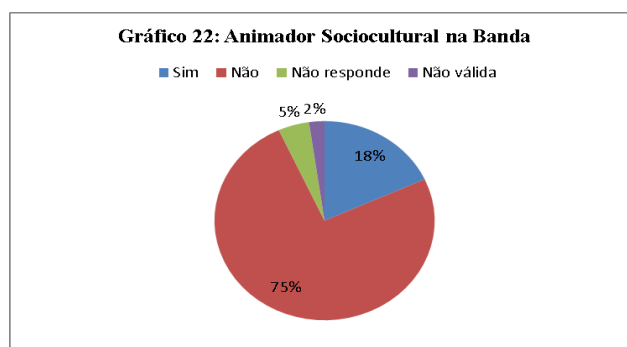
Quando questionados, os músicos classificam a relação com a direção da Banda como:

- “É mantida uma boa relação com os diretores até porque a proximidade física assim o permite, são todos ou quase todos músicos executantes.”*
- “Simples, clara e transparente.”*
- “Tem as suas divergências mas é bastante profissional.”*
- “Muito informal e à-vontade.”*
- “Mais complicada pois alguns elementos não percebem muito bem o papel da direção da banda, mas de um nodo geral é boa.”*



Pela análise do Gráfico 21 verificamos que 98% dos músicos consideram que a Banda Filarmónica contribui para a divulgação e promoção de Amares. Os músicos salientam:

- “Mostra a quão boa música se faz.”*
- “Porque é a instituição que mais representa externamente o concelho.”*
- “Leva o concelho de Amares a outras terras de Portugal e estrangeiro promovendo alguns dos seus produtos, muitas vezes oferecidos no final das romarias.”*
- “Porque é um elemento fundamental na cultura.”*
- “Leva o nome da terra e das suas qualidades a várias partes do país. As bandas por vezes são as maiores embaixadoras da terra.”*
- “Porque leva e eleva o nome do concelho em diversos locais.”*
- “Até pelo próprio nome já há divulgação. Para além da troca de galhardetes e presentes oferecidos pela camara municipal. Pena a ajuda camarária não ser tão significativa como deveria.”*



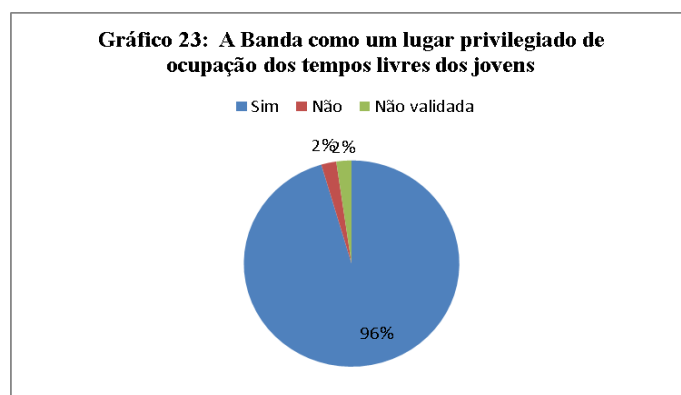
Através da análise do Gráfico 22, 75% dos músicos consideram existir um animador sociocultural na Banda.

Para além de animador sociocultural, exerce funções de:

-*"Direção da Banda de Amares."*

-*"É músico."*

-*"Faz de tudo, dança, canta, recita e acima de tudo torna os nossos dias mais agradáveis."*



No Gráfico 23 estão expressas as opiniões dos músicos relativas ao lugar que a Banda ocupa nos tempos livres dos jovens. 96% consideram que é um lugar privilegiado.

A Banda é considerada um lugar privilegiado de ocupação de tempos livres dos jovens. De seguida estão transcritas as várias respostas dos músicos.

-*"Ficamos a conhecer um pouco mais as romarias."*

-*"Porque ocupa os tempos livres de forma útil e promove o convívio."*

- "É um local onde além de ocuparem os tempos livres estão em constante evolução a nível musical e pessoal."*
- "Porque os jovens cultivam o amor à música e não entram com tanta facilidade em maus caminhos."*
- "O facto de convivermos e fazer música uns com os outros é fantástico."*
- "Porque é diferente dos clubes de futebol, escuteiros e outros. É uma instituição diferente e dá uma vertente nova e culta: a música."*
- "Porque é um sítio aonde se aprende, faz-se música e convive-se."*
- "É muito bom, tanto a nível cognitivo como social."*
- "Para além de se praticar música que enriquece a nossa banda passa-se ótimos momentos com amigos e descobre-se novas terras e pessoas que nos mostram um pouco da tradição portuguesa."*
- "É uma ocupação e uma forma de angariar algum dinheiro nos dias que correm."*
- "Para fazer parte dessa banda os músicos tem que provar que são capazes e isso indica estudos."*
- "Ajuda-me a ocupar o tempo e divirto-me muito."*
- "Porque ao entrarem na banda vamos ocupar o nosso tempo com as festas e assim não pensamos noutras coisas."*
- "Além de fazermos o que gostamos também convivemos e divertimo-nos muito."*
- "Sim, pois é uma boa forma de ocupação e de implementação de cultura entre os jovens."*
- "Porque levamos ao ensino e ao convívio saudável com os outros elementos."*
- "Têm a oportunidade de aprender uma arte."*
- "Distrai-os dos maus vícios e do sedentarismo."*
- "É um local bom para os jovens se divertirem e estão ocupados com uma arte que é a música."*
- "Porque são horas de convívio e os mais novos aprendem bastante com os mais velhos."*
- "Para os jovens é bom haver festas da banda porque assim estão-se a divertir."*
- "Contribui para o seu desenvolvimento."*
- "Porque ocupa muito espaço na nossa vida profissional."*
- "Através dela os jovens aprendem, convivem e divertem-se."*
- "A banda pode ser o início de uma vida profissional relacionada com a música."*
- "Dado as festas serem maioritariamente o fim de semana facilita a forma de vários jovens fazerem disto um hobby."*
- "A banda é um meio musical, e fazer música é um privilégio."*
- "É bom ter a banda para ocupação de tempos livres para nos podermos distrair com algo que é bom para nós."*
- "Porque quando estamos na banda podemos evoluir de muitas maneiras."*
- "Permite ganhar algum dinheiro."*
- "Porque além de tudo aprendemos a conviver com diversas pessoas."*

-“O convívio é saudável e permite aos jovens crescer com influência das diferentes gerações que se encontram nesta banda.”

-“As ligações que se criam, o sentido de responsabilidade, o próprio estímulo intelectual/cognitivo nos jovens são fatores fundamentais na formação cívica. A aprendizagem da música é fator evolutivo em crianças que iniciam o percurso escolar.”

-“É um meio lúdico e com via profissional que encaminha os jovens durante a sua vida. Uma vez que ocupa bastante tempo livre dos jovens, evita que se dediquem a atividades menos saudáveis.”

5.3 Interpretação dos dados obtidos nos questionários realizados aos músicos

Da análise aos resultados obtidos nos 44 questionários realizados aos músicos da Banda Filarmónica de Amares podemos concluir que mais de metade dos músicos (68%) é do sexo masculino. No entanto, é de salientar que a percentagem de elementos do sexo feminino (32%) tem aumentado gradualmente. Assim, afirma-se que a Banda sofreu bastantes alterações, desde a sua formação até à atualidade, no que respeita ao género dos músicos. Quando a Banda se formou, esta era constituída por um grupo de músicos homens, hoje em dia já não é assim, a mudança de mentalidades permitiu que as mulheres executassem funções que antigamente eram mais direcionadas para os homens.

A média de idades dos músicos encontra-se entre os 15 e os 24 anos. De realçar que vinte e sete elementos têm menos de vinte e cinco anos de idade, o que permite concluir que é um grupo muito jovem.

No que respeita ao percurso académico, mais de $\frac{3}{4}$ dos elementos são estudantes. Dos músicos que ingressaram no Ensino Superior seis deles admitem que o facto de pertencerem à Banda influenciou a escolha do curso na área da música, há ainda um elemento que referiu a influência do “ambiente filarmónico” vivido desde criança. Estes dados, quando conjugados com a formação musical, leva-nos a concluir que a maior parte dos elementos constituintes da BFA apresentam uma formação musical fora da Banda, em academias ou conservatórios e com um período de duração superior a cinco anos. Esta educação formal da música reflete-se no nível de excelência que a Banda apresenta. Este dado apresenta outro fator de evolução da Banda, visto que antigamente quem ensinava o solfejo era uma pessoa com pouca formação. O trabalho

recompensado dos músicos reflete-se no nível de satisfação que estes sentem ao pertencer à Banda Filarmónica de Amares.

Feita a análise aos resultados obtidos acerca da Banda ser uma forma de ASC, cerca de 77% dos músicos considera que sim. No entanto 75% admite que na Banda não há nenhum animador sociocultural e, através das respostas obtidas, pode-se concluir que o papel do animador sociocultural não é bem claro no grupo de músicos, definindo o animador sociocultural como a pessoa mais bem-disposta e que *“torna os dias mais agradáveis”*.

No que diz respeito às relações/convívio que são estabelecidos entre os vários músicos e a direção da Banda são classificadas como “Bom”, “Muito Bom” e “Excelente”, pelo facto de haver músicos que pertencem à Direção e assim podem transmitir mais facilmente as dificuldades sentidas no decorrer dos ensaios e nos concertos, ou mesmo a carência de instrumentos que a Banda sofre atualmente.

É notória a importância da Banda Filarmónica de Amares na divulgação do nome do concelho e consequente promoção da mesma, na interpretação feita às respostas proferidas pelos inquiridos. Todos afirmam que sem a Banda a vila de Amares não seria conhecida em determinados locais, bem como em determinados meios. Isto porque, quer na internet através do próprio *site*³, quer no *site* do município de Amares⁴ ou no *site* das Bandas Filarmónicas⁵ esta é referida e comentada. É de relevar, também, o facto de ter participado em concursos internacionais.

Por fim, assumem que a Banda é um lugar privilegiado de ocupação dos tempos livres por lhes ocupar o tempo de forma útil, mais concretamente na formação musical e na sua evolução, por proporcionar o convívio e transmissão de saberes culturais. O facto de admitirem que a Banda *“evita que se dediquem a atividades menos saudáveis”* revela a transmissão de bons valores por parte dos elementos mais velhos e da direção e, da parte dos músicos, a vontade de lutar pelo que gostam.

³ <http://bfamares.wix.com/banda-13>

⁴ <http://www.cm-amares.pt/associacoes>

⁵ <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=620>

5.4 Análise e interpretação dos dados obtidos na entrevista à direção da Banda

A entrevista à Direção da Banda Filarmónica de Amares (cf. anexo 7) foi realizada a dois elementos da mesma, ao Senhor António Araújo e à Dra. Sandra Ribeiro. A sua interpretação é feita pela comparação dos dados evidenciados pelo corpo diretivo da Banda, com os documentos cedidos e com o estudado anteriormente.

Tal como a entrevista, a sua análise e interpretação vai ser dividida em quatro partes. A primeira, referente ao historial da Banda Filarmónica de Amares relata-nos a falta de documentação acerca do mesmo, o que dificulta a compreensão do motivo de criação da Banda. Este entrave impede o seguimento de um fio condutor no decorrer de 160 anos de existência da Banda, uma vez que da sua história apenas há registo de algumas passagens. Do que se sabe, podemos concluir que a Banda surgiu da iniciativa de um Padre em formar um grupo de Capela, que com o passar dos anos foi-se expandido formando a Banda Filarmónica de Amares. A história da Banda passou a ser registada com mais rigor no momento em que esta se aliou aos Bombeiros Voluntários de Amares para poder existir. Este último facto comprova a dificuldade que havia, antes do 25 de Abril de 1974, em se poder constituir uma associação. Como foi estudado anteriormente, a existência de associações era muito controlada pelo Governo regente. Assim, aliando-se aos Bombeiros, considerada uma associação forte e com fins nobres, a Banda poderia exercer a sua função.

Através da análise da documentação cedida pela direção da Banda Filarmónica de Amares - apesar de ainda não ter sido alterado o nome, hoje em dia é mais conhecida por esta denominação - a constituição da associação passou por todos os passos necessários para a sua constituição e legalização, como o estudado no capítulo I. No entanto, a Reunião de Fundação aconteceu anos antes, a 18 de janeiro de 1928. A Aprovação dos Estatutos ocorre a 29 de novembro de 1974, o Certificado de Admissibilidade com o número nacional para as pessoas coletivas foi atribuído a 1 de setembro de 1999. A 8 de novembro de 1999 os membros diretivos procedem à Escritura Pública da Associação e a 22 de dezembro do mesmo ano sai em Diário da República a constituição da associação.

Na segunda parte da entrevista, direcionada para a Associação da Banda Filarmónica de Amares, foi possível conhecer o funcionamento atual da associação. Explicaram que esta é constituída por todos os membros necessários: direção, conselho fiscal e assembleia. No entanto o trabalho prático acaba por recair em *“três ou quarto, e o resto, o resto vem quando é necessário”*, como diz António Araújo na entrevista. Este dado encerra uma série de hipóteses: estarão as pessoas desmotivadas para o voluntariado? Não entendem a importância da associação no meio onde está inserida? António Araújo justifica, dizendo que *“tem a ver um pouco connosco, a nossa maneira de ser...”*.

Tal como foi estudado anteriormente, a Banda Filarmónica de Amares é uma associação sem fins lucrativos. Possui sede própria e massa associativa. Estes sócios pagam as quotas e é com este dinheiro juntamente com o dinheiro ganho nas atividades da Banda e donativos (antigamente, os mecenas) que a Direção adquire os bens e todo o material necessário. Os músicos e o Maestro recebem *“ajudas de custo, (...) para a deslocações, almoços e jantares, temos muitas festas que são manhã, tarde e noite e aí recebem uma renumeração. Nós chamamos remuneração, não é renumeração, no fundo são ajudas de custo para no fundo colmatar os custos que têm ao ir tocar.”* No entanto, a Direção não recebe qualquer recompensa monetária pelo trabalho desempenhado na Banda.

O que confere um caráter não lucrativo à associação tem a ver com a contabilidade efetuada no final do ano, o dinheiro que é angariado nas festas, romarias, concertos, quotas ou donativos é gasto em material, instrumentos ou requalificação da sede, ou em qualquer outra carência que a Banda tenha.

A direção, quando questionada acerca da existência de um animador sociocultural na associação, respondeu que não há ninguém que seja apelidado diretamente de “animador sociocultural”. A direção considera-se *“o próprio animador sociocultural, no fundo é quem promove todas as atividades que estão inerentes à banda, seja as festas, romarias, concertos, as aparições, que fazemos, os jantares, os convívios anuais que organizamos, outros jantares.”*

No que respeita à Escola de Música da Banda, terceira parte da entrevista, esta foi criada para *“a formação daquelas pessoas mais velhas, que já estavam cá há algum tempo e sabiam tocar*

um instrumento, acabarem por passar essa formação a outros e a miúdos mais jovens e outras pessoas que estivessem interessadas de forma a dar continuidade à Banda.” Neste momento a Escola está desativa. A Escola da Banda passou a sua área da formação musical para uma outra associação, a AECA, e aqui os alunos aprendem música e a tocar o instrumento e quando estão preparados ingressam na Banda. Nesta Escola de Música os professores são formados em música, em ciências musicais ou instrumentistas, no entanto a Escola não tem paralelismo pedagógico com academias ou conservatórios, o que confere à formação uma educação não-formal ou informal, consoante o interesse ou necessidade dos alunos.

Na quarta e última parte da entrevista, direcionada para a Direção e a Banda, a Direção admite que parte da evolução da Banda está relacionada com o excelente trabalho de gestão de músicos, de instrumentos e na direção que o Maestro tem feito ao longo destes 10 anos. Admitem que *é pedagogo, tem uma função pedagógica muito grande e em qualquer uma das situações (...)faz uma gestão de pessoas (...)*. No entanto, o que, no entender da Direção, fez evoluir verdadeiramente a BFA foi a jovialidade dos músicos associada à crescente formação musical que adquiriram, *“porque antigamente os músicos não tinham formação musical, profissional, digamos que não eram profissionais, não havia grande acesso a ensino profissional da música”*; bem como trabalho conjunto da direção com o maestro e músicos, numa estrutura organizada.

Quando questionados acerca da divulgação e promoção de Amares, a Direção assume que a Banda é um promotor da localidade, através das várias saídas que têm ao longo do ano e das lembranças, que publicitam Amares, que trocam com as comissões de festas ou com outras bandas.

Assumem ainda que a Banda é um lugar privilegiado de ocupação dos tempos livres dos jovens. Na sede os músicos podem ensaiar individualmente ou em conjunto. As festas em que participam promovem o convívio entre eles e o planeamento de outro tipo de atividades como serve de exemplo os jantares que acontecem regularmente.

Para finalizar a entrevista, quando questionados acerca do futuro da Banda, foi notória a sua enorme vontade de querer participar nos diversos concursos, quer nacionais, quer

internacionais, que são convidados, criar melhores infraestruturas, nomeadamente um auditório, para os ensaios. Passando ainda pela aquisição de instrumentos e fardamentos novos. Assumem que a maior grande parte dos projetos pensados não são fáceis de realizar devido à falta de condições monetárias da associação.

5.5 Análise e interpretação dos dados obtidos na entrevista ao Maestro da Banda

Tal como na entrevista à Direção da Banda, a entrevista ao Maestro (cf. anexo 5) também foi estruturada de forma a criar uma sequência às respostas. Assim, na primeira parte da entrevista, Vítor Matos descreveu como surgiu o seu interesse pela música, tendo início desde novo, no seio familiar. Não só influenciado pela música que o pai ouvia e tocava, este era músico amador, como por tios e primos que tocavam instrumentos. Percebe-se, portanto, que a música assume uma grande influência no seu dia a dia.

No que respeita à segunda parte da entrevista, relativa à colaboração do maestro na Banda, este refere que o que o mais cativa é o ambiente familiar, de associativismo que se vive na Banda. “*E as pessoas são tão... são impecáveis. São pessoas tão puras (...)*”. De salientar, ainda, o nível da Banda Filarmónica de Amares, fruto da excelente formação dos músicos, e de todo o esforço conjunto que é feito, desperta, então, o gosto por pertencer à coletividade.

Quando questionado acerca do tipo de projeto do maestro, este refere que deve ser traçado ao longo da sua vida, mas acima de tudo deve mostrar ser honesto e modesto. Não deve ser trabalhar só a música, mas também os músicos e toda a psicologia envolvente. Assume-se, pois, como a imagem da Banda, a força do seu trabalho reflete-se no nível da Banda.

O maestro, quando questionado acerca do repertório tocado e da sua evolução, referiu que este tem sido bastante inovador, sem esquecer as grandes obras mais antigas. Inova utilizando instrumentos pouco comuns na Banda conciliando-os com outras formas de apresentação da Banda.

Quando questionado acerca da Escola de Música da Banda, o maestro defende o projeto de se poder estabelecer uma parceria com uma academia ou conservatório a fim de criar uma Escola com paralelismo pedagógico. Esta formação dos músicos abre-lhes portas para o seu futuro profissional, contribuindo ainda para a sua elevação cultural. No entanto, sublinha ainda o Maestro, deve ainda assim preservar-se o modo de funcionamento mais informal das bandas.

No que diz respeito às relações na Banda, o Maestro admite que o ambiente é muito bom. As pessoas são fantásticas e há espírito de partilha e de interajuda. O facto de trabalhar com pessoas formadas faz com que se pense de maneira diferente e deixar de lado a arrogância ou o querer parecer sem o ser.

Por fim, no que respeita à Banda como Animação Sociocultural, o maestro admite que, hoje em dia, os pais fazem questão de levar os filhos para a Banda para que estes aprendam “*a tocar qualquer instrumento*”, ao contrário de antigamente, em que os músicos entravam já com o objetivo de tocar um instrumento específico, frequentemente pela mão de familiares ou amigos. De qualquer forma, como afirma Graça Mota (2009: 22) as bandas filarmónicas foram fundadas “com o intuito de serem um veículo de difusão de cultura musical e um centro de educação cívica”. Esta evolução da formação dos músicos eleva a Banda a um nível profissional, logo o associativismo não é aqui sinónimo de amadorismo. O maestro acrescenta, ainda, que assume um papel de animador, pelo facto de estar à frente da formação e dar a cara/identidade pela mesma.

O cuidado de melhorar, quer o repertório, quer os naipes de instrumentos faz com que a Banda evolua. Esta evolução é valorizada pelo público quando ouve/presta atenção à Banda, aos instrumentos individuais, aos naipes, em vez de apenas ao todo.

Para finalizar, é de reter a opinião que o maestro Vítor Matos tem acerca da importância das bandas filarmónicas no panorama musical português. Descreve-as como importantes, devendo ser apoiadas ao máximo, pelo digno papel que desempenham na formação e educação dos jovens e no ato de cativar novos públicos. No entanto, refere que o paralelismo pedagógico e institucional das escolas de música deve ser utilizado com cuidado, de forma a que o lado administrativo da escola e das suas obrigações oficiais não se sobreponha ao lado associativo da

Banda. *“Através da banda existir uma escola com paralelismo, mas a banda nunca estar ligada a essa escola. Eu defendo muito isso. Porque a banda não está ligada à escola vai deixar de ter aquela natureza, isso aconteceu em muitas bandas.” (...)* *“Porque depois a escola pode crescer muito e a banda vai abaixo.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, “A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural: Estudo de caso da Banda de Amares” proporcionou uma maior proximidade e relação, relativamente ao contexto Associativo, Sociocultural e Musical vivenciado na Banda Filarmónica de Amares. Esta investigação procurou conhecer a associação da Banda Filarmónica de Amares, analisar o tipo de relações que se estabelecem entre os vários elementos e perceber de que forma é que a Banda Filarmónica de Amares é uma forma de Animação Sociocultural.

Este estudo suscitou uma pesquisa bibliográfica (nem sempre fácil) em diferentes áreas do conhecimento (associativismo, animação sociocultural, relações intergeracionais, bandas filarmónicas, educação musical formal e informal e metodologias de investigação), alargando os horizontes a nível da interdisciplinaridade e sedimentando a formação.

De acordo com os objetivos traçados para a realização deste estudo, pode-se concluir que a constituição da associação da Banda Filarmónica de Amares passou por todos os passos necessários: (1) reunião de fundação, (2) aprovação dos estatutos, (3) obtenção do certificado de admissibilidade, (4) escritura pública da associação, (5) publicação e registo da associação e (6) declaração do início de atividade, tal como é descrito no Capítulo I. No entanto, a sua constituição só foi possível quando se associou à Corporação dos Bombeiros Voluntários de Amares, já existente, e passou a utilizar a denominação de *Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares*. Este facto deve-se à dificuldade que o Estado Novo, governo regente na altura, impunha para a constituição de associações, uma vez que o período entre 1926 e 1974 foi marcado pela forte restrição de liberdade, estando a constituição de associações dependente da aprovação do governo.

Relativamente ao tipo de associação, tal como é descrito nos estatutos da associação da Banda Filarmónica de Amares, esta é uma associação “cultural, musical, artística e recreativa”. Estas características da associação proporcionam aos músicos momentos de formação musical, partilha da cultura e valores, promoção do convívio, ocupação dos seus tempos livres. O estudo

permitiu verificar que a qualidade do trabalho musical ultrapassa o lado recreativo abrindo portas para futuras profissionalizações dos membros.

No que concerne à constituição da Banda Filarmónica de Amares, 68% de elementos são do sexo masculino e 32% são do sexo feminino, estando esta última percentagem a aumentar gradualmente. A maioria dos músicos tem a sua idade compreendida entre os 15 e os 24 anos. A formação musical dos músicos foi/é feita em escolas de música ou conservatórios. Este facto influencia a escolha do percurso académico. A educação formal de grande parte dos músicos reflete-se no nível de excelência da Banda. Este nível da Banda proporcionou a vários músicos a participação em orquestras internacionais.

Relativamente às relações que se estabelecem entre os vários elementos, a direção, o maestro e os músicos, enumeram o convívio em associação como tendo um papel importante no crescimento e desenvolvimento dos jovens, uma vez que proporciona uma aprendizagem de ajuda recíproca, o reconhecimento mútuo entre as pessoas, a busca da solidariedade. Assim, para além da intervenção responsável dos jovens, o associativismo proporciona a aquisição de um conjunto de competências de relacionamento interpessoal, comunicação, liderança, trabalho em equipa, que lhes permitem intervir não só em contexto associativo, mas também em todos os contextos que estejam inseridos.

A Banda assume-se como espaço de educação não-formal e informal, espaço de aprendizagem e que, na sociedade atual, tem um papel fundamental na formação integral dos jovens. Este espaço constitui-se como uma oportunidade para os jovens adquirirem competências e habilidades em diversas áreas, para além da formação musical específica. A participação em atividades gera a consciencialização e compreensão dos direitos e deveres enquanto cidadãos, ao mesmo tempo, que promove e fomenta atitudes e valores como a solidariedade, a justiça, o respeito pela diferença e pelos outros, o trabalho em equipa, o relacionamento interpessoal entre outros.

Desta forma, o associativismo é um espaço de motivação, em particular para os jovens, por estarem envolvidos num projeto sociocultural. É possível considerar que a Banda Filarmónica de

Amares contribui para uma melhor compreensão da Animação Sociocultural, no sentido de ser um exemplo de uma associação em que não há propriamente um animador sociocultural, uma vez que algumas das suas funções acabam por estar diluídas entre as funções do maestro e as da direção.

Das preocupações e anseios demonstrados pela Direção da Banda, ao longo da entrevista, é possível concluir que neste tipo de coletividades há escassez de recursos humanos diretivos. De salientar, ainda, que a falta de verbas para a participação em concursos internacionais, aquisição de materiais, fardamentos e instrumentos novos e a melhoria das infraestruturas são uma condicionante para uma maior e melhor evolução da Banda.

Da entrevista ao Maestro, podemos concluir que grande parte da evolução da Banda se deve ao brilhante trabalho em conjunto da direção, direção artística e músicos e da excelente formação musical dos últimos.

Apesar de todas as dificuldades e contrariedades inerentes à coletividade, podemos considerar que o papel educativo da Banda contribui em grande medida para que os elementos constituintes da mesma sejam reconhecidos pela sociedade e, ao mesmo tempo, sejam capazes de promover a construção da história e cultura de Amares e levar o seu bom nome a outras localidades pelo país fora.

O estudo desta temática foi uma mais-valia para o meu trabalho profissional e para o crescimento pessoal, através da pesquisa bibliográfica efetuada, do conhecimento e interação com outras pessoas, (desde os músicos da Banda, à Direção) e da partilha de conhecimentos e saberes. Permitiu a ampliação do meu saber académico e científico, em específico nos procedimentos de constituição e gestão de associações, no terreno da animação sociocultural, da evolução das bandas filarmónicas no nosso país e no meu papel enquanto agente educativo.

Apesar de algumas limitações no decorrer do projeto, espero ter contribuído para dar a conhecer o excelente trabalho desenvolvido pela Banda Filarmónica de Amares, levando-o ao reconhecimento no meio cultural e musical. Espero também ter contribuído para a perceção da

Banda Filarmónica de Amares como uma associação cultural e recreativa, mas de forte pendor profissionalizante. Este é um lado muitas vezes esquecido e desvalorizado nos movimentos associativos, embora largamente desenvolvido noutros países, como por exemplo a Alemanha. O lado amador e lúdico une-se frutuosamente a um grande potencial profissionalizante. Esta é, acredito, uma conclusão que poderá merecer o interesse de investigações futuras.

BIBLIOGRAFIA

d'ALPIUM, M. J. (2011). "Uma visão sobre as Bandas para além da música", in FRANCO, J. (org.) (2011), *Bandas Filarmónicas Portuguesas*. Vila Praia de Ancora: Ancorensis – Cooperativa de Ensino, C.R.L.

ANDER-EGG, E. (2000). *Metodología y Práctica de la Animación Sociocultural*. Instituto de Ciencias Sociales Aplicadas. Madrid: Editorial CCS.

ANDRADE, A. e FRANCO, R. (2007). *Economia do conhecimento e organizações sem fins lucrativos*. Documento acedido a 29 de outubro de 2012, em http://web.spi.pt/colecao_economiadoconhecimento/documentos/manuais_PDF/Manual_VIII.pdf.

CAMPONAR, M. (1991). "Do uso de "estudo de caso" em pesquisas para dissertações e teses em administração., *Revista de Administração*. 26 (3), 95-97.

CLEMENTE, P. (2009). *O Ensino da Música nas Dadas Filarmónicas – estudo comparativo entre a Banda da Sociedade Filarmónica Vermoileense (Portugal) e a Banda da Societat Filharmònica Alteanense (Espanha)*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Educação Musical. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.

COSTA, A. (2008). *Animação Sociocultural e Protagonismo Juvenil*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Associativismo e Animação Sociocultural. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.

FERREIRA, S. e VIEIRA, M. H. (2013). "Práticas Formais e Informais no Ensino da Música: Questionando a Dicotomia", in *Revista de Educação Artística* nº 3. Funchal: Direção de Serviços de Educação Artística e Multimédia da Direção Regional de Educação, pp. 87-97.

FRANCO, J. (2011). *Bandas Filarmónicas Portuguesas*. Vila Praia de Ancora: Ancorensis – Cooperativa de Ensino, C.R.L.

GOMES, A. (2002). *A música como factor de autocrescimento individual e comunitário*. Tese de Mestrado em Educação – Especialização em Educação de Adultos. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

LIMA, P. (2009). *Campinácios: Vivências de Animação Sócio-Cultural*. Tese de Mestrado em Estudos da Criança – Especialização em Associativismo e Animação Sociocultural. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.

LOPES, M. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Amarante: Gráfica do Norte.

MARRANA, J. (2011) *Associativismo e Animação Sociocultural*. Documento acedido a 13 de outubro de 2012, em <http://www.youblisher.com/p/165619-Animacao-Sociocultural-e-Associativismo/>.

MARRANA, J. (n.d.) *O Perfil do Animador Sociocultural*. Documento acedido a 13 de outubro de 2012, em <http://www.youblisher.com/p/165618-Perfil-do-Animador-Sociocultural/>.

MARTINS, A. (n.d.). *O Movimento Associativo Popular e a Democracia*. Documento acedido a 12 de outubro de 2012, em http://www.25abril.org/a25abril/get_document.php?id=259.

MENDES, V. (2001). *Como constituir uma associação*. Coleção: Praxis – Guias Jurídicos Práticos. Porto: Legis Editora.

MONTEIRO, A. (2002). *Associativismo e novos Laços Sociais. As iniciativas de Desenvolvimento Local em Portugal*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

MOTA, G. (2009). *Crescer em Bandas Filarmónicas – Um Estudo sobre a Construção da Identidade Musical de Jovens Portugueses*. Porto: Edições Afrontamento.

NOGUEIRA, J. (2007). *O Ensino Formal e Não-Formal da Música. Estudos de Caso no 2º Ciclo do Ensino Básico e nas Escolas de Música das Bandas Filarmónicas*. Tese de Mestrado em História da Educação e Pedagogia. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia.

OLIVEIRA, C. (2011). *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. Dissertação de Mestrado em Política Social. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa. Documento aceso a 8 de dezembro de 2013, em <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3100/9/TRABALHO%20COMPLETO.pdf>.

REIS, M. (2010). *Animação Musical: Formação de uma Filarmónica – Estudo de Caso*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Animação Sociocultural. Chaves: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

SERAPICOS, J. (2011). *A Animação Musical como Âmbito da Animação Sociocultural: A Importância dos “Encontros de Concertinas e Cantares ao Desafio” para a Participação*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação – Especialização em Animação Sociocultural. Chaves: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

STAKE, R. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

TRILLA, J. (1997). Conceito, Exame e Universo da Animação Sociocultural, in J. Trilla (Coord.) *Animação Sociocultural Teorias Programas e Âmbitos* (19-44). Lisboa: Instituto Piaget.

VIEGAS, J. M. (2004). “Implicações Democráticas das Associações Voluntárias – O caso português numa perspectiva comparativa europeia”. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 46, 33-50.

The New Grove Dictionary of Music and Musicians (Vols. 2 e 12). (1980). London: Macmillian Publishers Limited.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 129/98, de 13 de maio. Diário da República n.º 110/98 – I Série A. Ministério da Justiça. Lisboa. Estabelece o regime jurídico do Registo Nacional de Pessoas Colectivas.

Decreto-Lei n.º 460/77, de 7 de novembro. Diário da República n.º 257/77 – I Série. Presidência do Conselho de Ministros. Lisboa. Aprova o estatuto das colectividades de utilidade pública.

Decreto de aprovação da Constituição da República Portuguesa, de 10 de Abril de 1976. Diário da República n.º 86/76 – I Série. Presidência da República.

Decreto-Lei n.º 594/74, de 7 de novembro. Diário da República n.º 259/74 – I Série. Ministério da Administração Interna – Gabinete do Ministro. Lisboa. Reconhece e regulamenta o direito de associação.

Decreto-Lei n.º 47344/66, de 25 de novembro. Diário da República n.º 274/66- I Série. Ministério da Justiça. Lisboa. Aprova o *Código Civil* e regula a sua aplicação. Revoga toda a legislação civil relativa às matérias que o mesmo abrange.

Gabinete de documentação e direito comprovado (n.d.). *Convenção Europeia dos Direitos do Homem*. Documento acedido a 5 de novembro de 2012, em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhregionais/conv-tratados04-11-950-ets5.html>.

Diário da República electrónico (1997). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Documento acedido a 5 de novembro de 2012, em <http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>.

WEB

Sociedade Artística Musical Fafense – Banda de Golães. (2011). Informação acedida a 5 de fevereiro de 2013 em <http://bandadegoloes.no.sapo.pt/historia.htm>.

Grémio Literário. (2008). Informação acedida a 4 de janeiro de 2013, em <http://www.gremioliterario.pt/historia.php>.

Grémio Literário. (2008). Informação acedida a 4 de janeiro de 2013, em <http://www.gremioliterario.pt/estatutos.php>.

CRISTO, Lurdes. (n.d.). Associativismo e Cooperativismo. informação acedida a 4 de janeiro de 2013, em http://www.geocities.ws/animate032000/associativismo2.htm#HISTORIA_DO_DIREITO_DE_Associativo_em_P.

Banda Filarmónica de Amares. (2013). Informação acedida a 5 de fevereiro de 2013, em <http://bfamares.wix.com/banda-13>.

Município de Amares. (n.d.). Informação acedida a 2 de julho de 2013, em <http://www.cm-amar.es.pt/associacoes>.

Bandas Filarmónicas. (n.d.). Informação acedida a 5 de fevereiro de 2013, em <http://www.bandasfilarmonicas.com/bandas.php?id=620>.

DOCUMENTAÇÃO CEDIDA PELA DIREÇÃO DA BANDA FILARMÓNICA DE AMARES

Bombeiros Voluntários de Amares. Acta da Assembleia Geral Extraordinária. (1928. janeiro 8).

Bombeiros Voluntários de Amares. Estatutos da Banda. (1974, novembro 29).

CAPELA, M. J. (1999). *Banda Filarmónica dos Bombeiros Voluntários de Amares*.

Cartório Notarial de Amares. Documento comprovativo da Escritura Pública da Associação. (1999, novembro 8).

Diário da República nº 296- 22.12.1999 - IIIª Série. Lisboa.

Anexos

ANEXO 1 – LEGISLAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES

1. CÓDIGO CIVIL PORTUGUÊS – Lei n.º 47344 de 25 de Novembro de 1966

(normas aplicáveis às associações)

CAPÍTULO II

Pessoas colectivas

SECÇÃO I

Disposições gerais

Art. 157º (Campo de aplicação)

As disposições do presente capítulo são aplicáveis às associações que não tenham por fim o lucro económico dos associados, às fundações de interesse social, e ainda às sociedades, quando a analogia das situações o justifique.

Art. 158º (Aquisição da personalidade)

1. As associações constituídas por escritura pública, com as especificações referidas no n.º 1 do artigo 167º, gozam de personalidade jurídica.

2. As fundações adquirem personalidade jurídica pelo reconhecimento, o qual é individual e da competência da autoridade administrativa.

(Redacção do Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 158º-A (Nulidade do acto de constituição ou instituição)

É aplicável à constituição de pessoas colectivas o disposto no artigo 280º, devendo o Ministério Público promover a declaração judicial da nulidade.

(Aditado pelo Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 159º (Sede)

A sede da pessoa colectiva é a que os respectivos estatutos fixarem ou, na falta de designação estatutária, o lugar em que funciona normalmente a administração principal.

Art. 160º (Capacidade)

1. A capacidade das pessoas colectivas abrange todos os direitos e obrigações necessários ou convenientes à prossecução dos seus fins.

2. Exceptuam-se os direitos e obrigações vedados por lei ou que sejam inseparáveis da personalidade singular.

Art. 161º (Revogado pelo Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 162º (Órgãos)

Os estatutos da pessoa colectiva designarão os respectivos órgãos, entre os quais haverá um órgão colegial de administração e um conselho fiscal, ambos eles constituídos por um número ímpar de titulares, dos quais um será o presidente.

Art. 163º (Representação)

1. A representação da pessoa colectiva, em juízo e fora dele, cabe a quem os estatutos determinarem ou, na falta de disposição estatutária, à administração ou a quem por ela for designado.

2. A designação de representantes por parte da administração só é oponível a terceiros quando se prove que estes a conheciam.

Art. 164º (Obrigações e responsabilidade dos titulares dos órgãos da pessoa colectiva)

1. As obrigações e a responsabilidade dos titulares dos órgãos das pessoas colectivas para com estas são definidas nos respectivos estatutos, aplicando-se, na falta de disposições estatutárias, as regras do mandato com as necessárias adaptações.

2. Os membros dos corpos gerentes não podem abster-se de votar nas deliberações tomadas em reuniões a que estejam presentes, e são responsáveis pelos prejuízos delas decorrentes, salvo se houverem manifestado a sua discordância.

Art. 165º (Responsabilidade civil das pessoas colectivas)

As pessoas colectivas respondem civilmente pelos actos ou omissões dos seus representantes, agentes ou mandatários nos mesmos termos em que os comitentes respondem pelos actos ou omissões dos seus comissários.

Art. 166º (Destino dos bens no caso de extinção)

1. Extinta a pessoa colectiva, se existirem bens que lhe tenham sido doados ou deixados com qualquer encargo ou que estejam afectados a um certo fim, o tribunal, a requerimento do Ministério Público, dos liquidatários, de qualquer associado ou interessado, ou ainda de herdeiros do doador ou do autor da deixa testamentária, atribuí-los-á, com o mesmo encargo ou afectação, a outra pessoa colectiva.

2. Os bens não abrangidos pelo número anterior têm o destino que lhes for fixado pelos estatutos ou por deliberação dos associados, sem prejuízo do disposto em leis especiais; na falta de fixação ou de lei especial, o tribunal, a requerimento do Ministério Público, dos liquidatários,

ou de qualquer associado ou interessado, determinará que sejam atribuídos a outra pessoa colectiva ou ao Estado, assegurando, tanto quanto possível, a realização dos fins da pessoa extinta.

(Redacção do Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

SECÇÃO II

Associações

Art. 167º (Acto de constituição e estatutos)

1. O acto de constituição da associação especificará os bens ou serviços com que os associados concorrem para o património social, a denominação, fim e sede da pessoa colectiva, a forma do seu funcionamento, assim como a sua duração, quando a associação se não constitua por tempo indeterminado.

2. Os estatutos podem especificar ainda os direitos e obrigações dos associados, as condições da sua admissão, saída e exclusão, bem como os termos da extinção da pessoa colectiva e consequente devolução do seu património.

Art. 168º (Forma e publicidade)

1. O acto de constituição da associação, os estatutos e as suas alterações devem constar de escritura pública.

2. O notário deve, oficiosamente, a expensas da associação, comunicar a constituição e estatutos, bem como as alterações destes, à autoridade administrativa e ao Ministério Público e remeter ao jornal oficial um extracto para publicação.

3. O acto de constituição, os estatutos e as suas alterações não produzem efeitos em relação a terceiros, enquanto não forem publicados nos termos do número anterior.

(Redacção do Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 169º (Revogado pelo Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 170º (Titulares dos órgãos da associação e revogação dos seus poderes)

1. É a assembleia geral que elege os titulares dos órgãos da associação, sempre que os estatutos não estabeleçam outro processo de escolha.

2. As funções dos titulares eleitos ou designados são revogáveis, mas a revogação não prejudica os direitos fundados no acto de constituição.

3. O direito de revogação pode ser condicionado pelos estatutos à existência de justa causa.

Art. 171º (Convocação e funcionamento do órgão da administração e do conselho fiscal)

- 1. O órgão da administração e o conselho fiscal são convocados pelos respectivos presidentes e só podem deliberar com a presença da maioria dos seus titulares.*
- 2. Salvo disposição legal ou estatutária em contrário, as deliberações são tomadas por maioria de votos dos titulares presentes, tendo o presidente, além do seu voto, direito a voto de desempate.*

Art. 172º (Competência da assembleia geral)

- 1. Competem à assembleia geral todas as deliberações não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias de outros órgãos da pessoa colectiva.*
- 2. São, necessariamente, da competência da assembleia geral a destituição dos titulares dos órgãos da associação, a aprovação do balanço, a alteração dos estatutos, a extinção da associação e a autorização para esta demandar os administradores por factos praticados no exercício do cargo.*

Art. 173º (Convocação da assembleia)

- 1. A assembleia geral deve ser convocada pela administração nas circunstâncias fixadas pelos estatutos e, em qualquer caso, uma vez em cada ano para aprovação do balanço.*
- 2. A assembleia será ainda convocada sempre que a convocação seja requerida, com um fim legítimo, por um conjunto de associados não inferior à quinta parte da sua totalidade, se outro número não for estabelecido nos estatutos.*
- 3. Se a administração não convocar a assembleia nos casos em que deve fazê-lo, a qualquer associado é lícito efectuar a convocação.*

Art. 174º (Forma de convocação)

- 1. A assembleia geral é convocada por meio de aviso postal, expedido para cada um dos associados com a antecedência mínima de oito dias; no aviso indicar-se-á o dia, hora e local da reunião e a respectiva ordem do dia.*
- 2. São anuláveis as deliberações tomadas sobre matéria estranha à ordem do dia, salvo se todos os associados comparecerem à reunião e todos concordarem com o aditamento.*
- 3. A comparência de todos os associados sanciona quaisquer irregularidades da convocação, desde que nenhum deles se oponha à realização da assembleia.*

Art. 175º (Funcionamento)

- 1. A assembleia não pode deliberar, em primeira convocação, sem a presença de metade, pelo menos, dos seus associados.*
- 2. Salvo o disposto nos números seguintes, as deliberações são tomadas por maioria absoluta dos associados presentes.*
- 3. As deliberações sobre alterações dos estatutos exigem o voto favorável de três quartos do número dos associados presentes.*
- 4. As deliberações sobre a dissolução ou prorrogação da pessoa colectiva requerem o voto favorável de três quartos do número de todos os associados.*
- 5. Os estatutos podem exigir um número de votos superior ao fixado nas regras anteriores.*

Art. 176º (Privação do direito de voto)

- 1. O associado não pode votar, por si ou como representante de outrem, nas matérias em que haja conflito de interesses entre a associação e ele, seu cônjuge, ascendentes ou descendentes.*
- 2. As deliberações tomadas com infracção do disposto no número anterior são anuláveis se o voto do associado impedido for essencial à existência da maioria necessária.*

Art. 177º (Deliberações contrárias à lei ou aos estatutos)

As deliberações da assembleia geral contrárias à lei ou aos estatutos, seja pelo seu objecto, seja por virtude de irregularidades havidas na convocação dos associados ou no funcionamento da assembleia, são anuláveis.

Art. 178º (Regime da anulabilidade)

- 1. A anulabilidade prevista nos artigos anteriores pode ser arguida, dentro do prazo de seis meses, pelo órgão da administração ou por qualquer associado que não tenha votado a deliberação.*
- 2. Tratando-se de associado que não foi convocado regularmente para a reunião da assembleia, o prazo só começa a correr a partir da data em que ele teve conhecimento da deliberação.*

Art. 179º (Protecção dos direitos de terceiro)

A anulação das deliberações da assembleia não prejudica os direitos que terceiro de boa fé haja adquirido em execução das deliberações anuladas.

Art. 180º (Natureza pessoal da qualidade de associado)

Salvo disposição estatutária em contrário, a qualidade de associado não é transmissível, quer por acto entre vivos, quer por sucessão; o associado não pode incumbir outrem de exercer os seus direitos pessoais.

Art. 181º (Efeitos da saída ou exclusão)

O associado que por qualquer forma deixar de pertencer à associação não tem o direito de repetir as quotizações que haja pago e perde o direito ao património social, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi membro da associação.

Art. 182º (Causas de extinção)

1. As associações extinguem-se:

- a) Por deliberação da assembleia geral;*
- b) Pelo decurso do prazo, se tiverem sido constituídas temporariamente;*
- c) Pela verificação de qualquer outra causa extintiva prevista no acto de constituição ou nos estatutos;*
- d) Pelo falecimento ou desaparecimento de todos os associados;*
- e) Por decisão judicial que declare a sua insolvência.*

2. As associações extinguem-se ainda por decisão judicial:

- a) Quando o seu fim se tenha esgotado ou se haja tornado impossível;*
- b) Quando o seu fim real não coincida com o fim expresso no acto de constituição ou nos estatutos;*
- c) Quando o seu fim seja sistematicamente prosseguido por meios ilícitos ou imorais;*
- d) Quando a sua existência se torne contrária à ordem pública.*

(Redacção do Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 183º (Declaração da extinção)

1. Nos casos previstos nas alíneas b) e c) do nº 1 do artigo anterior, a extinção só se produzirá se, nos trinta dias subsequentes à data em que devia operar-se, a assembleia geral não decidir a prorrogação da associação ou a modificação dos estatutos.

2. Nos casos previstos no nº 2 do artigo precedente, a declaração da extinção pode ser pedida em juízo pelo Ministério Público ou por qualquer interessado.

3. A extinção por virtude da declaração de insolvência dá-se em consequência da própria declaração.

(Redacção do Dec.-Lei 496/77, de 25-11)

Art. 184º (Efeitos da extinção)

- 1. Extinta a associação, os poderes dos seus órgãos ficam limitados à prática dos actos meramente conservatórios e dos necessários, quer à liquidação do património social, quer à ulitimação dos negócios pendentes; pelos actos restantes e pelos danos que deles advenham à associação respondem solidariamente os administradores que os praticarem.*
- 2. Pelas obrigações que os administradores contraírem, a associação só responde perante terceiros se estes estavam de boa fé e à extinção não tiver sido dada a devida publicidade.*

ANEXO 2 – ESTATUTO DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL

O presente estatuto foi retirado do *site* da **Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural** (A.P.D.A.S.C.) (http://www.apdasc.com/info/ver_pagina.php?id=20, acedido a 29 de Maio de 2013).

ESTATUTO DO ANIMADOR SOCIOCULTURAL

Preâmbulo

A Animação Sociocultural é o conjunto de práticas desenvolvidas a partir do conhecimento de uma determinada realidade, que visa estimular os indivíduos, para a sua participação com vista a tornarem-se agentes do seu próprio processo de desenvolvimento e das comunidades em que se inserem. A Animação Sociocultural é um instrumento decisivo para um desenvolvimento multidisciplinar integrado dos indivíduos e dos grupos.

O animador sociocultural é aquele que, sendo possuidor de uma formação adequada, é capaz de elaborar e executar um plano de intervenção, numa comunidade, instituição ou organismo, utilizando técnicas culturais, sociais, educativas, desportivas, recreativas e lúdicas.

O presente Estatuto do Animador Sociocultural foi ratificado por aclamação no I Congresso Nacional de Animação Sociocultural, subordinado ao tema da Profissão e Profissionalização dos Animadores, que se realizou nos dias 18, 19 e 20 de Novembro de 2010, no Centro Cultural e de Congressos da cidade de Aveiro, após ter sido aprovado por unanimidade na Assembleia geral da APDASC – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sócio- Cultural, realizada nos dois primeiros dias do Congresso.

CAPÍTULO I

Objeto, âmbito, natureza, objetivos e estrutura da carreira

Artigo 1º

Objeto

1. O presente diploma estabelece o Estatuto do Animador Sociocultural, nomeadamente no âmbito das carreiras da administração central, regional, local, do 3.º sector e empresas privadas.

Artigo 2º

Âmbito

1. O presente diploma aplica-se em Portugal continental e às respectivas Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, a todos os Animadores Socioculturais que, independentemente do vínculo contratual, desenvolvam a sua atividade na administração central, regional, local, do 3.º sector ou em empresas privadas.

Artigo 3º

Natureza e Objetivos

1. A carreira dos Animadores Socioculturais enquadra todas as pessoas que tenham em sua posse o respetivo certificado ou diploma em Animação Sociocultural, Animação e Intervenção Sociocultural, Animação Educativa e Sociocultural, Animação Cultural, Animação Socioeducativa, Animação Cultural e Educação Comunitária, Animador Sociocultural, Animador Sociocultural/Técnico de geriatria, Animador Sociocultural/Assistente familiar, Animador Sociocultural/Desporto, Técnico de Animação Sociocultural, Animador Social, Animador Social/Assistente de Geriatria, Animador Social/Assistente Familiar, Animador Social/Organização e apoio nas áreas sociais, Animador Social/Organização e planeamento, e Animador Social/Técnico de desenvolvimento, obtido através de curso superior, pós-secundário ou secundário legalmente reconhecido pelo Ministério da Educação ou Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e que exerçam a sua atividade no território nacional, independentemente do regime em que esta é desenvolvida.

2. No desenvolvimento das suas funções, o Animador Sociocultural, atua em conformidade com as metodologias da Animação Sociocultural, e dentro dos respetivos conteúdos funcionais inerentes às categorias profissionais.

Artigo 4º

Estrutura e Acesso às Carreiras Profissionais

1. O presente Estatuto define dois tipos de Animadores Socioculturais:

a) Técnico Superior em Animação Sociocultural

b) Assistente Técnico em Animação Sociocultural

2. Considera-se Técnico Superior em Animação Sociocultural aquele que tenha a titularidade oficialmente reconhecida e correspondente à licenciatura em Animação Sociocultural, Animação e Intervenção Sociocultural, Animação Educativa e Sociocultural, Animação Cultural, Animação

Socioeducativa, Animação Cultural e Educação Comunitária. Qualquer outro diploma, ainda que de habilitações idênticas ou superiores à licenciatura, não possibilita o acesso a esta Carreira.

*3. A carreira do **Técnico Superior em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua actividade profissional no âmbito da função pública, enquadra-se nas carreiras gerais da função pública de **Técnico Superior** (cf. Art.º 49, Lei N.º 12-A/2008, DR 1.ª Série - N.º 41 – 27 Fevereiro). 4. A carreira do **Técnico Superior em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua actividade profissional no âmbito das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), enquadra-se na carreira de **Técnico Superior de Animação Sócio-Cultural de 1.ª** (nível III), **Técnico Superior de Animação Sócio-Cultural de 2.ª** (nível IV), **Técnico Superior de Animação Sócio-Cultural de 3.ª** (nível V), (cf. Boletim do Trabalho e Emprego, n.º 34 de 15 de Setembro de 2010).*

*5. A carreira do **Técnico Superior em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua actividade profissional no âmbito das Misericórdias, enquadra-se na carreira de **Animador Sociocultural, Animador Cultural** ou **Animador Familiar**, níveis V (Grau I), IV (Grau II) e III (Grau Principal), (Cf. Boletim do Trabalho e Emprego, 1.ª série n.º 47, de 22 de Dezembro de 2001).*

*6. Considera-se **Assistente Técnico em Animação Sociocultural** aquele que tenha em sua posse o respetivo certificado ou diploma oficialmente reconhecido e correspondente à conclusão do 12.º ano, ou habilitação equivalente, em Curso de Animador Sociocultural, Animador Sociocultural/Técnico de geriatria, Animador Sociocultural/Assistente familiar, Animador Sociocultural/Desporto, Técnico de Animação Sociocultural, Animador Social, Animador Social/Assistente de Geriatria, Animador Social/Assistente Familiar, Animador Social/Organização e apoio nas áreas sociais, Animador Social/Organização e planeamento, e Animador Social/Técnico de desenvolvimento. Qualquer outro diploma, ainda que de habilitações idênticas ou superiores ao 12.º ano, não possibilita o acesso a esta Carreira.*

*7. A carreira do **Assistente Técnico em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua atividade profissional no âmbito da função pública, enquadra-se nas carreiras gerais a função pública de **Assistente Técnico** (cf. Art.º 49, Lei N.º 12-A/2008, DR 1.ª Série - N.º 41 – 27 Fevereiro).*

*8. A carreira do **Assistente Técnico em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua atividade profissional no âmbito das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS), enquadra-se na carreira de **Animador Sócio-Cultural** (nível IX), (cf. Boletim do Trabalho e Emprego, n.º 34 de 15 de setembro de 2010).*

*9. A carreira do **Assistente Técnico em Animação Sociocultural** que desenvolva a sua*

*atividade profissional no âmbito das Misericórdias, enquadra-se na carreira de **Animador Sociocultural, Animador Cultural ou Animador Familiar**, níveis IX (Grau I), VIII (Grau II) e VII (Grau Principal), (Cf. Boletim do Trabalho e Emprego, 1.ª série n.º 47, de 22 de Dezembro de 2001).*

CAPÍTULO II

Conteúdo funcional

Artigo 5.º

Conteúdo funcional

*1. O exercício da atividade de **Técnico Superior em Animação Sociocultural** insere-se no quadro das competências atribuídas aos organismos da administração central, regional, local, do 3.º sector e empresas privadas, compreendendo um conjunto de funções na definição de planos e programas de intervenção no domínio sociocultural.*

*2. O **Técnico Superior em Animação Sociocultural**, é o trabalhador responsável pela conceção e coordenação de processos de diagnóstico sociocultural, bem como pelo planeamento, execução, gestão, acompanhamento e avaliação de projetos, programas e planos de Animação Sociocultural. Coordena equipas de Assistentes Técnicos em Animação Sociocultural ou outros, definindo, implementando e avaliando estratégias para a sua intervenção através dos recursos possíveis.*

*3. O exercício da atividade de **Assistente Técnico em Animação Sociocultural** insere-se no quadro das competências atribuídas aos organismos da administração central, regional, local, do 3.º sector e empresas privadas, e compreende um conjunto de funções, superiormente enquadradas, visando a intervenção junto de uma comunidade ou grupo tendo por instrumento técnicas de Animação Sociocultural e por objeto o desenvolvimento global e a integração pela via da atividade social e cultural dessa comunidade ou grupo.*

*4. O **Assistente Técnico em Animação Sociocultural**, é o trabalhador que está capacitado para (cf. perfil de Animador Sociocultural no Catálogo Nacional de Qualificações):*

a) Diagnosticar e analisar, em equipas técnicas multidisciplinares, situações de risco e áreas de intervenção sob as quais atuar, relativas ao grupo alvo e ao seu meio envolvente (observar e recolher informação, através de instrumentos vários, sobre a comunidade, o grupo e o indivíduo; despistar situações de risco, encaminhando-as para as equipas técnicas especializadas).

- b) Planear e implementar, em conjunto com a equipa técnica multidisciplinar, projetos de intervenção sócio-comunitária.*
- c) Planear, organizar e avaliar atividades de carácter educativo, cultural, desportivo, social, lúdico, turístico e recreativo, em contexto institucional, na comunidade ou ao domicílio, tendo em conta o serviço em que está integrado e as necessidades do grupo e dos indivíduos, com vista a melhorar a sua qualidade de vida e a qualidade da sua inserção e interação social (conceber os materiais necessários para o desenvolvimento das atividades de animação, tais como, fantoches, gigantones, esculturas, trabalhos de cerâmica, máscaras, adereços e pinturas).*
- d) Desenvolver atividades diversas, nomeadamente ateliês, visitas a museus e exposições, encontros desportivos, culturais e recreativos, encontros intergeracionais, atividades de expressão corporal, leitura de contos e poemas, trabalhos manuais, com posterior exposição dos trabalhos realizados, culinária, passeios ao ar livre.*
- f) Promover a integração grupal e social e envolver as famílias nas atividades desenvolvidas, fomentando a sua participação.*
- g) Fomentar a interação entre os vários atores sociais da comunidade, articulando a sua intervenção com os atores institucionais nos quais o grupo alvo/indivíduo se insere.*
- h) Acompanhar as alterações que se verifiquem na situação dos clientes/utilizadores e que afetem o seu bem-estar.*
- i) Elaborar relatórios de atividades.*

CAPÍTULO III

Direitos e deveres

Artigo 6º

Direitos

- 1. São garantidos aos Animadores Socioculturais os direitos estabelecidos para os trabalhadores em geral, bem como os direitos profissionais decorrentes do presente Estatuto.*
- 2. São direitos profissionais do Animador Sociocultural:*
 - a) Direito de participação.*
 - b) Direito à formação e informação para o exercício da sua função.*
 - c) Direito ao apoio técnico, material e documental.*
 - d) Direito à segurança na atividade profissional.*

e) Direito à negociação coletiva.

Artigo 7º

Direito de participação

- 1. O direito de participação exerce-se nos diferentes âmbitos da Animação Sociocultural.*
- 2. O direito de participação que, consoante os casos, é exercido individualmente, em grupo ou através de organizações profissionais ou sindicais, que venham a formar-se, compreende:*
 - a) O direito de participar na definição da política de Animação Sociocultural à escalam comunitária, local, regional e nacional.*
 - b) O direito de intervir na orientação pedagógica dos projetos de Animação Sociocultural em que se encontre envolvido, bem como na escolha dos métodos, das tecnologias e técnicas de animação mais adequadas.*
 - c) O direito de coordenar e participar em projetos de estudo e investigação na área da Animação Sociocultural, bem como nos respetivos processos de avaliação.*
 - d) O direito de eleger e ser eleito para organizações profissionais ou sindicais, que venham a formar-se.*

Artigo 8º

Direito à formação e informação

- 1. O direito à formação e informação para o exercício da sua função é garantido pelo acesso a ações de formação contínua regulares, destinadas a atualizar e aprofundar os conhecimentos e as competências profissionais e ainda à autoformação, podendo visar objetivos de reconversão profissional, bem como de mobilidade e progressão na carreira.*

Artigo 9º

Direito ao apoio técnico, material e documental

- 1. O direito ao apoio técnico, material e documental exerce-se sobre os recursos necessários à formação e informação do Animador Sociocultural, bem como ao exercício da Animação Sociocultural.*

Artigo 10º

Direito à segurança na atividade profissional

- 1. O direito à segurança na atividade profissional compreende a proteção por acidentes em serviço, nos termos da legislação aplicável, bem como a prevenção e tratamento de doenças que*

venham a ser definidas pelo Governo, como resultando necessária e diretamente do exercício continuado da função de Animador Sociocultural.

2. O direito à segurança na atividade profissional compreende ainda, a penalização da prática de ofensa corporal ou outra violência sobre o Animador Sociocultural no exercício das suas funções ou por causa delas.

3. Direito ao sigilo e confidencialidade.

Artigo 11º

Direito à negociação coletiva

1. É reconhecido ao Animador Sociocultural o direito à negociação coletiva, nos termos legalmente previstos.

Artigo 12º

Deveres profissionais

1. O Animador Sociocultural está obrigado ao cumprimento dos deveres estabelecidos para os trabalhadores em geral e dos deveres profissionais decorrentes do presente Estatuto.

2. Decorrendo da natureza da função exercida, são deveres profissionais do Animador Sociocultural:

a) Contribuir para a formação e realização integral dos indivíduos, promovendo o desenvolvimento das suas capacidades, estimulando a sua autonomia e criatividade, incentivando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida da comunidade.

b) Reconhecer e respeitar as diferenças socioculturais dos membros da comunidade, valorizando os diferentes saberes e culturas, combatendo processos de exclusão e discriminação, promovendo a interculturalidade.

c) Colaborar com todos os intervenientes da Animação Sociocultural, favorecendo a criação e o desenvolvimento de relações de respeito mútuo.

d) Participar na organização e assegurar a realização das atividades de Animação Sociocultural.

e) Respeitar o sigilo profissional, respeitando principalmente a natureza confidencial da informação relativa aos cidadãos, salvo se em consciência estão em sério risco exigências do bem comum.

f) Refletir sobre o trabalho realizado individual e coletivamente, defendendo o projeto pessoal e comunitário.

g) Enriquecer e partilhar os recursos da Animação Sociocultural, bem como utilizar novos meios que lhe sejam propostos numa perspetiva de abertura à inovação e de reforço da qualidade da Animação Sociocultural.

h) Respeitar, como forma de inserção na comunidade, as tradições, os usos e costumes do meio envolvente ao local em que exerce funções.

i) Co-responsabilizar-se pela preservação e uso adequado das instalações e equipamentos que utilize.

j) Atualizar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, capacidades e competências, numa perspetiva de desenvolvimento pessoal e profissional.

k) Cooperar com os restantes intervenientes na Animação Sociocultural com vista à implementação de projetos.

l) Promover as relações internacionais e a aproximação entre povos.

m) Cumprir as obrigações do Código Deontológico do Animador Sociocultural.

ANEXO 3 – PEDIDO DE COLABORAÇÃO À BANDA FILARMÓNICA DE AMARES



**CARTA DE PEDIDO DE COLABORAÇÃO
COM O ESTUDO DE MESTRADO DE ANA SÍLVIA LEMOS
INTITULADO
"A BANDA FILARMÓNICA COMO ASSOCIAÇÃO E MEIO DE ANIMAÇÃO SOCIO-
CULTURAL: ESTUDO DE CASO DA BANDA DE AMARES"**

Maria Helena Gonçalves Leal Vieira, Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho da área disciplinar de Educação Musical, e orientadora do projecto de Mestrado de Ana Sílvia Lemos no âmbito do Mestrado de Associativismo e Animação Socio-Cultural intitulado "A Banda Filarmónica como associação e meio de animação socio-cultural: Estudo de caso da Banda de Amares" vem por este meio solicitar o apoio e colaboração da Direcção e Membros da Banda de Amares nas diferentes fases da pesquisa: observação, análise documental, entrevistas e inquéritos.

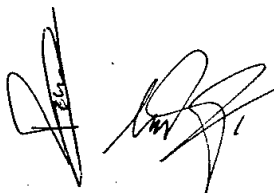
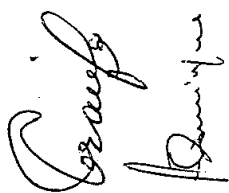
Previamente grata pelo apoio e colaboração que possam ser prestados,

Braga, Universidade do Minho, 16 de Maio de 2013

A handwritten signature in black ink, reading "M. Helena Vieira".

Maria Helena Gonçalves Leal Vieira
(Prof. Auxiliar, Instituto de Educação, Universidade do Minho)

ANEXO 4 – ESTATUTOS DA BANDA FILARMÓNICA DE AMARES



ESTATUTOS

Fls. 123
Documento 47
Liv.º 21 e fls. 77
36

BANDA FILARMÓNICA DE AMARES

CAPÍTULO I

Artº 1º. - A BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AMARES, é uma Associação cultural, musical, artística e recreativa já com tradições e que se rege pelos presentes Estatutos. _____

Artº 2º. - A sua Sede é na rua Sá de Miranda, Freguesia de Ferreiros, vila e concelho de Amares, e a sua duração é por tempo indeterminado. _____

Artº 3º. - A Banda tem por fim especial a sua exibição em público e a execução de obras musicais de autores portugueses e estrangeiros, podendo integrar-se em federações e confederações para atingir os seus objectivos. _____

CAPÍTULO II DOS ASSOCIADOS

Artº 4º. - A Banda compor-se-á de três categorias de sócios: Sócios beneméritos, sócios efectivos e sócios executantes: _____

a) São sócios beneméritos os indivíduos que, por uma só vez, contribuam para esta Associação com uma quantia igual ou superior a dez mil escudos, ou ainda aqueles que tenham prestado relevantes serviços que mereçam esse reconhecimento da Assembleia Geral. _____

b) São sócios efectivos todos os indivíduos que contribuam com a quota anual, mínima, de mil e quinhentos escudos. _____

c) São sócios executantes os indivíduos que façam parte da filarmónica, os quais estão isentos de obrigatoriedade de quotização. _____


Artº 5º. - Os sócios efectivos só podem ser admitidos por proposta de outros sócios e com o acordo da Direcção. _____

Artº 6º. - Os sócios executantes só podem ser admitidos por proposta do Regente da Banda e com o acordo da Direcção. _____

DEVERES

Artº 7º. - São deveres dos associados: _____

1º - Pagarem anualmente a quota com que se subscreveram, podendo ser eliminados se deixarem de pagar dois anos consecutivos, depois de serem avisados pela

Direcção, 

p. 124 fa. c

- 2º - Comparecerem às Assembleias Gerais; _____
- 3º - Conçorrerem para o progresso, desenvolvimento e bom nome da Associação; _____
- 4º - Servirem com zelo os cargos para que foram eleitos ou designados. _____
- 5º - Os sócios executantes terão mais os deveres de obediência ao Regente, de zelar pela conservação do fardamento e instrumento musical, quando pertença da Associação, bem como de evidenciar distinção e aprumo. _____

DIREITOS

Artº 8º. - São direitos dos associados: _____

- 1º - Tomar parte nas Assembleias Gerais; _____
- 2º - Eleger e ser eleito para os cargos sociais nos termos dos presentes Estatutos; _____
- 3º - Requerer a convocação da Assembleia Geral. _____
- 4º - Tratando-se de executantes, receberem uma remuneração por cada serviço contratado, estipulada pela Direcção, ouvido o Regente. _____

PENALIDADES

Artº 9º. - Serão suspensos por um período designado, conforme a penalidade, ou demitidos, os sócios que: _____

- 1º - Se recusem, por motivo injustificado, a desempenhar os cargos sociais para que houverem sido eleitos ou designados; _____
- 2º - Se recusem a cumprir as deliberações da Assembleia Geral; _____
- 3º - Fazendo parte da filarmónica, desobedeçam ao Regente, pratiquem actos contrários ao bom nome da Banda ou prejudiquem o seu património. _____

CAPÍTULO III

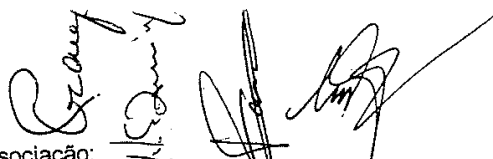
DOS CORPOS DIRECTIVOS

Artº 10.º - A Associação terá os seguintes Corpos Directivos: Direcção, Chefe ou Regente de Banda, Conselho Fiscal e Assembleia Geral. _____

Artº 11º. - A Direcção é composta por cinco membros: Presidente, Vice-presidente, Secretário, Tesoureiro e Vogal. _____

Artº 12º. - Compete à Direcção: _____

- 1º - Gerir os negócios da Associação com toda a responsabilidade; cumprir e fazer cumprir os Estatutos e todas as deliberações da Assembleia Geral; _____
- 2º - Admitir sócios. _____
- 3º - Elaborar um Regulamento Interno da Banda de Música, ouvindo o Regente;
- 4º - Cobrar e arrecadar a receita de quotas, jóias e demais rendimentos da

Associação; 

5º - Pagar as despesas da Associação e prover a Banda com fardamento, instrumentos e acessórios;

6º - Promover a realização de festas, ouvindo o Regente, que dá parecer consultivo;

7º - Elaborar, no fim de cada ano, o relatório e contas de Gerência, com o parecer do Conselho Fiscal, que serão submetidos à aprovação da Assembleia Geral na sua sessão ordinária de cada ano, durante o mês de Janeiro;

8º - Solicitar a convocação da Assembleia Geral quando julgue necessário;

9º - Deliberar de acordo com os presentes Estatutos, estando presentes a maioria dos seus membros;

10º - Patentear ao exame dos sócios as contas de Gerência de cada ano;

11º - Velar pela conservação e asseio de todos os valores da Associação e especialmente pelo fardamento, instrumentos musicais e equipamento da Banda;

12º - Ter sempre em dia o Livro Caixa e as Actas das suas sessões, bem como ter em ordem outros elementos da escrita;

13º - Nomear ou criar comissões, delegações ou secções que julguem necessárias ao interesse da Associação, especialmente para recolha de fundos.

Artº 13º. - A Direcção reunirá ordinariamente uma vez em cada mês para exame de contas e outros assuntos de interesse, e extraordinariamente sempre que o seu Presidente ou qualquer membro, em sua vez, a convoque, só sendo, porém, válidas as suas deliberações se se encontrar presente a maioria dos seus membros.

Artº 14º. - Ao Presidente, que será sempre substituído nas suas faltas pelo Vice-Presidente, compete convocar as reuniões da Direcção, dirigir os trabalhos e fiscalizar a escrituração, assinar o expediente e demais documentos relativos à Associação, bem como rubricar os livros de escrita.

Artº 15º. - Compete ao Secretário:

1º - Redigir, lavrar, subscrever e assinar as Actas das sessões;

2º - Passar mandatos de pagamento e guias de receita;

3º - Conservar, sob a sua guarda, todos os serviços de secretaria.

Artº 16º. - Compete ao Tesoureiro:

1º - Receber as receitas da Associação e proceder aos pagamentos autorizados pela Direcção, estando devidamente processadas as respectivas autorizações;

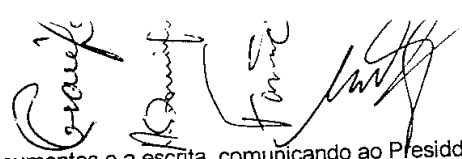
2º - Escriturar os livros de tesouraria e assinar com o Presidente os levantamentos de dinheiro;

3º - Apresentar à Direcção, mensalmente, um balancete da receita e da despesa.

Artº 17º. - O CHEFE OU REGENTE DE BANDA, que terá sempre autonomia artística e disciplinar sobre os executantes e aprendizes, será contratado pela Direcção e escolhido, tendo sempre em conta a sua competência e perfil humano.

Artº 18º. - O CONSELHO FISCAL será composto por três membros: Presidente e dois secretários: Compete-lhe:

1º - Fiscalizar e verificar, pelo menos semestralmente, o estado da Caixa, todos os


documentos e a escrita, comunicando ao Presidente da Assembleia Geral qualquer irregularidade verificada.

2º - Dar o seu parecer sobre o balanço e relatório das contas a apresentar à Assembleia Geral no fim de cada ano.

3º - Reunir extraordinariamente ou a pedido da Direcção, sempre que lhe seja requerido por escrito.

Artº 19.º - A ASSEMBLEIA GERAL terá um Presidente e dois Secretários, e reunirá ordinariamente em Janeiro de cada ano, a convite do seu Presidente, para aprovação do Relatório e Contas apresentados pela Direcção, e trienalmente para eleição dos respectivos Corpos Gerentes. É constituída por todos os seus sócios no pleno gozo dos seus direitos, e as suas deliberações soberanas terão efeito quando tomadas por maioria dos sócios presentes, sem prejuízo do disposto nos números três e quatro do artº 175 do Código Civil, e tendo o Presidente direito a voto de desempate.

Artº 20.º - A Convocação da Assembleia Geral é feita por aviso aos sócios que designará o local, o dia e a hora, com quinze dias de antecedência, publicada nos meios de informação da localidade ou por aviso postal a cada associado, e conterá os assuntos a tratar.

Artº 21.º - Quando não se verifique a presença da maioria dos sócios, a sessão terá lugar meia hora depois, validamente, com qualquer número de sócios, desde que, no aviso convocatório, isso tenha sido declarado.

Artº 22.º - A eleição dos Corpos Gerentes será feita por maioria de votos.

Artº 23.º - A Assembleia Geral reunirá extraordinariamente, a convite da Direcção ou do Conselho Fiscal e sempre que o achem por conveniente.

Artº 24.º - Ao Presidente da Assembleia Geral compete presidir às sessões, secretariado pelos dois vogais, servindo um de escrutinador, e representar a Banda em todos os actos oficiais.

Artº 25.º - Considera-se em pleno gozo dos seus direitos todo o sócio que tenha pagas as suas quotas e pode ser eleito para qualquer cargo da Gerência.

Artº 26.º - Não se achando presente qualquer membro da Mesa da Assembleia Geral, abrirá a sessão uma Mesa a constituir entre os sócios presentes.

Artº 27.º - A eleição dos Corpos Gerentes será feita por escrutínio secreto. As listas conterão os nomes dos sócios e os cargos para que foram escolhidos.

CAPÍTULO IV

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 28.º - CONSTITUEM RECEITA DA ASSOCIAÇÃO:

1º - A quotização dos associados;

2º - As dádivas dos sócios beneméritos ou subsídios concedidos pelas entidades oficiais ou por particulares.

3º - As receitas auferidas pela Banda em festas e concertos;

4º - As doações em dinheiro, móveis e imóveis legados por algum benemérito.

Artº 29º. - Constituem propriedade da Banda os fardamentos, obras de música, instrumentos musicais e outros equivalentes.

Artº 30º. - Todos estes bens serão devidamente inventariados em livro próprio, rubricado pelo Presidente da Direcção.

Artº 31º. - Além dos livros necessários à escrita da Associação, haverá mais um livro para registo das Actas da Direcção, outro para as Actas da Assembleia Geral, outro para as Actas do Conselho Fiscal e outro para registo das entradas e saídas de sócios, devendo constar dos três primeiros todas as deliberações tomadas por esses Corpos Gerentes.

Artº 32º - Os sócios executantes terão um ficheiro e serão portadores de um cartão identificativo onde é aposta a sua fotografia, naípe que executam e classe na hierarquia musical.

Artº 33º. - Os sócios executantes terão de fazer contrato escrito, no qual deverá constar o prazo do contrato e uma declaração de responsabilidade pelo fardamento e instrumentos musicais entregues.

Artº 34º. - Esta Associação só poderá dissolver-se nos casos previstos nos artigos 182º e 183º do Código Civil, e quando não tenha número suficiente de sócios executantes e regente, ou se reconheça que não está solvente.

Artº 35º. - Em caso de dissolução por deliberação da Assembleia Geral, ter-se-á em conta o disposto nos artigos 175º, número 4º, e 184º do Código Civil.

Artº 36º. - Estes Estatutos entram imediatamente em vigor e só poderão ser alterados por deliberação da Assembleia Geral. Entzeliado: 2 - 1. 7. 2004. 24.

Jose Fernandes

Habib Januel Domingues

Adao Gomes Alves Silva da Faria

A NOTICIA
Mauricio Augusto Gomes Dias

ANEXO 5 – GUIÃO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO MAESTRO VÍTOR MATOS

I – Biografia do entrevistado

Vítor Hugo Ferreira de Matos, nascido em 1977, é clarinetista, professor, maestro e diretor artístico. Estudou no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian em Braga e no Conservatório de Música do Porto. Em 2001 obteve o diploma de Licenciatura na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE). Foi admitido no ano de 2004 no Mestrado em Estudos da Criança, especialização Educação Musical, na Universidade do Minho, neste momento é Doutorando em Música pela Universidade de Évora.

Desempenha funções no Departamento de Música do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) da Universidade do Minho, é Diretor Pedagógico na Academia de Música Valentim Moreira de Sá em Guimarães e Maestro da Banda Filarmónica de Amares.

- Como é que nasce o interesse pela música?

O interesse pela música, é assim: começou pela família, essencialmente. É muito fácil quando a gente em casa ouve um instrumento desde os 4 anos... 3,4 anos e ouvimos o instrumento, vamos para uma casa de um primo ouve-se outro instrumento, vamos para outro ouvimos um outro instrumento, quer dizer, chegamos aos 8 anos, só se realmente houver um choque, mas à partida queremos sempre aprender a tocar algum instrumento. E eu, por acaso, tive a sorte... É assim, eu não toco todos os instrumentos, mas tive a sorte de fazer uma rodagem pelos instrumentos todos. E a partir daí começou a aparecer aquele chamado bichinho de querer tocar, de querer ver, de querer ouvir, de... acima de tudo ouvir.

Comecei muito novo porquê? Porque o meu pai no carro tinha sempre aquele vício, ainda se usava as cassetes, e metia sempre em passeios. Só ouvíamos música clássica. A minha mãe detestava, mas o meu pai sempre, sempre, sempre... era no Sábado ou Domingo ou íamos de férias, sempre com as suas cassetes, levava um saco cheio, que eu ainda me lembro, era um saco cheio de cassetes.

- “Agora vamos ouvir a Sinfonia do Novo Mundo.” (Dvořák)

E punha a Sinfonia do Novo Mundo. Mas eram obras interessantes, apesar de o meu pai ser músico amador, né? Mas ouvia obras interessantes. Por isso é que eu disse que o fator ouvir é muito importante. Não é só ver os instrumentos. Ouvir! E foi a partir desse momento que eu comecei. Eu era miúdo e quando vamos no assento de trás de um carro vamos ali sozinhos a

olhar, vamos a ouvir aquelas obras e, quer dizer, no fundo começamos, acho que... não sei, quer dizer! Penso que começamos a interiorizar os sons, aquele instrumento, enfim... e tudo partiu daí.

- Para além do pai tem mais algum familiar que esteja na carreira e tenha influenciado?

Tenho! Quer dizer, é quase tudo, é quase tudo, é quase tudo! Não lhe posso dizer agora é x, é y, são muitos. Agora, eu sei que tenho segundos primos que estão, que eu não conheço. São tantos que vamos perdendo aquela ligação que se tem e deixamos, e deixamos de... Eu peço desculpa, é só para dar um exemplo, ainda ontem estive com um primo meu e ele está a trabalhar, não sei se é numa delegação de Cónsole, não sei quê... é assim, um termo qualquer, lá na Suíça. Ele é clarinetista, mas também é, no fundo trabalha como hobby, toca como hobby. E vem-me dizer todo entusiasmado:

- "Primo, comprei um instrumento fantástico que vi lá num anúncio lá em Génève, de uma senhora que queria vender um clarinete, um y 327, um modelo fantástico, que era do pai, que era um grande clarinetista, de uma orquestra lá em Génève e um grande professor de clarinete. E eu comprei aquilo por um preço fantástico".

E eu: - "Mas como é que é possível? Thomas Fridley?"

- "É esse mesmo!"

-Quer dizer... E eu: - "incrível! Tu guarda isso, isso..."

Estamos a falar de um dos melhores clarinetistas do mundo! Um pedagogo! Excelente professor, que passaram por ele os melhores clarinetistas do mundo. Agora, aqueles que estão no auge como pedagogos, músicos fantásticos... E, não sei se foi a filha por necessidade vendeu o instrumento. E ele viu lá o anúncio e comprou. Foi um achado!

- Qual a importância da música no seu dia a dia?

Olhe, eu costumo dizer isso a mim próprio, aos meus alunos, não digo muito à minha família, porque senão é muito complicado: Eu sou um drogado na música e ponto final! Eu não consigo andar um minuto sem pensar na música. Se me perguntar "o quê?", olhe são coisas tão banais, como conceitos de som, penso muito... Eu ando agora um bocado na onda da música antiga. Não sei porquê, está-me a dar assim uma coisa na cabeça que eu gosto de ouvir música antiga, pronto!

Antigamente, quando era mais novo, gostava de ouvir aquelas grandes sinfonias. É música antiga e piano. Eu se ouvir uma sonata de Beethoven ou Mozart bem tocadas, claro, eu vou no

carro, ouço sempre... ando muito bem-disposto. E o que me faz, quer dizer, penso naquelas coisas que não banais, quer dizer, naquilo que é simples, que é uma breve interpretação.

Não ouço clarinete, é engraçado! É muito raro ouvir uma gravação de clarinete. Ouço é várias coisas, como um cantor livre, um bom pianista, uma boa orquestra e, essencialmente, agora ando muito virado para a música mais antiga. Não sei, se calhar até tem a ver com a natureza, com o som, com a afinação, até! Se calhar... não sei, não sei! Enfim... são daquelas coisas que fazem falta.

II – Colaboração na Banda

No que respeita à direção de Orquestras, tem dirigido diversas, entre as quais: a Orquestra do Norte, da Câmara do Minho, do Conservatório e Teatro de Kaiserslautern e da Rádio Sul da Alemanha. Dirigiu, ainda, solistas de prestígio. Foi assistente do Maestro Ferreira Lobo. Neste momento exerce funções como maestro da Banda Filarmónica de Amares.

- Qual a diferença pedagógica entre Banda Filarmónica e Orquestra?

É uma diferença brutal. Uma coisa é... e aí está, é a questão do associativismo, não é? Eu vou-lhe ser muito sincero, o que neste momento me faz dar e entregar àquele projeto, à Banda Filarmónica de Amares, Banda essa a que eu não tinha ligação nenhuma, foi um projeto que começou, apesar de que a Banda já tem 160 anos, fez este ano ou está a fazer, mas eu não tinha qualquer tipo de ligação. Só que o ambiente é tão bom, percebe? E as pessoas são tão... são impecáveis. São pessoas tão puras, que eu às vezes, confesso que tenho, tenho aquela pessoa que me vai substituir duas ou três ou quatro vezes. Porque eu não consigo fazer tudo, não é?

Mas o que me faz estar, quer dizer, é, realmente, as pessoas, que são pessoas fantásticas, sempre pessoas muito prestáveis e pessoas que querem... Uma coisa que eu acho que a Banda Filarmónica de Amares tem, o que as outras não têm, sendo uma associação... é... preza essencialmente por uma coisa, que é o nível, não é?! Eu costumo dizer que eles são um bocadinho até vaidosos. E eu acho isso bom! Não é aquela vaidade arrogante e prepotente, não! Gostam de fazer coisas boas e atiram-se a fazer coisas boas. E isso, quer dizer, este ano é o décimo ano em que eu lá estou, o décimo ano em que lá estou. Já pensei, não minto, em sair, várias vezes, e penso às vezes a vida é muito complicada, não é? Mas o que ainda me faz estar é realmente esse ambiente de associativismo, que não tem só na banda. Por exemplo, eu

também dou aulas numa escola, que também, no fundo, aquilo também é um ambiente de associativismo, porque no fundo é uma associação, também, o que eu acho que estes anos perdeu-se um pouco, mas eu ainda acredito que vamos recuperar. Isto é quase como a agricultura, percebe? Andamos aí 15 anos ou 20 anos em que os campos estavam completamente... não estavam a ser... secos, campos secos. As pessoas não trabalhavam nos campos, hoje em dia passa em qualquer... já se vê até máquinas e há uma inovação. E eu penso que isto é tudo um ciclo, não é? E as associações foram um pouco a baixo, por uma questão que as Bandas Filarmónicas, a meu entender, foram um pouco a baixo. Mas agora, se calhar, vem aquela onda novamente de cativar, de buscar e este, no fundo, é este o papel de uma associação, não é? Não é só, no fundo, não é só questão do lazer, mas a questão é de enaltecer aquilo que as pessoas da terra fazem de bom. Acho eu, acho eu!

- Há 10 anos atrás o que o fez aceitar o pedido para dirigir a Banda Filarmónica de Amares?

Olhe, eu vou-lhe ser muito sincero. Foi um senhor que me convidou porque me viu dirigir uma orquestra de sopros que eu tinha, que eu dirigia e ouviu e gostou muito e convidou-me porque a Banda ficou sem maestro. E aí está, dizia que a Banda não tinha atingido um nível, não sei quê, que tinha muitas condições, - porque a Banda tem boas condições, em termos de espaço e instrumentos, músicos, também. A banda foge um bocadinho aos parâmetros daquilo que é amador. Eu tenho músicos que dão aulas... por exemplo, tenho 3 músicos que são professores ali na ESMAE e são excelentes músicos; tenho outros músicos, quer dizer, há ali uma... aí está, uma junção entre o amador e o que é profissional. E eu acho que isso é que vem enriquecer, e muito, a coletividade, porque aquilo é uma coletividade.

- Que tipo de projeto deve ser o de um maestro?

O projeto de um maestro?! Olha que agora fez-me uma pergunta assim um bocado... mas eu vou-lhe responder. Eu ando sempre no carro e também penso nisto! O maestro costuma ser uma feira de vaidades, não é? Porquê? Porque é aquela pessoa que está no primeiro lugar, não é? Seja bonito ou seja feio... E é engraçado que eu li uma entrevista, ainda há pouco tempo do professor de um grande maestro, que é o Ricardo Mutti, em que ele foi visitar o professor ao hospital dele, ao hospital onde o senhor estava já com 92 anos, um senhor já com muita idade. E ele perguntou, já quase,... pronto, já estava doente:

- "Ricardo, então como é que tu te sentes?"

E o Ricardo Mutti: - “Sinto-me bem, estou no meu projeto lá da Orquestra Sinfónica de Chicago, a coisa está a correr bem.”

- “E sentes-te com força?”

- “Ah, maestro sinto-me com força. Deu-me uma excelente formação!”

E ele: - “Pois, mas sentes-te um bom maestro?”

- “Eu acho que sim, eu acho que me sinto!”

- “Pois, é pena! Eu sei que vou, daqui a pouco vou, daqui a uns dias... certamente, eu não estou cá, eu não estarei cá... mas logo agora que estava a conseguir ser... a sentir-me um grande maestro!”

- “Então porquê?”

- “Só agora é que eu consegui sacar as almas às pessoas.”

Mas olhe que faz pensar, percebe? Porquê? Porque nós vivemos realmente um show off, não é? Temos vivido num show off e se olharmos para trás, não é? Aquilo que é realmente um... e se me perguntar se eu me sinto verdadeiramente um maestro eu digo-lhe com toda a sinceridade que não! Porquê? Porque se olharmos para trás aqueles maestros, pronto, tiveram as suas oportunidades, mas lutaram imenso! Só a partir dos seus 50, 52 anos é que realmente, não todos, mas quer dizer, quase todos é que realmente começaram a ter... a dar frutos. Porquê? Eles não trabalhavam só a música, eles trabalhavam a parte psicológica de cada músico, eles sabiam muito bem quem tinham, sabiam defender as suas famas, sabiam defender,... aí está, a instituição, porque as orquestras, no fundo, também eram, entre aspas, eram coletividades. Porque nem todas as orquestras eram apoiadas pelo Estado. A Filarmónica de Berlim, que é um grande exemplo, é uma Orquestra que não é estatal. É uma Orquestra que já vem de anos, não é? Tem um século, acho eu, ou está a fazer um século, é uma orquestra que, no fundo, foram os próprios músicos que a desenvolveram. Como a Filarmónica de Viena, também, o presidente é um segundo violino. O senhor está lá, é o presidente e toca, não é? Esta questão do papel maestro é muito complicado porque eu sei que nós vivemos agora numa era em que muita gente dirige e acho bem! Eu acho isso mesmo fantástico! Mas a questão se me perguntar o que é o papel, quer dizer, o papel de um maestro, eu vou-lhe ser franco, eu não sei responder ainda! Se calhar, espero saber responder daqui a 10 anos, se estiver a dirigir. Acho que é um papel tão difícil, tão difícil, percebe? Que não é a questão só do desgaste físico, não. É... passa... eu acho

que não é só a questão musical. O papel de maestro ultrapassa, e muito, o lado musical, penso eu! Isto é a minha opinião!

- A Banda é a imagem do maestro?

Eu acho que sim, repare: qualquer orquestra ou banda ou qualquer grupo ou qualquer grupo de Câmara, por exemplo. Qualquer grupo de Câmara aonde o professor está lá a dar as suas aulas, certamente que aquele grupo irá tocar à imagem do professor ou de quem está a ensaiar. Isto passa também para os grandes grupos, neste caso orquestras ou bandas. Se o maestro for uma pessoa mais limitada, se for uma pessoa que não tem tantos conceitos, certamente irá ser uma banda mais débil, ou uma orquestra mais débil. Se for uma pessoa com mais personalidade, com rigor certamente dará outro efeito. Disso não tenho a mínima dúvida. Isto é como as classes, não é? Está aqui a professora Helena e sabe disso. Ela é muito... como eu que eu hei de dizer, ela é muito teimosa com os alunos. Insiste, insiste, insiste com o que os alunos têm de fazer. E se não fizer isso... repare... mas é isso mesmo, se não fizer isso há fraqueza, não é? Há fraqueza. Automaticamente há logo um desinteresse. As pessoas, em grupo... é muito complicado, não é? Porque basta uma ou duas desintegrar, depois vão... a seguir vai a terceira, a seguir vai a quarta e a partir daí já não se tem classe, não se tem nada, quer dizer, tem ali um grupo de pessoas que tentam ir àqueles ensaios ou outras coisas...

- O sucesso da banda é o segredo do trabalho do maestro? ("o segredo é a alma do negócio")

Olhe, é assim, eu acho que o segredo pode ser a alma do negócio, mas vou-lhe novamente dizer, eu estou a passar uma fase muito complicada em termos de ideais, mas fico contente,... mas é angustiante, é angustiante. Aí está, por uma questão de identidade musical, não é? E eu acho que, voltando atrás, aqueles maestros que trabalhavam de uma maneira muito sóbria e muito... é como um pianista, como um violinista,... eles têm os seus segredos, eles sabem perfeitamente que naquela sala vão ter de tocar assim, eles vão ter de projetar o som assim e vão ter de tocar daquela maneira, vão ter de interpretar assim, de uma maneira correta, sei lá. E eles têm sempre os seus segredos, aquilo realmente muda. Aquilo que é banal passa ao lado, ouve e daqui a pouco já não se lembra, não é? Apesar que nós podemos cair no erro, e caímos nesse erro - e eu estou a falar só na música clássica, não é? – é que a música clássica agora está um bocadinho, como é que eu hei de dizer, está um pouco... desintegrada, não é? Aqui há uns anos atrás era muito elitista, mas hoje em dia também se abriu de mais as portas, não é? E o que é que eu estou a assistir agora? Eu, quer dizer, eu falo na minha pessoa, estou a sentir

muita banalidade, não é? Enquanto, eu lembro-me que ia a uma master classe, daqueles professores de referência, de grandes pedagogos, e eu, muitas vezes, ficava 2, 3 horas ali sentado, sem qualquer tipo, a ouvir. E qualquer tipo de frase, bastava assim uma simples frase,... e que eu ficava... e realmente eu disse: “isto marca a diferença”, hoje em dia não, hoje em dia não.

Desculpe lá o meu pessimismo, não é? Mas se nós repararmos estamos numa era, um bocado, do plástico, não é? E isto,... estamos a pagar muito por isso, não é? No fundo, não tenha a menor dúvida. Isto que se está a passar, estamos a pagar todos por isso, está a pagar você, está a pagar a professora Helena, estou a pagar eu, no fundo quem quer trabalhar a sério paga sempre pela debilidade dos outros, não é? É um pouco isso. Isto é quase como a interpretação musical, não é? É quase como aquela guerra entre os franceses e os alemães, não é? Os franceses dizem que interpretam muito bem música alemã, os alemães dizem que interpretam muito bem a música francesa, no fundo, no fundo eu não me acredito nisso. Tem a ver, porque... eles também não cantam bem fado, é impossível, não é? Isto tem a ver quase com... isto já é genético, acho eu.

- De que forma é feita a escolha do repertório?

Olhe, a escolha do repertório, está a falar da Banda? Eu preocupo-me muito com isso, porque é assim, novamente, na Banda, andamos preocupados com um repertório bastante inovador, mas, realmente, a nível composicional não tenho feito coisas muito brilhantes, percebe? Porquê? Fazem-se... é uma mixórdia de temáticas, que quando uma pessoa dá por elas diz: “Mas afinal o que é isto?”. Eu só lhe vou dar um exemplo, eu tocava em bandas, não é? Tocava... era músico. E já há 25 anos, eu tenho 36 anos e fui para a banda da minha terra tocar aos 8 anos de idade, quer dizer, mas aos 8 anos não se tem a ideia, mas aos 12 já se tem e eu nunca mais me esqueço de velhotinhos, que agora já não se usa muito, com o seu chapéu, com o seu fato e a sua gravata, irem ao pé do maestro e dizerem:

- “Olha, vai-me desculpar, não toca aquela obra? Não toca aquela obra?”

Quando eu falo de obras, falo de obras a sério, que eram transcrições de orquestra para banda. E eu ficava parvo, “mas isto como é que é possível?”. Quer dizer, eles sabiam tudo, até um simples quarteto de Schubert, que havia uma transcrição... que há, que é um património por estudar imenso das bandas filarmónicas, imenso. Eles sabiam tudo! Eles sabiam desde “Os

Palhaços”, por exemplo, eu às vezes vou a terras onde senhores de 70 e tal anos me perguntam se eu toco “Os Palhaços”.

E eu disse: - “Fogo, incrível!” “Mas o senhor conhece “Os Palhaços”?”

- “Ah, mas antigamente tocava-se. As bandas agora não tocam, tocam estas (desculpe lá o termo) chofalhadas todas, não tocam aquilo...”

Incrível, percebe? E eu tento ir um bocadinho ao encontro... eu sou um bocadinho tradicionalista, não é? Porque é assim, se as bandas tiveram sempre um papel de formação, porque, repare, nem qualquer aldeia, vou dar aqui um exemplo: a aldeia ali de Travassos, em Fafe, ou a aldeia ali para Cabeceiras de Basto ou então para Arcos de Valdevez, nunca tiveram na vida uma orquestra e certamente também não vão ter. A única fonte que eles tinham, o único acesso que eles tinham eram as bandas filarmónicas. Por isso é que as bandas filarmónicas há 20 anos atrás, eram realmente... quando uma banda chegava a uma terra era vista como: “eh, chegou uma grande formação!” e as bandas tocavam, atenção! Com gente muito amadora, percebe? Só que quem estava à frente era pessoas muito inteligentes e trabalhadores e sabiam perfeitamente os conceitos e sabiam aplicar os repertórios àquelas gentes, não é? E é isso que eu tento fazer, obviamente que tento inovar, também tenho muita obra que é composta há 2 anos, 3 anos, mas tento implementar obras que ganharam concursos a nível internacional, obras que estão bem escritas, obras que são audíveis. Quer dizer, eu tento, mas nunca fujo aquele repertório, repare, ainda há duas semanas atrás houve lá o – porque a Banda também tem, entre aspas, tem o manager, que faz uma ligação entre mim e os músicos – e ele perguntou-me:

- “Eu acho que na minha opinião, precisávamos de uma obra mais ligeira, para...”

E eu disse: - “Com toda a certeza, isso é inequívoco! Mas que tipo de obra?”

- “Ahumm... mais ligeira...”

- “Ah, ok! Fazemos aquela rapsódia de Ribeira da Silva que é de 1942, que é fantástica! Está muito bem escrita harmonicamente, é lindíssimo! Tem os temas populares muito portugueses, mas harmonicamente está muito bem escrita! É de uma pessoa que tinha escola!”

E o engraçado é que os músicos, aqueles músicos mais novos e já com formação, começam a coçar a cabeça: “hey, isto é uma seca!” Ao primeiro, à segunda vez quando se interpreta e quando nós procuramos trabalhar já com uma interpretação, já adoram tocar aquilo. É super engraçado, percebe? Quando começamos, porque há lá temas que nos fazem lembrar as antigas lavadeiras, que iam lavar a roupa ao rio, iam a cantar e a falar, iam a coscuvilhar, iam

a... Não, mas é mesmo! E depois aquela... quer dizer, está tudo lá, a imagem daquilo que é português está lá! Agora ouvimos coisas muito banais, os Queen com não sei o quê, a mistura do português com outra... essas coisas assim, percebe? Não é, repare que não é uma conversa, isto não tem nada com elitismo, tem a ver com conceitos, é só isso, é só isso!

- Que tipo de evolução houve no repertório da Banda? Há mais obras tradicionais ou modernas?

É grande demais para... É só para dizer, ainda há pouco fiz um concerto na Casa da Música, a minha Banda... e tinha harpa e piano, isto era quase impensável uma banda ter uma harpa, duas harpas, até. Eu fiz uma sinfonia de um compositor americano, uma sinfonia lindíssima do compositor James Banes, aí está, um compositor que escreve para a banda, escreve muito bem, que dedicou a uma filha que morreu. É das melhores sinfonias, é da música mais bem escrita. Ele escreve tudo, tudo. Aliás, ele antes da partitura ele tem um pequeno texto, umas 10, 12 páginas a explicar a obra toda e aquilo que realmente significa, desde a depressão que ele teve após a morte da filha, encontrar a filha no quarto morta, nova. Tudo, desde as bonecas, que as guarda, ninguém entra no quarto. Quer dizer, e realmente fizemos isso lá na Casa da Música e foi um sucesso, foi um sucesso, porque uma banda filarmónica tocar uma obra daquelas com harpa, as pessoas ... aí está, isto é um bocadinho, não! Mas o compositor escreveu, está lá e para banda, diz lá "Wind Band", está lá, percebe? Pronto, e eu penso que é isso que temos que trabalhar um bocado, por exemplo. Há outras obras que eu faço em que tocam com 4 tambores à frente da Banda, mas mesmo à frente, cá fora! Mas esses 4 tambores não estão só ali a tocar, estão a fazer efeitos em termos rítmicos, não é? É quase Stravinsky, é enraçada, é engraçada! Essa obra ganhou um concurso, agora, internacional. Eles estão ali a fazer efeitos, eles vão saindo e juntam-se a fazer efeitos com as baquetas, quer dizer, e isso, não só em termos visuais, mas em termos sonoros dá aquele impacto, não é? E é isso que nós temos que também... mas continuo na mesma a fazer aquelas aberturas, que fazem muito bem, O Barbeiro de Sevilha, aquela abertura, por exemplo, da Rienzi, Wagner, continuo a fazer isso, porque eu gosto, quer dizer... e são transcrições muito bem-feitas, antigas mas bem-feitas!

- Vítor Matos é apenas maestro da Banda ou exerce funções como professor na Escola de Música?

Não, foi logo a primeira coisa que eu... Eu sei que há uma ligação entre... quase todos os maestros que dirigem bandas dão aulas mas... eu foi logo o primeiro ponto: "Desculpem, eu só vim dirigir a Banda! Não dou aulas na Escola da Banda." Até aos dias de hoje nunca dei aulas

na Escola da Banda. Não é uma questão de tempo, é uma questão de mistura, percebe? Porque aí está, as coletividades depois caem no erro, em que o maestro é o centro de tudo, é o diretor da escolinha, prepara a banda juvenil, é o não sei quê, quando damos por ela, o maestro quase que merece uma medalha de ouro, porque aquilo... o homem faz tudo! Mas também ganha muito dinheiro, também lhe tenho a dizer... eu fui ganhar metade daquilo que o antigo maestro que lá estava, que era um indivíduo - com todo o respeito que eu tinha – não tinha um currículo, mas sabia de tudo, dava aulas de tubo, de flauta, de trompa, de tuba,... e eu não tenho! Isso... coisa que eu sempre disse: “Não quero ter ligações à Escola da Banda”. A Banda tem de ter uma estrutura, tem de ter músicos, tem de formar músicos. Mas digo-lhe já, desde que fui para Amares, neste momento, temos alunos a estudar nos Estados Unidos, alunos a estudar em Basel, temos um oboísta a tocar na Ópera de Zurique, que se formou na Banda de Amares, temos imensos músicos, já não têm conta, mas nestes 10 anos, sei lá... para aí uns 16, 17 músicos que se formaram, que até então, Amares não era muito forte. Os miúdos começaram em miúdos e agora já têm 18, 20 anos e saíram da banda. Agora estão a fazer as suas vidas, também, não é? Porque eu sempre apliquei essa política, quando eles têm alguma coisa nas suas escolas ou conservatórios eu dispenso-os automaticamente, não é? Porque depois também há essa coisa do maestro querer, “ai não pode!”... então se ele está em formação, não é a banda filarmónica que vai limitar a sua formação, não é?

III – Escola de Música da Banda

- Em que ano foi formada a Escola de Música?

Não sei, não sei, não sei... A Escola de Música já deve, já deve... suponho que tenha 20, 30 anos. Quer dizer... repare, 20, 30 anos não! Eu suponho que a Escola tenha 160 anos, porque as bandas sempre tiveram as suas escolas, sejam elas pequenas ou grandes, sempre tiveram assim um senhor José ou um senhor Felismino que ensinavam solfejo, mas ensinavam a sério, atenção! Em solfejo eram fantásticos. Eu aprendi a fazer solfejo foi na Banda, porque aquilo era completamente doido, tudo é uma gramática musical... por isso eu suponho que – eu não quero estar a falar, mas suponho que – a Escola tenha 160 anos. Ela criou- como uma Escola há base de 2 ou 3 pessoas que tinham conhecimentos musicais, que naquela altura eram padres, essencialmente padres. Os padres tinham um papel importantíssimo nas filarmónicas, tinham! Aliás, eram eles os presidentes das bandas e muitos deles é que decidiam o que a banda

tocava, e muitos deles também dirigiam. Até 1940, 1950 dirigiam as próprias bandas, é engraçado... Em muitas bandas filarmónicas...

- É necessário saber música para entrar para a Escola de Música?

Não, não é. Porque no fundo é uma Escola amadora, uma Escola que, no fundo, quer dizer, é para dar os primeiros passos, não é? É uma escola que não é necessário ter já um conhecimento, não é! Apesar de que, hoje em dia, eu sei que há bandas que já se trabalha numa certa... mas eu suponho que não seja! Quer dizer, em todas elas, um miúdo ou uma miúda de 8 anos quer aprender e entra. Que é esse o papel importante que as bandas têm, acho eu... nas pequenas localidades.

- Qual a importância, para si, da aprendizagem da música nas crianças e nos jovens?

Ai, é... meu Deus! Quer dizer... eu acho que é enorme. É incrível. Desde a concentração, desde a formação, desde o comportamento, que estabiliza o comportamento. Porque, repare, nós muitas das vezes também pensamos que as pessoas que estão a estudar música têm de seguir música, não é? E não é, quer dizer, no fundo são futuros ouvintes, pessoas que vão ter sempre aquela coisinha de: "Ai, eu vou ouvir!", seja uma banda, seja uma orquestra, seja o que for, não é? E eu acho que, quer dizer, agora estamos a entrar um bocadinho, finalmente estamos com os conservatórios, escolas profissionais, academias, estamos um bocadinho a entrar nessa... nesse... no fundo nesse ciclo, num novo ciclo, que é formar. Porque antigamente os professores queriam formar músicos e, no fundo, formavam 3 ou 4 porque não conseguiam, porque é irreal, não é? Mas já um facto que nos vai tirar é público e é bom. É bom porque agora que evoluía, não é?

- De que forma é que se processa o ensino da música na Escola da Banda? (Metodologia utilizada)

Olhe, é... costuma ser muito prático. É assim, hoje em dia as escolas das bandas já têm um método muito parecido aos conservatórios, quer dizer, parecido num sentido, a pessoa que só toca clarinete só dá clarinete, aquela pessoa que dá formação musical é uma pessoa que geralmente está a fazer um curso de ciências musicais ou de educação musical, não sei quê, e dá aos Sábados, principalmente aos Sábados que é o dia mais livre que eles têm... quer dizer, hoje em dia já há especialistas, há uns anos atrás não, havia uma pessoa eu dava tudo, uma ou duas davam tudo, não é? E pronto esse conceito mudou para melhor, para melhor!

- Há paralelismo pedagógico no ensino da música, entre a Escola da Banda e outras Escolas de Música e/ou Conservatórios?

Olhe, eu vou-lhe dizer uma coisa... mas (hesitou) pode dizer-se... Eu, por acaso, tentei, pediram-me e eu tentei reformular a questão da Escola da Banda, isto é, abrir um pólo, por exemplo, de uma academia na Banda; tem edifício, tem tudo, no fundo aquilo é um concelho, não é? Amares é um concelho. Só que depois, aí está, há outras coisas que se meteram ao barulho, não é? É o único perigo que as coletividades têm, ou temos a sorte e há uma boa equipa ou não podemos ter tanta sorte e aparecer sempre um ou dois que têm uns ideais um bocado estranhos, não é? E isso aí aconteceu, porque neste momento Amares podia ter uma Escola já oficial e não tem um pouco por culpa própria. Não por culpa da Banda: é engraçado, mas mais por culpa do próprio concelho. Enfim... dos representantes do concelho. Porque às vezes entrega-se isso a terceiros.

- Isso foi para preservar o espírito de associação?

Não, não foi, não foi! No fundo é esse o ponto que eu quero... Porque depois aparece o senhor José ou o senhor Manuel ou o senhor Joaquim – isto são exemplos – que no fundo, aí está, é o tal protagonismo, não é? Enquanto que se a Câmara e Banda tivessem chegado a um bom entendimento podia-se criar ali uma pequena escola, aonde os miúdos estudavam e chegavam ao final do seu 5º ano, 8º ano e tinham o seu diploma e a sua formação correta, não é? Pronto, no fundo, criar uma escola, aonde a Banda, aí, ficava ainda muito melhor. Porque tinha mais capacidades, outro tipo de bagagem musical.

- Que tipo de trabalho faz com as diferentes faixas etárias e as diferenças em termos de capacidade artística?

Pois... isso aí é muito complicado. Eu no início, há 5 anos atrás, aí o choque era muito grande, não é? Tinha músicos muito amadores como músicos muito profissionais e isso aí foi um trabalho, se quer que lhe diga, muito doloroso. Eu cheguei a sair dos ensaios muito cansado, muito... porque no fundo temos de ter uma paciência, o trabalhar não é só chegar ali “eu quero mais piano” ou “quero isto”, não! Quer dizer, tem de se trabalhar ali outras coisas, desde a forma do estudo, o dizer como se há de estudar de uma semana para a outra, incutir o espírito de estudo e também tem que ver o outro lado, os tais músicos que são profissionais sabem perfeitamente como hão de fazer as coisas, não é? E estar ali e ter de ouvir,... no fundo o BABA, quer dizer... Hoje em dia não, hoje em dia a Banda é mais fácil, porquê? Porque a Banda já é,

praticamente, semiprofissional. Tem músicos, quase todos eles – a Banda tem 60 músicos – posso dizer que 93, 94% dos músicos são pessoas já que estudam nas Escolas Superiores outros são professores... um ou outro é amador, mas são pouquíssimos. Confesso que, se calhar, não têm, tanto aquele espírito, não é? Do amadorismo, não sei quê, mas são fases, obviamente, aí está, porque esse é o tal projeto da coletividade.

- Portanto, associativismo não tem necessariamente de significar amadorismo?

Exatamente, exatamente! Associativismo pode ter um cariz profissional, exatamente! Mas isto dá que pensar, repare: como é que nós em... chegávamos aqui há uns anos atrás e havia aí uma associação, que era ali em Guimarães que era a Associação Comercial e Associação Artística e faziam recitais e no intervalo dos recitais, declamavam poemas. Quer dizer, hoje em dia é impossível. Hoje em dia é impossível, mas eles faziam isso, não é? E era uma coletividade, aí está, havia ali um rigor, até um certo profissionalismo até nas pessoas que eles contratavam para vir lá tocar. Bom, excelentes músicos, não é? E isto, quer dizer, mas confundem muito isto. As pessoas não discutem isto, isto passa ao lado, mas deviam discutir, não é? Porque o associativismo é quê? Para as pessoas estarem juntas? Nos seus cafés lá da própria associação? E discutir? E fazer umas pequeninas, sei lá, um teatro, um musical ou um teatro amador? Ou não? Ou vamos tentar zelar aqui por uma coisa que realmente interessa, com conteúdo. Aí é que está a diferença entre as boas instituições e as más instituições. E olhe que a diferença é terrível! Havia gente muito dinamizadora que mexia e que lutava, tinham os seus ideais...

- A escola de música é um impulsionador da dinamização e evolução da Banda?

Agora se calhar... no caso concreto da Banda Filarmónica de Amares, se calhar não. Eu sei que é triste estar a dizer isto! Eu não posso estar aqui a mentir, não é? Eu tenho de dizer aquilo que é verdade, não é? Eu sei que há escolas que as pessoas: “ai a Banda tem...” mas hoje em dia temos a sorte de ter muitas academias e muitos conservatórios e não sei quê e os miúdos vão muito novos estudar para lá, e já não passam tanto pela Escola da Banda, não é? Já não passam tanto pela Escola da Banda já vão diretamente para a Banda, não é?

- As aulas da Escola de Música são livres de custos?

São, são livres de custos! Não pagam nada, não pagam nada, mas... aí está, não pagam nada, mas deveriam pagar ou não pagar? Isso depois, quer dizer, já tem a ver um pouco com a política da própria coletividade. Eu só lhe vou dar um exemplo daquilo que é uma Escola de uma Banda, mas do Interior. Do Litoral há muitas escolas aqui já, não é? Mas ainda no ano passado eu tive a

sorte de ir... fui a Montalegre... fui a Montalegre... fui lá passear, outra vez, e eu estava lá a passear e estava a ouvir uma Banda, estava uma Banda a passar, não sei quê, e depois a Banda tocou lá em Montalegre, era a Banda de Perafita. De repente eu comecei a ouvir a Banda, eu nunca tinha ouvido a Banda, não é? Eu estava lá a ouvir um bocadinho também, então, se eu estou a dirigir uma Banda eu vou ouvir um bocadinho, e vi lá um miúdo fantástico a tocar clarinete, um miúdo pequenino, fantástico! Eu pego, eu fui-lhe perguntar:

- “Ai tocas clarinete? Não sei quê...”

E o miúdo, muito inteligente, olhou para mim: - “Sim!”, - mas olhar tipo “este está aqui feito turista!”

E eu: - “olha, toca a escala de Dó Maior”

- E ele começou-se a rir tipo: “olha, este está a gozar comigo” e eu disse: “mas toca mesmo a Escala de Dó Maior! Eu estou-te a pedir. Podes tocar a Escala? É possível?”

Ele disse: - “Mas é músico?”

- “Sou, sou! Mas toca!” - Mas eu não disse que tocava clarinete... e toca! E eu fiquei assim, parvo a olhar para ele! E eu depois virei-me para ele:

- “Olha, toca Stacatto.”

E pronto, e depois, obviamente houve pessoas que me conheciam e estavam a olhar para mim e eu estava a tentar disfarçar e não sei quê, até que eu perguntei ao miúdo:

- “Olha, isto até está aqui muita gente... Eu sou professor de clarinete!”

- “Ai, a sua cara não me é estranha.”

Mas realmente, um miúdo impecável, 13 anos!

- “Tu não queres aparecer, falas com os teus pais, com a tua mãe...”

- “Olhe, mas está ali a minha mãe! Pode já falar.”

- “Então falo já com ela...”

E apareceu-me em janeiro depois, deste ano, em janeiro, a Guimarães e inscreveu-se no curso livre. O miúdo começou a tocar, comecei a ver coisas fantásticas nele! Passado dois meses e meio eu atirei-o a um concurso a Praga. Eu disse: “Eu vou atirá-lo aos furacões”. Quer dizer, ao furacão. O miúdo vai longe... Mas porque, a inocência dele nem sabe para onde é que vai. Só que ele fala tão bem inglês – ele ganhou agora um prémio, ele foi a Israel agora apresentar um trabalho em inglês, não sei quê, de Montalegre. Ele foi receber um prémio, fala muito bem inglês

e eu aproveitei: “Tu falas muito bem inglês, tu dominas e eu vou-te atirar aos furacões!” E disse-lhe:

- “Pedro tu vais tocar de cor num concurso, mas tu vais lá, não te preocupes é só para a experiência.”

E foi e arrecadou um prémio!

Agora repare... eu comecei-me a rir porque... eu penso que essa notícia saiu na Agência Lusa, não sei quê, que foi muito badalada... E quem é que vem a dar a entrevista? Vem a dar a entrevista, e aí está, aquilo que vem de trás... o maestro da Banda (risos): “O maestro da Banda fez um trabalho fantástico, um músico ganhou um prémio”. O miúdo ainda está a estudar comigo, é o único aluno que eu dou. Que era a ele e foram os dois, foram de Guimarães e ganharam os dois prémios. Pronto, um foi à categoria superior e arrecadou ou o 2º prémio e o Pedro arrecadou o 3º prémio na categoria dele. O miúdo chorava ao ligar-me de lá, que não estava a contar, quer dizer.

- “Mas professor, que é isto? O que é que me está a acontecer?”

E com um júri fantástico, eu conheço... um deles era o da Escola Superior de Paris. E eu disse-lhe, quer dizer, aí está, isto foi um jogada minha, no fundo, para que eu tivesse mais rapidamente uma visão boa e para que percebessem um bocado. Agora, ele foi sem nunca ter tocado com piano, só lá é que tocou com piano. Sabia o concerto de cor e salteado, de trás para a frente, fantástico! Memorizou tudo e chegou lá, os meus outros alunos que foram disseram que foi fantástico! Quer dizer, foi a inocência dele, não é? Foi a intuição. Se me perguntarem se eu me aproveitei disso, claro que me aproveitei, obviamente. Aproveitei-me daquela inocência. E o miúdo é tão puro, não está podado. É aquilo que eu costumo dizer, hoje em dia aos 18 anos já são tão podados, que aquilo já não dá mais. Já sabem as manhas todas... aquele não! Aquele é puro! “olha, toca assim” e ele toca assim. Porque é inteligente e é músico e tem... apesar de o pai é médico e a mãe é enfermeira. E a mãe veio-me dizer:

- “Professor, eu nunca pensei que o meu filho seguisse música. Ele vai agora para o 10º ano e vai seguir música!”

Ele tem 13 ou 14 anos, assim uma coisa. E aí está, na Banda foi o maestro que fez um trabalho com ele, na Escola da Banda, está a ver?! Obviamente, coitado, uma pessoa não vai dizer nada, não é? Não tem nada que... o miúdo sabe, os pais sabem e eu também sei. Mas está a ver, os maestros depois apoderam-se: “Fui eu que fui o professor dele!” E foi coitado, foi o que lhe

ensinou, mas depois não foi ele que o preparou. Porque, à partida, quando veio estudar comigo deixou automaticamente de ter aulas na Escola da Banda, foi uma coisa que eu pedi. Porquê? Porque é muito complicado estarmos num outro nível e estar o miúdo a trabalhar com outras pessoas, não é? E às vezes estraga-se o trabalho de um mês em pouco tempo, em pouco tempo!

- Acha que as Escolas das Bandas deveriam ser pagas pelos miúdos?

Eu não acho que deveriam ser, eu penso que não deveriam ser pagas! Pelo menos uma pequena cota, uma pequena ajuda, eu acho que era essencial. O que é hoje em dia 3€? Isso hoje em dia qualquer família... só se for uma família mesmo muito carenciada. Agora, atenção, nós temos bandas mais para o interior, coitados, que eu não me acredito que as pessoas tenha hipótese de pagar e a banda é a única forma, a banda é a única associação ali que realmente mais... pronto... mais forte que consegue ali, no fundo, mexer com as pessoas e congregar as pessoas. Coisa que aqui no litoral já não acontece! As bandas já são mais viradas para aquela questão dos arraiais, de ter 80 músicos e o número e não sei quê! Mas é muito engraçado, porque eu gosto da política de lá de cima do Interior, onde a Banda procura ter a sua sede, todos vaidosos por ter a sua sede, não sei quê! E eu acho isso interessante, acho isso interessante!

- Sendo as aulas livres de custos, há alguma contrapartida por parte da Banda?

Repare, aqui no Litoral há, quer dizer, os miúdos recebem, sempre que vão tocar aos arraiais recebem. Eles não podem dizer que são amadores, quer dizer, porque à partida quando um músico seja ele de 8 anos ou 9 recebe dinheiro para ir tocar... agora, complicado são aqueles mais do Interior ou do Alentejo ou Açores. Que os Açores têm muitas Bandas, ou até a Madeira, onde os músicos vão tocar e vão tocar com amor à camisola. A nossa zona aqui é zona onde oficialmente os músicos recebem mais dinheiro, aliás, os de lá, Sul e Centro querem vir todos para Bandas... principalmente do Minho, porque é onde eles recebem dinheiro. A gente toca e recebe dinheiro e até recebemos bem, e até recebemos bem! Há músicos a ganhar num dia, posso falar aqui numa média de quase 180€. É dinheiro, é dinheiro! Claro que um mais pequenino não ganha isso, mas mesmo assim ganha 30€ ou 25€, não é? É ótimo! Depois diziam: "Eh pah, juntem dinheiro e comprem os instrumentos!" - foi assim que eu comprei os meus primeiros instrumentos!

- Como se processa a escolha do instrumento?

Geralmente, é assim, a associação, neste caso a Banda, procura sempre apoios camarários, apoios mecenato, porque as bandas antigamente tinham excelentes mecenas, isso hoje em dia acabou. Os comendadores e tudo eram tudo presidentes das bandas, não é? Eu conheci um comendador que era o senhor J. Serra, era da Trofa, o senhor fazia questão – ele tinha uma das maiores empresas a nível têxtil, agora não está quase, coitado... já tem 80 e tal anos – e é um senhor vaidoso, é um senhor com muito dinheiro e aparecia nas aldeias com o seu motorista, onde o seu motorista levava a cadeira e ele ouvia as bandas. E naquela altura ele já dava, eu sabia disso, por ano, ele dava, entregava à Banda 8 000 contos, 10 000 contos. Eu nunca mais me esqueço que houve uns músicos que foram para Paris tocar com a orquestra do Porto e o senhor disponibilizou o chofer dele e o seu carro para ir a Paris buscar quem tinha ido tocar à Banda. Isto é real! O que eu estou a dizer é real! Mas aconteceu em todas as Bandas, onde, realmente, aquele senhor com grandes possibilidades financeiras era sempre o presidente da Banda, era o mecenas e era aquele que tinha todo o gosto em dar o dinheiro à Banda e acho que alguns deles deixaram fortunas na própria... diziam que x e x tinha de ir para a Banda Filarmónica ou o terreno x vou doar à Banda não sei quê! Hoje em dia já não há nada disto...

- Para si, qual é o tipo de banda ideal? (número de músicos, distribuição de instrumentos?)

Olhe, para mim a banda ideal é aquela banda que se porta bem, que sabe fazer um concerto num recinto fechado e num arraial, para mim é a banda ideal. Não é que toque muito bem, mas saiba distinguir as duas coisas. A nível de número, eu não concordo muito com uma banda muito grande, porquê? Porque é muito caro, as pessoas quando saem têm de alugar autocarros, é muita gente, é muita confusão, são muitos miúdos, muito deles são – eu vejo aí bandas que têm só miúdos e... já reparou, quer dizer, estar um dia inteiro com aquela gente toda não é fácil, não é fácil, não é? E a Banda, confesso que a Banda de Amares já teve perto de 80 elementos e era muito complicado, era muito pesado, quer dizer, havia serviços onde a Banda tinha de alugar dois autocarros, quer dizer, quando era prejuízo! As bandas depois vivem com essas coisas, não é? O sair e pagar e não sei quê e quer dizer, receber, vão fazer as contas, pagar aos músicos e pagar a toda a gente é prejuízo, não é? E, na minha opinião, os 50, 60 músicos é o ideal, chega perfeitamente, dá para se fazer coisas boas e em termos de custo, não é? Os fins justificam os meios...

IV – As relações na Banda

- Qual o tipo de relações que são estabelecidas entre os elementos da Banda? (entre mais velhos e mais novos)

Era isso que eu lhe estava a dizer... eu falo por mim... eu tive a sorte de estar ali no meio daquela gente toda e o ambiente é tão bom, tão bom, tão bom que às vezes confesso que tenho saudades. Às vezes estou a passar uma semana de férias e estou ansioso para me ir embora para ir para aquela aldeia tocar. Imagine, eu não tenho vergonha nenhuma em dizer isso! É um facto, não é? Porque sei perfeitamente que vou estar com aquelas pessoas, com aqueles senhores mais simples. Olhe, ainda agora estava a vir para aqui e estava-me a ligar um senhor, eu vou tocar a Tangil, que é uma terra lindíssima, por onde passa um rio e o senhor a convidar-me para...

- *"Oh Maestro, vai ter de vir almoçar aqui a minha casa! ... mas vem dirigir a esta?" - porque eu, às vezes, como há outro que vai dirigir...*

- *"Eu vou, por acaso vou!"*

- *"Então pronto, vem almoçar aqui a casa. Não se esqueça, por favor!"*

Outro ligou-me: - "Então se vai almoçar a casa do Luís então vem jantar à minha!"

Está a ver, quer dizer, isto é... eu acho isto fantástico! Acho isso mesmo fantástico. No fundo são esses os laços que vamos criando, não é aquele ambiente hostil e porque temos de estar... é muito complicado, já viu o que é nós com sol, com chuva, as pessoas estarem ali presas? Não, tem de se criar ali um ambiente que dê para respirar. Porque se não eu já tinha saído, não é a questão financeira – graças a Deus! - É mesmo, porque eu na minha família tenho gente que me chateia quase todos os dias para eu largar, para eu deixar a Banda. Constantemente... vivo com esse peso: "tens de sair, tens de sair, tens de sair!" Mas, há ali alguma coisa que ainda me prende, até um dia, e se calhar vou ter mesmo de sair, não é? Obviamente, que o projeto que eu queria pessoal não era aquele, mas vamos ver, aí está, é com tempo. Vamos ver...

- Qual a relação do maestro com a direção?

Aí está, essa é outra coisa que também é muito importante. É a questão da confiança, não é? É a boa confiança! E depende muito da equipa que se apanha. Porque, repare, há aquelas pessoas que não têm tanta formação, há sempre aquelas pessoas ambiciosas, há sempre o senhor Joaquim que se quer mostrar perante a população ou diretor da Banda, isto em termos associativismos, não é? Eu, por acaso, tenho essa sorte, a minha direção é tudo gente formada,

desde contabilista, há lá um economista, há lá outra economista também, e tudo gente estável. A questão não é ter formação, não! É gente que pensa de uma maneira diferente. Não são tão... são mais racionais! São mais racionais a pensar e sabem perfeitamente que é melhor ir por ali; por ali já sabemos que não vale a pena, vai dar barraca e isto vai ser uma porcaria. Pronto, e isso para mim dá-me uma segurança, não é? Quando as bandas são geridas, Bandas Filarmónicas, são geridas por gente, coitados, habilidosos e que estão ali com aquele amor – porque isso é fantástico! – mas no fundo acabam por destruir tudo. Basta aparecer lá um iluminado e que promete mundos e fundos e eles deixam-se levar, que é isso que acontece.

V – A Banda como Animação Sociocultural

- Há algum método para animar as pessoas a entrar na Banda?

Quer dizer, há sempre aquele método que é o cativar. Pronto, no fundo... antigamente eram as famílias que o primo tocava e trazia outro primo e não sei quê. Agora não, agora é mais ampla, quase todas as bandas têm as suas formações mais pequeninas, onde os pais vão ouvir e, pronto... e depois vão levando os filhos e querem que o filho aprenda a tocar qualquer instrumento, não é o instrumento x, mas qualquer instrumento.

- Como maestro sente-se mais animador sociocultural ou professor?

Não, eu sinto-me mais... quer dizer, eu acho que o maestro tem um papel.. é um pouco isso tudo, não é? É um pouco isso tudo! O maestro também tem, não é animar, mas tem que... estando ali à frente de uma formação está logo a dar identidade. Se for um bom maestro automaticamente o público irá reagir de uma maneira diferente, se for mau maestro irá reagir, também, de uma maneira diferente. No fundo o maestro tem um papel de animador, no fundo é o seu papel, não é? Acho eu, acho eu!

- Em termos de organização, com que objetivos é que preparam os concertos?

Quer dizer, a Banda tem sempre aqueles ensaios e preparamos os concertos quando são... uma coisa é um concerto fechado, não é, em recinto fechado. Outra coisa é um concerto em recinto aberto. Os de recinto aberto é uma preparação mais banal, digamos assim. Quando são recintos fechados, aí sim, é um programa estipulado e trabalhamos o programa porque o espaço é diferente, não é?

- Como maestro, quais são as metas a que se propõe para os concertos?

É essencialmente melhorar, ponto a ponto, ano após ano, tentar sempre fazer com que a Banda tenha a sua identidade, não é? Que as pessoas, aquelas pessoas que realmente percebem de música cheguem ali e digam: “realmente, este grupo está sempre evoluir, está sempre a crescer!” Não é? No fundo é esse o papel, é dar identidade a uma formação musical.

- Qual o valor que o público dá aos músicos?

Costuma ser bom. Hoje em dia é fácil, porque há... hoje em dia, aí está, começa a haver pessoas que começa a ouvir e estão ali e começam a ouvir aquele naipe ou aquele naipe: “Ai, aquele naipe das tubas é muito bom! Aquele naipe dos trombones é bom! Aquele naipe das trompas, tocam bem. Aquele percussionista toca bem...” não sei quê... isso, quer dizer, eu acho que é importante, é importante, não é? Já não é no todo, mas sim no individual!

- Que importância tem uma banda filarmónica no panorama musical português?

É importantíssima, e deve ser apoiada ao máximo, porque as bandas tiveram e continuam a ter e irão continuar a ter um papel, acima de tudo, de formação e de cativar novos públicos para, para, para... não só para a música clássica, eu acho que no fundo, as bandas filarmónicas têm por objetivo formar, formar gente, não é? Formar gente, educar gente.

Se uma banda, de repente, a escola se tornar uma escola com paralelismo pedagógico deixa de ser banda, não é? E é nesse sentido que seria fazer nascer escolas... era separar, quer dizer, a banda continuava a ser banda, mas cria-se, com uma separação. Através da banda existir uma escola com paralelismo, mas a banda nunca estar ligada a essa escola. Eu defendo muito isso. Porque a banda não está ligada à escola vai deixar de ter aquela natureza, isso aconteceu em muitas bandas.

No entanto, o lado pedagógico e institucional pode dificultar o lado associativo. Porque depois a escola pode crescer muito e a banda vai abaixo. Coisa que já aconteceu em muitos casos aqui em Portugal, criaram-se as escolas e a banda passou para 2º plano, para 3º plano, 4º plano até que acabou, não é?

-Que projetos ambiciona para o futuro da Banda?

Olhe, não sei... acredite nisso! Eu gostava muito de lhe poder responder a essa pergunta, mas... é o dia a dia. Quer dizer, é uma banda... se me perguntasse se eu estivesse à frente de uma orquestra eu dizia-lhe já, numa banda é diferente. É outro tipo... não sabemos o que vamos fazer amanhã, não é? Enquanto que se fosse numa orquestra dizia-lhe já: “olhe, estou a pensar no

próximo ano fazer aquele programa dentro daquela calendarização...” dentro das bandas isso não funciona. Porque não há uma calendarização, que deveria haver. Só mesmo aquelas orquestras um bocadinho mais evoluídas, mas não há! Mas deveria haver para que os públicos tenham acesso, os músicos,... mas essencialmente as pessoas, não é? Que tenham acesso, que abrem o livro e: “Ok, vão tocar aquela obra, naquele dia naquele local. Ah, sim senhora!” Aí dizia-lhe já qual é o meu objetivo, agora uma banda não. Uma banda não se pode estar com essas coisas...

A banda já ganhou dois concursos internacionais e eu não estava a contar com isso. Olhe, foi de repente:

- “Olhe, vamos àquele concurso”

- “Eh, maestro, mas isto é impossível, nós não temos nada assim preparado.”

- “Mas vamos, vamos!” - E lá fomos e digo-lhe, por sorte ou por trabalho, não sei, mas lá conseguimos e para o currículo da Banda também foi bom e para o meu também, obviamente!

- Que recomendações daria a quem se quer dedicar à música?

Olhe, que começasse assim com uma base de leveza... que vão assistir às suas bandas filarmónicas, aos seus ensaios, vão com os pais – aqueles miúdos mais novos – vão vendo como é que funciona. Porque é a partir daí que começa a aparecer aquele bichinho, é, é, sem dúvida!

- Qual o futuro das Bandas?

O futuro das bandas, eu acho que é bom! Eu acho que o futuro das bandas é bom, agora é uma questão de continuar e inovar. Não caíndo nessa, vai-me desculpar, nesse show-off que se está a cair agora um bocadinho, mas eu penso que isto é um ciclo, as bandas passam por bons e maus ciclos e estamos agora nesse ciclo, não é?

- Qual o melhor conselho para se dar a uma banda?

Que sejam justos para com quem trabalha, que sejam corretos na forma como estão a encaminhar a banda, porque a instituição é sempre o mais importante, não é? No fundo é sempre mais importante, porque sem a instituição eles não fazem nada. E outra coisa, que não se aproveitem dela para... não é? Porque é nisso que muitas caem, as próprias pessoas apoderam-se das instituições para, no fundo, brilharem e para serem... Eu costumo dizer, eu estou a dizer a Banda Filarmónica de Amares, mas ela não é minha, eles pagam-me para eu fazer um trabalho, mas a Banda não é minha, não é? Eu acho que é de toda a gente, não é?

Agora nunca nessas instituições, muitas das vezes apoderam-se das pessoas, apoderam-se... e tomam o tempo como um dado adquirido e isso estraga muito, muito. Eu vejo coisas horríveis, coisas horríveis, mas pronto, é a vida!

ANEXO 6 – INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO AOS ELEMENTOS DA BANDA FILARMÓNICA DE AMARES



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Questionário

O presente questionário insere-se num projeto de investigação que visa a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Criança, na área de especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural, ministrada na Universidade do Minho, cujo tema é: **A Banda Filarmónica como Associação e meio de Animação Sociocultural: Estudo de caso da Banda de Amares.**

Com a aplicação do presente questionário pretende-se recolher informação sobre a opinião que cada elemento constituinte da Banda Filarmónica de Amares tem relativamente à Banda, para caracterização da mesma e, posteriormente, comparar as informações recolhidas e retirar daí conclusões.

O presente questionário é anónimo e todas as informações contidas são de total confidencialidade, uma vez que se destinam a uma investigação.

Agradeço o maior grau de sinceridade possível para que o trabalho possa resultar numa investigação coerente e fundamentada na realidade.

Obrigada pela disponibilidade e participação!

I – Dados pessoais

1.1. Sexo:

☐ Masculino

☐ Feminino

1.2. Idade

☐ Menos de 10 anos

☐ 30 a 34

☐ 55 a 59

☐ 10 a 14

☐ 35 a 39

☐ 60 a 64

☐ 15 a 19

☐ 40 a 44

☐ Mais de 65

☐ 20 a 24

☐ 45 a 49

☐ 25 a 29

☐ 50 a 54

II – Percurso Académico

2.1. Habilitações Literárias

☐ 1º Ciclo do Ensino Básico

☐ 2º Ciclo do Ensino Básico

☐ 3º Ciclo do Ensino Básico

☐ Ensino Secundário

☐ Ensino Superior

2.1.1. Se na questão anterior escolheu a opção “Ensino Superior”, responda:

O facto de fazer parte da Banda teve influência no momento da escolha no ingresso no ensino universitário?

☐ Sim

☐ Não

De que forma?

2.2. Profissão

III – Formação Musical

3.1. Há quantos anos iniciou a sua atividade musical? _____ anos.

3.2. Formação a nível musical:

____ Nenhuma

____ Banda

____ Outra Qual? _____

IV – Informações Relativas à Banda

4.1. Com que idade veio para a Banda? _____ anos.

4.2. Há quantos anos faz parte da Banda? _____ anos.

4.3. Já frequentou outra Banda?

____ Sim ____ Não

4.3.1. Se sim, qual? _____

4.4. Qual o motivo que o fez ingressar na Banda? (pode assinalar mais do que uma opção)

____ Porque tinha ou tem familiares na Banda

____ Por vontade dos meus pais

____ Porque tinha ou tem amigos que tocavam/tocam nesta ou em outra Banda

____ Por gosto

____ Outro (s). Explique: _____

4.5. Já trouxe algum amigo ou conhecido seu para a Banda?

____ Sim ____ Não

4.5.1. Se sim, diga quem: _____

4.6. Que instrumento toca? _____

4.7. Como considera o nível da Banda?

____ Baixo

____ Médio

____ Bom

____ Excelente

4.8. Relativamente ao grau de satisfação, como se sente na Banda?

___ Pouco satisfeito

___ Muito Satisfeito

___ Satisfeito

___ Planamente Satisfeito

4.9. Concorda que o facto de ser músico e fazer parte da Banda isso se reflete no seu dia a dia, a nível pessoal e/ou profissional?

___ Sim

___ Não

4.9.1. Explique:

4.10. Se pudesse, o que mudaria na Banda? (relativamente ao ensino da música, ensaios, convívio)

4.11. Relativamente às atividades da Banda, quais as que mais gosta de realizar?

___ Arruada

___ Concerto à noite

___ Missa

___ Concerto (em jardim, auditório, outros espaços)

___ Procissão

___ Festival com outras bandas

___ Concerto à tarde

___ Festas nacionais e internacionais

V – A Banda e a Animação Sociocultural

5.1. Considera a Banda uma forma de Animação Sociocultural?

___ Sim

___ Não

5.1.1. De que forma é que a Banda evidencia essa característica?

5.2. Qual a reação do público em relação à Banda?

5.3. Relativamente ao convívio entre os elementos da Banda, como o classifica?

___ Mau ___ Bom ___ É-lhe indiferente
___ Satisfatório ___ Muito Bom

5.3.1. Explique como se processa

5.4. E a relação dos músicos com a direção da Banda, como se processa?

5.5. Considera que a Banda contribui para a divulgação e promoção de Amares?

___ Sim ___ Não

5.5.1. Porquê?

5.6. Existe animador sociocultural na Banda?

___ Sim ___ Não

5.6.1. Quem é?

5.7. E animador musical na Banda?

___ Sim

___ Não

5.7.1. Quem é?

5.8. Qual o papel desse animador na Banda?

5.9. Relativamente ao maestro, qual a sua opinião acerca do trabalho desenvolvido na Banda?

5.10. Considera a Banda um lugar privilegiado de ocupação dos tempos livres dos jovens?

___ Sim

___ Não

5.10.1. Explique

ANEXO 7 – GUIÃO E TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA À DIREÇÃO DA BANDA FILARMÓNICA DE AMARES

I – Historial da Banda Filarmónica de Amares

A Banda Filarmónica de Amares comemora este ano 160 anos de existência (a sua fundação remonta a 1853), é atualmente constituída por 60 elementos.

- Qual o principal motivo para a criação da Banda?

António: *Pois... isso para nós é um bocado complicado! É difícil de explicar. Há razões para isso, não é? Porque a informação que nós temos da Banda é que isto começou por ser um Padre, não é? Aqui numa aldeia que começou com um grupo, os chamados “Capela”, com um grupo de músicos que na altura chamavam uma Orquestra de Capela, são meia dúzia de músicos...*

Sandra: *Não sabemos o historial, mas provavelmente até teria sido criado algo aliado à Igreja, já não há muitos relatos disso...*

António: *O relato que temos é que foi efetivamente um padre aqui de uma aldeia vizinha que criou um Grupo de Capela e esse terá sido, digamos, o início desta Banda, agora o que o levou realmente a fazer, criar esse grupo não faço ideia, há aqui realmente, há uma coisa pelo meio que realmente não podemos, há aqui... muitos tempos perdidos e há poucos relatos do passado, aliás uma das coisas que lhe enviei, eu não sei se mandei, penso que enviei uns relatos que foram recolhendo, um documento de artigos de jornais da época, das festas que se fazia aqui, ali e acolá... não temos nada, não há documentação, é um grande problema desta Banda, tem uma grande falta de documentação até determinada altura, as coisas foram... surgiram, sempre de uma maneira muito voluntária, foram aparecendo sempre de uma maneira muito voluntária, pronto, as coisas foram surgindo ao longo do tempo, presumo que a determinada altura terá andado assim um bocado... não teve um funcionamento normal e lá surgiu sempre alguém que conseguiu, digamos, ressurgir a situação. Mais um voluntário que pegou nisto às costas e tal, juntou mais uma série de músicos, não sei quê. Há um relato de um senhor, também, de Carrazedo que até ensaiavam na casa dele - que a Banda passou por vários locais, nunca foi exatamente aqui -, de resto vai reparar que lá, naqueles documentos que eu lhe envio, ela começou por chamar Banda... a Banda da Feira Nova de Amares, antes disso era, sei lá, já não me recordo, só mais tarde é que passou a Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares e depois quando nós chegamos aqui é que passou, embora em termos de*

documentação ainda aparece Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, porque para isso teríamos de levar e nós não quisemos estar aqui a criar grande conflito com os Bombeiros porque a Banda nunca foi dos Bombeiros, nunca houve bombeiros efetivos na banda.

Sandra: *Nunca foi aquela banda típica de Bombeiros que se costuma ver, as fanfarras, não é? Que se costuma ver nas fanfarras, mas a Banda nunca teve essa ligação.*

António: *Teve necessidade, tal como está relatado numa ata, teve necessidade em determinada altura - em que como contam no tempo do Salazar e essas coisas -, as associações não eram fáceis de se criar, portanto tinha que haver sempre alguém, não é?, uma instituição forte onde as outras andavam sempre à volta, isto é, associavam-se, não era como hoje, hoje criamos uma associação de qualquer maneira, na hora, não é?, antigamente isso não era permitido, no tempo do Estado Novo era controlado, portanto, a Banda na altura ligou-se, ou melhor, entrou na Casa dos Bombeiros para poder existir como associação, mas nunca, não teve nada a ver com os bombeiros, foi um "favor". Aliás, é engraçado que aparece lá uma ata em que aparece um maestro que é o maestro, o Sr. Dias que faz uma assembleia geral e então é ele que propõe exatamente nessa assembleia geral que a Banda... que os Bombeiros de Amares permitam que a Banda utilize o nome, que achavam que era necessário que as bandas tivessem ou as organizações tivessem sempre um nome de uma associação qualquer, portanto elas viviam acopladas a outro tipo de estrutura, daí, foi nessa altura que passou a Banda dos Bombeiros Voluntários, porque antes era a Banda da Feira Nova... Funcionava tudo assim um bocado... Não é? Há aqui efetivamente pouco, não há relatos muito fortes da história da Banda, os dados que temos é que terá nascido por volta de 1853, de resto fizemos uma homenagem a esse tal Padre Marcelino, que é daqui de Prozelo, que nos parece é que foi criada aqui em Prozelo, em 1853, a data exata que, e terá sido esse senhor que avançou com essa... portanto, com a Banda, exatamente. Depois não há dados muito concretos, de 53 para cá não há, até 1930 e qualquer coisa não há, há relatos, mas não há nada de concreto, só mais tarde é que começam realmente a aparecer assim datas e depois aparecem os artigos de jornais que a Banda esteve numa festa não sei onde, não sei quando...*

Sandra: *Também provavelmente porque como andavam... a Banda nunca teve, ou nos seus inícios, não teve uma sede fixa, provavelmente qualquer tipo de documentação, provavelmente foi se perdendo dessas mudanças, mesmo desses locais, ditas, não sei se podemos chamar sedes, mas...*

António: *A maior parte das bandas funcionavam com voluntarismo, com meia dúzia de voluntários que andavam com isto às costas e juntavam um grupo de músicos. O prazer que tinham em ter uma banda da terra e aqui na Feira Nova... como os antigos daqui puxavam tudo aqui para a Feira Nova. os Bombeiros para aqui, Amares ficou deserto, trouxeram... trouxeram o Centro de Saúde, criaram uma Banda aqui, como era Feira Nova criaram a Banda da Feira Nova, não é?, não era nada de Amares, era a Banda da Feira Nova... Porque é no fundo meia dúzia de indivíduos voluntários que andavam sempre com estas situações. Entretanto, mais tarde foram-se criando outros, digamos, outros caminhos e foram-se organizando um pouco... Sei lá, penso que em 1930 e qualquer coisa, a Banda começou realmente a criar uma estrutura mais, mais direitinha, começou a haver.... as assembleias, as atas, essas coisas, até aí há um espaço, realmente...*

Sandra: *No fundo é o que temos hoje em dia, é o que resta dessa altura.*

- Que transformação sofreu a Banda até aos dias de hoje?

Sandra: *Pois, provavelmente nessa altura, lá está, é a mesma situação, nós, dos tempos remotos pouco sabemos, ou muito pouco sabemos. A nível de instrumentos, pelo que temos visto pelas fotografias, mantém-se mais ou menos o mesmo género de instrumentos até que já ultrapassa toda aquela época barroca e já são os instrumentos no fundo com finalidades, digamos assim, os instrumentos que existem hoje, provavelmente, com modelos, provavelmente não, de certeza absoluta, com modelos muito mais arcaicos digamos assim, mais rudimentares, mas obviamente são os mesmos instrumentos, já é a mesma época, portanto os instrumentos são mais ou menos os mesmos, o que varia assim, o que me recordo mesmo desde pequenina nas bandas, o que variou bastante foi a nível de percussão...*

António: *A percussão teve uma evolução muito grande, foi introduzido na percussão outro tipo de instrumentos, timbales, etc. essas coisas todas, as baterias, que antigamente eram bombo de rua. Esse bombo de rua era um prato, a caixa, a tarola, não sei quê, usavam, eram bastante... Hoje não, a percussão... e as bandas hoje são recheadas de um leque de instrumentos a nível de percussão, que são utilizados em...*

Sandra: *E mesmo em outro género de grupos e mais adaptados a bandas. A bateria introduziu-se muito recentemente, porque também as comissões de festas acabaram por... as bandas viram-se ou começaram-se a ver, algumas bandas, a ver-se obrigadas a fazer um tipo de repertório para apelar, ou para chamar público mais jovem, também a adaptar o seu repertório*

ou parte dele a músicas mais jovens digamos assim, obras mais jovens e obviamente mais populares, mais pop. Mais popular, não é isso! É mais pop e daí ter introduzido a bateria, outros instrumentos. Outra evolução que me recordo desde pequena nas bandas que não têm mais, estamos a falar aqui das últimas duas décadas, que é por exemplo usava-se muito os feliscornes e os cornetins, mais os cornetins e que agora é praticamente tudo trompetes, também os trombones eras trombones de pistões, chamados trombones de pistões e agora basicamente não me lembro de ver trombones de vara, mas são pequenas...

António: *Alterações...*

Sandra: *Sim, mas o instrumento é o mesmo, acabou foi o instrumento por evoluir de uma forma mais natural, não tem necessariamente a ver com bandas, alias não deve ter nada rigorosamente a ver com bandas, e também lembro-me de... não se usava muito as tubas, eram mais os contrabaixos e é assim, são essas as grandes diferenças que eu me recordo, desde pequena até agora. Lembro-me de antigamente, claro que depende muito da zona e da acessibilidade que as bandas têm ou conhecimento, acima de tudo ao conhecimento, porque se fores a uma banda de uma aldeia mais pequenina ou mais do interior, provavelmente ainda vais encontrar todos estes instrumentos que estamos a falar. Eu recordo-me, por exemplo, na primeira banda que toquei não havia sequer fagotes e agora é prática comum, todas as bandas têm fagotes...*

António: *Os instrumentos de orquestra foram introduzidos nas bandas para melhorar a sua harmonia musical, porque as obras que foram surgindo foram obras mais completas, mais arrojadas e naturalmente houve a necessidade de introduzir alguns instrumentos que normalmente eram utilizados nas orquestras e que passaram também para as bandas. No fundo são orquestras de sopro, também. A nossa, por exemplo é (risos), incrível! É uma orquestra de sopro, não é? (risos). Obviamente que brincamos com estas coisas, não é? Mas é um bocado isso, não há assim diferenças... exatamente, os instrumentos foram realmente evoluindo, houve introdução de alguns instrumentos que vieram também das orquestras, e realmente hoje, em termos de percussão, as bandas são muito mais completas do que no passado, bastante mais completas.*

II – A Associação da Banda Filarmónica de Amares

- Como funciona a associação da Banda?

António: *Como funciona? O problema das associações...*

Sandra: *É um assunto muito difícil.*

António: *Olhe, “carolice”, carolice... é mesmo isso, carolice! A associação da Banda funciona bem dentro do possível, o melhor possível! Não é? Mas diga-me uma coisa, quando diz como funciona, a associação, a banda não está longe do qualquer outro tipo de associação, isto é, o princípio é mais ou menos o mesmo das outras associações, não anda... temos... portanto um código de conduta, temos os estatutos que são de um modo geral os estatutos, não andam muito distantes uns dos outros, pelo menos nos princípios são sensivelmente os mesmos de outras associações, que depois vai-se readaptando a cada associação, em função das suas necessidades. Agora como ela é composta? Hierarquia? A hierarquia vai ver isso tudo nas atas da assembleia, e então aí é composta por direção, conselho fiscal e assembleia geral, que são sete elementos; portanto a direção é composta por presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário e dois vogais; na assembleia geral também é o presidente da assembleia, depois o secretário e também o vogal; E no conselho fiscal... acaba... a estrutura é igual a qualquer outra associação.*

Sandra: *A estrutura é igual a como qualquer outra, aliás, na altura e agora para se formar uma associação tem aqueles mínimos, obviamente que adaptamos sempre aos nossos estatutos, cada associação tem os seus estatutos, basicamente uma vez que a legislação obrigada, não há muita margem de manobra...*

António: *Depois tudo isto funciona como todas, três ou quatro, e o resto, o resto vem quando é necessário, mas isso é em todas as associações, acho que tem a ver um pouco connosco, a nossa maneira de ser...*

Sandra: *Já nem tem a ver com a associação em si, é mesmo com as pessoas, umas que deixam de ter disponibilidade, outras porque simplesmente, porque acabou... no fim é mesmo isso, é o nome, uma questão de respeito por algo que a pessoa pode ter feito um dia pelas bandas, ou porque já transitou de direções em direções e acabou por se manter a mesma pessoa...*

António: *O nosso presidente é, por exemplo, um homem que está na Banda há 30 e tal anos, a determinada altura, aqui há uns anos era necessário um mecenas, um indivíduo que fosse forte, as coisas eram sempre feitas em cima do joelho e havia sempre a necessidade de escolher uma*

peessoa que na hora de aflição estivesse ali para aguentar, não sei quê, não sei que mais. Nós hoje não funcionamos exatamente assim, o presidente é o mesmo dessa época, vem de há 30 anos para cá, nestes últimos anos é uma figura que mantemos, preservamos, uma pessoa na direção, uma questão de respeito...

Sandra: *Todo o trabalho que já desempenhou, o tempo que já dedicou à associação, à Banda, e portanto merece todo o nosso carinho, respeito, mas em termos ativos obviamente que não...*

António: *É uma pessoa que não, nem aparece, costumamos ir ter com ele, damos satisfações, vem às reuniões, assembleias gerais...*

Sandra: *Assembleias gerais, de vez em quando há reuniões de direção...*

António: *Assina documentos, cheques, ele continua... Mas é uma pessoa que nos dá carta-branca absoluta, confia completamente nas pessoas e não tem sequer e não quer intervir em nada, mantemos por uma questão de respeito, é uma pessoa que está aqui há 30 e muitos anos.*

Sandra: *Mas é engraçado porque nós sustentamo-nos e fazemos todos os possíveis sempre por tentar gerir para que a Banda seja 100% autónoma, mas ainda há muitas bandas, muitas bandas, eu arrisco-me a dizer que 90% das bandas que eu conheço ou mais continuam a sobreviver com um mecenas, presumo que agora seja mais complicado dado há situação atual do país e do próprio mercado, mas ainda há muitas bandas que nós conhecemos a sobreviver dessa forma, só que é muito complicado nos dias de hoje, muito difícil de gerir o que quer que seja.*

António: *Em termos de direção a estrutura da direção é mais ou menos, é esta....*

- A Direção da Banda recebe alguma recompensa monetária pelo trabalho desempenhado?

Sandra: *Não é nada sensível, não, é fácil de responder, até te digo mais, neste momento podemos dizer quase que pagamos, quase não, pagamos para ajudar a Banda. Temos imensas reuniões, trabalhamos imenso e é os nossos carros, com o nosso dinheiro, os nossos telemóveis para contactar sessenta músicos.*

António: *No outro dia pus-me a fazer contas... em 10 anos, assim por alto, só em telemóveis eu teria de apresentar uma fatura, só de telemóvel, de umas centenas de euros... Eu e todos nós.*

Sandra: *Só para teres uma ideia, a semana passada gastei 25€, tinha carregado naquele dia... em dois dias... dois dias gastei 25€ em telemóvel, por acaso foi fácil, tive que fazer umas chamadas...*

António: *Agora vezes três, imagine... nós gastamos os três no mínimo, mas é nosso, não temos qualquer tipo de renumeração, pelo contrário, andamos às nossas custas, a nós, por exemplo, eu, a Sandra faz parte da direção. Toca e é remunerada por aquilo, pelo trabalho dela, eu, por exemplo, desloco-me e outros diretores, desloco-me, almoço, janto, naturalmente tenho que comer e beber, mas saí tudo do meu bolso, não recebo absolutamente nada!... por aí, quanto a isso...*

Sandra: *A resposta seria “pagamos para estar aqui”.*

António: *Mas devo dizer que em termos de bandas filarmónicas, em todas, não, não há ninguém aqui, quase posso dizer de boca bem aberta, que toda a gente sabe desta situação, que sai do bolso...*

Sandra: *Não é nada sensível, não há dúvida.*

- Há sócios? - Se sim, qual o papel dos sócios na Associação?

Sandra: *Tem, tem. Antigamente, mais uma vez, não posso opinar muito, mas mais recentemente são sócios ativos no que diz respeito. São sócios que assistem a, se calhar, a mais ensaios que alguns músicos, pagam de vez enquanto as suas cotas, de vez enquanto organizávamos os chamados, eram eles que organizavam, o jantar dos Amigos da Banda.*

António: *Criaram um grupo que chamavam de Amigos da Banda que faziam jantares todos os anos e esse jantar, pronto, servia precisamente para a Banda ir lá buscar uns dinheiritos, estavam ali, um jantar bem pago, e então esse dinheiro revertia todo para a Banda, eram sócios que estavam ali para colaborar com a Banda, além da sua cota mensal, anual normal e depois em vez de pagar 10 pagavam 100, portanto é uma maneira de angariar fundos, portanto... Assistem aos nossos ensaios, vão aos concertos, deslocam-se com a Banda, alguns vão atrás da Banda para todos os locais, foram para Itália, para Espanha, assim um grupinho de doze só...*

Sandra: *E participam sempre obviamente nas assembleias gerais e têm voto como sócios...*

- Há alguma sociedade musical por detrás da Banda?

Sandra: *Sociedade musical não. A associação é a Banda Filarmónica de Amares e por si só. Só a Banda Filarmónica de Amares.*

- Qual o papel dos músicos da Banda na Associação?

Sandra: *Bem, no que me diz respeito, eu e o Bruno somos músicos e pertencemos à direção, mas de resto não tem mais ninguém. Não, sou só eu e o Bruno.*

- Os músicos e o maestro são remunerados?

Sandra: *Chamamos ajudas de custo, não é renumeração. Fazemos renumeração porque no fundo não deixam de receber um valor, mas no fundo são ajudas de custo para a deslocações, almoços e jantares, temos muitas festas que são manhã, tarde e noite e aí recebem uma renumeração. Nós chamamos remuneração, não é renumeração, no fundo são ajudas de custo para no fundo colmatar os custos que têm ao ir tocar.*

- A Associação exerce mais alguma atividade para além da Banda? - Se sim, qual?

Sandra: *Neste momento não. Já exerceu, tinha a Escola, na altura. Tínhamos a Escola aqui, que funcionava aqui, mas agora não, é só banda.*

- Há algum Animador Sociocultural na Associação? – E animador musical?

Sandra: *Eu achei engraçado, tu colocares essa pergunta no questionário, e eu respondi e vou-te responder a mesma coisa, nós não temos um elemento que se chama um “animador sociocultural” ou efeito ou com essa, digamos, essa tarefa, não é bem uma função, mais uma tarefa, eu respondi-te que é a Direção, acaba por ser a direção o próprio animador sociocultural, no fundo é quem promove todas as atividades que estão inerentes à banda, seja as festas, romarias, concertos, as aparições, que fazemos, os jantares, os convívios anuais que organizamos, outros jantares. Depois fiquei a pensar e efetivamente, entretanto ouvi o meu irmão a falar que ia pôr o Lima, o meu outro irmão, porque é um elemento que acaba por ser mais extrovertido, mais animado que acaba por fomentar a organização de um ou outro jantar, mas entre os próprios músicos, mas no fundo a figura animadora, no fundo é mesmo a direção, existem um elemento e depois acaba por ser o músico, ou um grupo de músicos que acabam por fomentar ou organizar jantares, como amigos fora do contexto Banda e mesmo dentro da Banda obviamente que existe isso, agora a figura animadora sociocultural não, só mesmo a direção.*

Temos uma função que se chama... a nossa direção divide-se, em direção administrativa, no fundo direção da organização, e temos a direção artística que é o maestro, portanto repartimos um pouco a tarefa, ou melhor, deixamos a cargo a tarefa musical da escolha do repertório, está sempre a trabalhar em paralelo connosco e trabalhamos em conjunto, a escolha do repertório para o ano seguinte, mas a parte da gestão dos músicos nos ensaios e nos concertos é da direção artística é o maestro que é responsável, por exemplo, para contratação de músicos é a direção que o faz, não é a direção artística, claro que tem a sua opinião conversamos sobre isso,

até porque nos damos todos bastante bem, mas é mais dentro disso, a direção artística que é na figura do maestro.

III – Escola de Música

- Em que ano foi formada a Escola de Música?

António: *É fácil, é questão de ir ver uma fotografia que tenho lá fora com o maestro espanhol na altura em que foi formada a Escola em 80 e picos, mas eu também... enquanto vocês conversam mais qualquer coisa, eu confirmo já qual foi mais ou menos...* (Sr. António ausenta-se e dá-se continuidade à entrevista, seguindo para o tópico posterior)

- Qual o motivo da criação da Escola de Música?

Sandra: *Olha, eu não estava cá nessa altura, provavelmente ainda era pequenita, mas entretanto o Sr. António também chega com a data. Mas tanto quanto me recordo, e penso que o Sr. António também terá a mesma memória que eu, tem no fundo a ver com o que estávamos a falar há pouco, que é a criação ou desenvolvimento, a formação daquelas pessoas mais velhas, que já estavam cá há algum tempo e sabiam tocar um instrumento, acabarem por passar essa formação a outros e a miúdos mais jovens e outras pessoas que estivessem interessadas de forma a dar continuidade à Banda. O objetivo foi certamente esse, até como em outras bandas costuma ser, mais ou menos o mesmo fim, naquela altura não havia escolas, não havia academias de música, não havia conservatórias acessíveis e disponíveis ou em zonas geográficas que fossem acessíveis a qualquer tipo de pessoa que quisesse estudar música e aqui na zona de Amares igual. Provavelmente a escola que já existia em Braga, a Gulbenkian e em Guimarães a academia Valentim Moreira de Sá, que existia antes dessa data, aqui teria de ser, e é como na maior parte das aldeias ou das vilas mais pequenas, essa informação ou essa formação passava de músico em músico, aqueles que sabiam tocar iam ensinando os mais novos e provavelmente foi por isso que foi criada a Escola da Música, para dar continuidade à Banda e para aumentar o leque de alunos e músicos que a banda poderia vir a ter.*

(Sr. António entra e retomamos a pergunta acerca do ano de formação da escola de música) - *trata do ano de 1995, sensivelmente, por aí...*

- Considera que a criação da Escola de Música foi uma mais-valia para a Banda?

Sandra: *Ai eu acredito que sim, na altura, sim, sim, sim, até porque estávamos a falar há pouco também, citamos dezenas de nomes que passaram por aqui, que nós, que são do nosso tempo*

e que nós nos recordamos de ver, de passar por aqui, portanto foram músicos até por acabar por fomentar muito... a manter as pessoas de Amares na Banda e acabar por ajudar a formá-los e para dar continuidade à Banda com pessoas também da terra e que tivessem esta possibilidade de ter essa formação aqui mais próximo e sem grandes custos. Como sabemos, o ensino da música, já nesse tempo, era muito caro, agora ainda é mas...

António: *Era muito importante na altura e ainda hoje é importante, até por uma questão de despertar... despertar os miúdos e encaminhá-los para a música, não é? Portanto as escolas funcionam um bocado também...*

Sandra: *Ocupação dos tempos livres de uma forma saudável que não os deixe desviar, como se costuma dizer, para os maus caminhos (risos) e era, eu recordo-me quando era pequenina que, pronto; apesar de na minha família, já estar ligada a, todos serem músicos antes, mas recordo-me que era uma forma, mesmo amigos meus que os pais queriam que eles fossem para a banda para se ocuparem, para não estarem perdidos nos cafés. (risos) É verdade, mas era... acabavam por ir ficando, ficando e muitos deles acabavam por reprovar.*

António: *Depois uns seguem, outros não seguem, outros ficam por aí, depois há muita gente... é uma maneira de os despertar também para a música e ainda hoje continuamos...*

Sandra: *E aqui na Banda de Amares é muito isso, a Escola teve...*

António: *Exatamente...*

António: *E ainda há Bandas que ainda hoje, a escola em questão, é muito importante, e é, digamos, o sustento das bandas...*

Sandra: *Conheço muitas bandas...*

António: *Em bandas muito interiores, por exemplo, em que funcionam com...*

Sandra: *Só funcionam assim porque não podem ir buscar músicos longe, não é? Nós estamos aqui num meio que até nos permite ter acesso a músicos, digamos assim...*

António: *Nesse aspeto aqui estamos seguros...*

Sílvia: *Estão bem localizados!*

António: *Estamos muito bem, até porque nós podemos, nós neste momento recrutamos, para nós é mais fácil, por exemplo, ir buscar, em vez de ter a Escola aqui, a funcionar aqui, embora já é, ok, tudo bem, nós neste momento vamos recrutar já gente com uma formação elevada.*

Sandra: *Até porque o nível da Banda acaba por o exigir.*

António: *Depois reflete-se exatamente no nível, porquê, porque já vamos buscar miúdos dos conservatórios, tudo aqui à volta...*

Sandra: *E outros na universidade a terminar a universidade.*

António: *E que também lhes faz falta ter uma banda deste género onde eles possam também por em prática aquilo que vão aprendendo no dia a dia e expandir também um bocado as suas capacidades e etc. Portanto a Banda funciona também de certo modo para esses miúdos como um meio, a orquestra onde eles podem crescer com qualidade e começar realmente a... Temos aí exemplos, vários, de rapazes que começaram na Escola da Banda, depois foram andando e hoje, por exemplo, estão em orquestras internacionais.*

Sandra: *E temos outro jovem, o Samuel, o Samuel é um exemplo, passa a vida a dar na televisão, ele está a tocar com uma das melhores orquestras do mundo e está lá há anos e ouvi dizer que ele tem contrato para quarenta anos, portanto (risos) e é e tocou aqui, eu lembro-me perfeitamente dele puto e começou aqui na Escola da Banda.*

- A Escola da Banda tem paralelismo pedagógico?

António: *Não, não.*

- Quantos alunos têm na Escola de Música?

Sandra: *A nossa agora não tem.*

António: *A nossa agora está desativada, porquê, porque nós passamos essa área da Escola, da formação, passamos para a AECA, portanto a AECA é criada, é uma associação cultural, à parte da Banda, em que a Banda, digamos que, fizemos aqui um pacto, não é, em que cedemos a Escola da Banda para a AECA e eles fazem a formação não só musical, mas também, aí sim, já tem outras áreas e depois digamos que esses miúdos vão regressar aqui para a Banda, temos a AECA a funcionar nesse esquema, no fundo a Escola existe, mas não aqui fisicamente.*

Sandra: *Mas começou aqui...*

António: *Mas começou aqui, só que pronto, quer dizer...*

Sandra: *A própria AECA começou aqui...*

António: *A AECA começou aqui, foi daqui que ela saiu da Banda, não é, precisava de mais espaço, entretanto começaram a criar outras atividades, desde o teatro, não sei quê, e por aí fora e foi necessário fisicamente arranjar espaço para isso, no fundo é autónoma, mas está ligada de certo modo aqui à Banda e digamos que também nos fornece músicos, não é? (risos)*

Sandra: *É um termo assim frio, mas no fundo é um bocado isso.*

António: *Há aqui um trabalho entre as duas associações que funcionam e para nós facilita-nos mais, porque, porque senão teríamos que...*

Sandra: *E tínhamos de ter outras infraestruturas, outros investimentos que nem sequer nos permite meios para conseguir...*

António: *Temos a nossa vida profissional, também lá está, quer dizer...*

Sandra: *Como dissemos, não somos remunerados, temos de ganhar a vida...*

Qual a formação dos professores da Escola?

Sandra: *Da escola? Pelo que sei são todos licenciados em música, uns em formação musical, em ciências musicais, pela Universidade do Minho, são quase todos formados, não, todos não... são todos licenciados, uns na área de instrumento mesmo, são instrumentistas, fizeram o curso em música, mas vertente instrumento, e outros são, por exemplo a professora de formação musical é de ciências musicais, portanto todos eles, que eu tenha conhecimento, assim que me estou a lembrar são todos licenciados em música.*

- As aulas na Escola de Música são pagas?

Sílvia: *Podemos agora dividir a próxima questão em duas partes: as aulas da Escola de Música eram pagas quando era aqui?*

António: *Havia uma contribuição pequena...*

Sandra: *Sim, eu lembro-me que era assim uma coisinha basicamente para a parte administrativa de protocolos e assim outras coisas.*

Sílvia: *E agora, nas novas instalações?*

António: *Agora também, também, também.*

Sandra: *Penso que sim, não conhecemos a 100% o funcionamento, mas os professores são remunerados...*

António: *Exatamente, e os professores são remunerados, portanto, e o aluno tem uma mensalidade não muito elevada, mas paga uma mensalidade relativamente pequena para...*

Sandra: *Para pagar aos professores, administrativos, etc.*

IV – A Direção e a Banda

- No entender da Direção, como se deve caracterizar o trabalho do maestro?

Sandra: *Bem, no fundo é o que falamos há pouco. Ele tem, na nossa Banda, atenção, não sei se todas as bandas funcionam dessa forma, acho que não, na nossa Banda, nós gostamos de*

dividir, por uma questão organizativa e para toda a gente poder desempenhar bem o seu papel, no fundo, a sua tarefa, a sua função, dividir o que é a direção e direção artística, no caso do maestro, no nosso caso, a direção artística é o maestro e, portanto, a sua função no fundo acaba por ser a gestão dos músicos durante o período de ensaios, durante os concertos, as romarias, as festas. Tem como objetivo, como função, também, selecionar o repertório que acha adequado para o leque de músicos e de naipes, e o tipo de, o nível, digamos assim, da Banda e dos instrumentistas que tem e, no fundo, é isso. Não sei se respondi diretamente à tua questão, mas é esse, no fundo, o papel e acaba por ser sempre, é pedagogo, tem uma função pedagógica muito grande e em qualquer uma das situações seja, é gestão de pessoas, faz uma gestão de pessoas como nos temos de fazer num contexto um bocadinho... nem é diferente, nós acabamos por estar lá também (risos) faz também a gestão de pessoas como nós fazemos.

- Em que aspetos é que a Banda tem evoluído?

Sandra: Bastantes, acho que sim! Muito... Acima de tudo, é a minha opinião, não sei se o Sr. António concorda comigo, a mentalidade evoluiu muito ao longo deste tempo e evoluiu no que diz respeito à questão musical, porque antigamente os músicos não tinham formação musical, profissional, digamos que não eram profissionais, não havia grande acesso a ensino profissional da música. Portanto, o nível das bandas, da nossa Banda em particular, cresceu abruptamente. Obviamente que o nível da Banda cresceu porque temos músicos, quase todos profissionais e os que não são (impercetível) porque obrigatoriamente acaba, por toda a estrutura e por toda a forma de pensar da direção e da organização tem de evoluir também. Portanto, foi-se adaptando, tentamos sempre, e agora falando um bocadinho mais no nosso mandato, também é o que eu conheço melhor, mas tentamos tornar com que a Banda seja mais jovem, mais apelativa, mesmo a nível de imagem, desenvolvemos um marketing, associados sempre a um trabalho de marketing, temos um logotipo que foi criado novo que foi criado, mantendo, tentado ir buscar a história, mas tentamos dar um ar mais jovem, mais fresh. Depois temos a questão da imagem, um fardamento mais jovem, com umas linhas já mais modernas, no que diz respeito mesmo a marketing, as ofertas que damos às outras comissões de festas e às outras bandas com quem tocamos, os rol ups que colocamos no palco, as lonas que colocamos, os pop up's, as agendas, que foi um sucesso, fomos a primeira banda, eu arrisco-me a dizer primeira banda porque eu pesquisei muito antes disso, fomos a primeira banda a ter umas agendas, que tiveram primeiro um formato em folheto tripartido, entretanto diminuimos porque

vimos que os velhotes e os senhores gostavam muito de o guardar no bolso da camisa, então fizemos uma agenda de acordo com o bolso das camisas dos cavalheiros, e começamos a imprimir 3000 exemplares e nunca chegam, há pessoas que nos mandam e-mails ou ligam a pedirmos para mandarmos com muita antecedência, pelo correio, antes de começar as festas.

António: *Até de Vila Real. Tenho um senhor que todos os anos manda um envelopezinho... As gravações, os áudios...*

Sandra: *DVDs, CDs. Já temos dois CD's gravados, o site, quase todos os anos mudamos o site...*

António: *Fomos a primeira banda a fazer um vídeo de apresentação às comissões de festas, com portefólio, levamos sempre um computador, onde mostramos aí às pessoas o que é a Banda de Amares, levamos uma agenda, levamos todas as obras ou registos delas, tudo, tudo o que a Banda toca, o historial, etc. Fomos a primeira banda a fazer isso e realmente, quando as pessoas nos viam a entrar de pastinha, as comissões de festas estavam habituados, como antigamente, a contratar as bandas a beber uns canecos, quer dizer, quando nos veem entrar realmente... Hoje já há outros a fazer isso, mas fomos os pioneiros...*

Sandra: *Foi a agenda e foi essa comercialização. Criamos o departamento comercial...*

António: *Criamos aqui uma estrutura de marketing, de um modo geral, que não era habitual nas bandas e que ainda não é na maior parte das bandas.*

Sandra: *Temos um portefólio muito rico, além de ter as agendas anteriores, nós arranjamos, até de forma digital enviamos. Tem as agendas, tem a agenda do ano, tem duas ou três de anos anteriores só para terem uma ideia do tipo de festas que fazemos, fotografias, historial, os ritmos. É uma compilação, recortes de notícias em que aparecemos...*

António: *Das saídas para Itália, apresentamos isso tudo isso às pessoas e levamos sempre uma gravação para as pessoas poderem ouvir.*

Sandra: *E oferecemos sempre um CD.*

António: *Nunca me esqueço de um senhor que chegou ao fim não interessa, o nome, virou-se para ele e "o que é que eu vou dizer?", isto toda a gente..., pois, realmente, nós nunca vimos ninguém fazer uma coisa destas, quer dizer, não temos nada, a Banda está contratada.*

Sandra: *Tivemos assim, mesmo a nível de contrato, a nossa tipologia de contrato está muito claro, muito comunicativo, tem já todos os dados que é preciso ter relativamente mesmo a requisitos, do palco, dimensões, temos estrado, uma dimensão diferente, precisamos de isto lá,*

de uma estrutura um bocadinho maior porque também somos bastantes, e então, acondicionar tudo nem sempre é fácil, depende um bocadinho onde “caímos”...

António: *Não é fácil, uma banda, uma banda onde tem uma apresentação em palco estrados e etc, dimensões diferentes,... obrigatoriamente, temos que ter uma estrutura bastante, e tudo isto começou nesse plano.*

Sandra: *Também temos que começar a refrescar, dar um refresh às bandas, foi principal, o nosso “investimento” do nosso suor do nosso trabalho no marketing, então achamos como eramos mais uma, isto dito, não estamos aqui a tentar vangloriar-mo-nos, não é disso que se trata, no fundo a fitar o que outros nos foram passando e obviamente que fazemos o valor e nível musical que a nossa banda tem e reconhecemos, e também é bom que sejamos reconhecidos por outros e uma vez que a Banda já tinha atingido um nível considerável achamos que devíamos adaptar a imagem a ela mesma e que merecia ter um refresh e ter um ar mais jovem mais comunicativo que passasse mais para o povo, que fosse apelativo no fundo, e tem resultado muito bem, fomos os pioneiros e orgulhamo-nos disso.*

António: *Nós também andamos no mercado e temos que conquistar o mercado e temos um produto que de certo modo vamos vender ao mercado, ao nosso mercado e então temos que ter argumento, não é? Para vender o produto da melhor maneira.*

Sandra: *E para quem não nos conhecesse ficar a conhecer melhor, é mais fácil, mostramos uma gravação de um DVD, nosso ao vivo é bem mais fácil do que estarmos a tentar vender uma coisa que as pessoas não estão a conseguir visualizar ou ouvir...*

António: *Essa, digamos que foi uma das grandes evoluções.*

- De que forma é que a Banda contribui para a divulgação e promoção de Amares?

Sandra: *Olha, de muitas formas, claro que o Sr. António pode fazer aqui um upgrade ou do antigamente ou de tempo em que eu posso não ter estado presente ou que eu não conheço bem, mas eu acho que acima de tudo sempre que sai desta sede está a promover Amares, até porque nós temos muitas festas, somos das bandas que tem mais festas, graças a Deus, obviamente que trabalhamos muito para isso, claro que sim, mas e por tudo isto que acabamos de falar, mas sempre que sai divulga o nome de Amares, até porque os próprios rol ups que fizemos, nós temos dois rol ups, não sei se reparaste no Domingo da festa, mas nós temos dois rol ups, um que tem a imagem da Banda e com enxertos de fotografias alusivas ao logo, etc e temos outro só sobre o município e só com fotografias do município de Amares, outra forma é*

sempre as deslocações, as deslocações no país, a nível nacional e internacional, os concursos que fizemos como ficamos sempre muito bem classificados. No de Barcelona ficamos em 2º lugar, mas merecíamos o 1º, isso está na internet, não sou eu que o estou a dizer, mas quando fomos a Roma, a Itália ganhamos os prémios todos que haviam para ganhar com pontuação máxima num concurso que exista há 10 anos, pela primeira vez tivemos a pontuação mais alta do concurso, portanto, obviamente que isso depois saiu, foi noticiado cá em Portugal, também nos jornais e claro que é uma forma... Levamos também como oferendas uma saquinha de marketing da Câmara, com vinho de Amares...

António: *Pedimos à Câmara e a Câmara também, digamos, é um parceiro muito forte, apoia-nos em termos de transporte e também em termos de subsídios. Para além disso é um parceiro principal da Banda também, para além disso fizemos que estes anos também, convidamos, decidimos fazer a divulgação de um produto de Amares, como Amares é uma zona de vinhos verdes, fornecem-nos os sacos, têm os sacos próprios para a garrafinha do vinho e, neste caso o vinho arranjamo-lo nós, que diga sempre Quinta de Amares ou qualquer coisa de Amares, oferecemos o saquinho, o saco diz “Aeroturismo”, e depois levamos panfletos do concelho, umas brochuras, e tal e então levamos sempre uns saquinhos para oferecer, para o maestro e às comissões de festas. Isto é uma maneira, é uma maneira forte de divulgar Amares, para além do nome da Banda de Amares que está lá, a nossa bandeira, que desfilamos sempre, a bandeira, a bandeira de Amares, o estandarte, também, depois, fechamos sempre de certo modo, com este presente, perfume do vinho verde e é uma maneira que temos. Aproveitamos também o facto de a Banda estar fora para também divulgar o concelho, para divulgar Amares, mas acima de tudo com o trabalho feito musicalmente.*

- Em que medida é que a Banda desempenha um lugar privilegiado de ocupação dos tempos livres dos jovens?

Sanda: *Os ensaios, e como te disse há pouco, também, nós disponibilizamos a sede e todas as salas que a sede tem para poderem vir estudar, os instrumentos, e estudar as obras que eles mesmos têm da própria Escola como as da Banda para virem para cá estudar depois temos os ensaios e as festas que te posso garantir que lhes ocupa muito tempo.*

- Quais são os projetos da direção para o futuro da Banda?

Sandra: *Olha, nós temos tantos projetos desde que estamos na Direção, só que não conseguimos realizar metade do que gostaríamos, simplesmente por, é triste dizê-lo, mas simplesmente por falta de verbas.*

António: *Um dos projetos seria ir aos concursos a que somos convidados muitas vezes.*

Sandra: *Recebemos convites de vários países, todos os anos e muitas vezes por ano por vários países, os músicos querem imenso ir...*

António: *Não há "com que"! Como diz o povo.*

Sandra: *Não... Mas os músicos querem muito ir e gostaram imenso da experiência até por que nos correu muito bem e é uma grande felicidade e uma grande motivação para o músico ir.*

António: *É uma felicidade muito grande e ir lá fora...*

Sandra: *Inicialmente nunca tínhamos ido e então começamos, aceitamos assim "vamos!". Vamos experimentar, vamos ver o que sai. Nunca tínhamos trabalhado com esse fim, trabalhamos sempre para concertos e/ou festas, mas a nível de concurso...*

António: *Foi uma aventura completa!*

Sandra: *Mesmo assim preparamo-nos muito bem! Selecionamos o repertório, fizemos o trabalho que nos cabia ...*

António: *Foi uma aventura de um modo geral, isto é, imagine o que é, por exemplo, mandar para Itália, no fundo eramos quase 60 pessoas. Encomendamos um autocarro e o resto de avião. Toda esta organização... e foi quase uma semana. Isto obrigou aqui a um trabalho...*

Sandra: *Uma logística...*

António: *Uma logística muito grande e foi realmente uma coisa...*

Sandra: *E depois, atenção, temos miúdos à nossa responsabilidade e pessoas, por acaso agora só temos uma pessoa de mais idade, e na altura também só estava o senhor Casimiro, mas temos aqui uma heterogeneidade de feitios, de idades, de formação, de tudo... e foi muito complicado gerir toda essa gente e a parte logística, tratar de tudo da parte dos voos, pronto, foram os músicos que trataram da parte de ir de avião, porque, eu estou a falar por mim, se não, não podia ir, por questões de trabalho, não podia investir aquele tempo na viagem de autocarro e acabamos por ir de avião, mas de qualquer forma a logística do autocarro, gerir as pessoas todas, o bem-estar de todos, alojamento, comidas, tudo isso e mesmo lá, as*

deslocações lá, ver se está toda a gente, cuidar do alojamento, ver se estão todos, se entraram todos, os ensaio...

António: *Depois criar horas livres, de passeio também, as viagens, as visitas... foi realmente uma logística interessante...E gostaríamos... esse era realmente um o grande projeto...seria esse! Outro projeto seria dotar esta sede de condições, mais concretamente a sala de ensaios, que realmente não tem condições. Acusticamente não tem... e gostaríamos, quer dizer, o grande, o grande, o grande, o grande projeto seria, realmente, um auditório, mas isso é uma coisa que nos passa... isso teria de ser a Câmara a... Lugar, ele existe, isso seria um projeto. É realmente o projeto!*

Sandra: *Uma sede com auditório, esse seria “O Projeto”!*

António: *Realmente aí teríamos uma banda e poderíamos fornecer música, concertos todas as semanas, que não está a ser aproveitado.*

Sandra: *Sim, poderíamos fazer ensaios, até os simples ensaios abertos. Claro que os nossos são abertos, mas os chamados ensaios abertos são aqueles onde as pessoas se podem deslocar de outras terras, de outras localizações poderem assistir a um ensaio aberto, que é praticamente como um concerto, mas que as pessoas podem assistir ao ensaio em si. Aqui nós temos as portas abertas, mas acaba por ser uma sala que não é tão convidativa. Como não é um auditório, as pessoas não se sentam, não têm as mesmas condições. Tem umas cadeiras, obviamente que as pessoas estão ali, mas não é a mesma coisa do que se fazer um ensaio aberto num auditório.*

António: *Apesar de que, tomara muitas bandas ter as condições que nós temos. Muitas bandas não têm... Mas para nós, neste momento precisávamos de mais e melhores condições de trabalho, principalmente em termos de sala de ensaios, o resto, a gente aqui não tem problema nenhum! Na zona de trabalho propriamente dita, que é a sala de ensaios, aí, realmente, precisávamos de uma sala em condições que não temos. Isso também seria um grande projeto.*

Sandra: *Isto acaba por ser uma mescla, poderíamos fazer um 2 em 1, tendo o auditório com um acoplado de, digamos assim, com umas salas de trabalho. E depois outro projeto, descendo assim um bocadinho, o sonho quase que é um instrumental novo para a Banda.*

António: *Isso sim, nascer um mecenas que...*

Sandra: *Sim, sim... precisávamos muito, muito, muito de instrumental, principalmente, como já tiveste oportunidade de ver, de percussão, principalmente. Os outros instrumentos as pessoas*

ainda vão trazendo. Ninguém pode levar um timbale de casa ou 4 ou 5 timbales de casa é impossível isso!

António: *Neste momento, em 10 anos nós vamos com 200 e muitas atuações, são muitas e muitas horas de trabalho!*